



83

OS DESPOZADOS

DA

MORTE.

OS DESPOZADOS

DA

MORTE

PELO

VISCONDE DE ARLINCOURT

TRADUÇÃO LIVRE,

POR

Joaquim da Costa e Silva.

Lisboa:

TYP. de R. P. Marinho.
RUA DA BOA VISTA N.º 22, — 2.º ANDAR.

1850.

I

O Contrabandista.

DEBAIXO do bello ceo da Catalunha, em 1811, a quatro legoas de Tarragona, habitava na bonita cidade de Reus a joven e bella Paquita Balcells, filha de um negociante do paiz. A revolução de Hespanha e as guerras de Napoleão haviam arruinado inteiramente a sua familia e disperzado os seus parentes. Orsã antes de completar os dezoito annos estava entregue ao sofrimento e á adversidade na edade, em que o coração ha necessidade de se abrir aos prazeres e ao amor. Seu pai, Francisco Balcells, tendo tomado partido con-

tra as tropas francesas, e caindo nas mãos do inimigo foi condemnado á forca como traidor e espião. D. Estevão de Monserrate filho de um rico commerciante da provincia, havia conseguido fazel-o escapar da prisão. Poucos annos depois, D. Estevão encantado pelos dotes phyzicos e moraes de Paquita pedia a Balcells que lhe concedesse a mão da filha; e este no leito da morte, dando o ultimo adeos a Paquita, lhe dirigiu estas solemnes palavras.

« Lego-te a D. Estevão. Se me tens amizade. sé sua espoza. »

Paquita, com os olhos inundados de lagrimas, respondeu a seu pai:

« D. Estevão será meu marido. »

E apertando com reconhecimento a mão da filha, Francisco Balcells exhalou o derradeiro suspiro.

O anno do lucto acabava de findar; e a orfã de Reus havendo perdido sua mãe em tenra edade, sentia que, isolada, sem parentes sobre a terra, lhe era necessario adquirir, quanto antes, um guia seguro, um apoio dedicado. Seu pai havia escolhido este guia; era D. Estevão de Monserrate. Ella não podia fazer melhor escolha, e todos lhe davam os parabens. Aquelle, com quem ella havia, promettido cazar, era o melhor dos homens.

Na edade de trinta annos, rico e com excelente educação reunia a isto uma figura distinta, um coração nobre, dedicação e amor. Que mais poderia ella ambicionar !

Por que razão pois retardava as nupcias a linda catalã.

Ah ! é porque o mancebo Pedro Walls se havia apoderado do seu coração. Pedro tinha apenas vinte annos, a sua estatura era esbelta e gracioza. Os seus olhos azues eram cheios de encanto e melancolia. Artista, muzico e poeta tinha uma voz encantadora, e lhe juntava as inspirações do genio. De tarde era bello vê-lo quando saía de Reus cantando e acompanhando-se da guitarra ; a multidão se reunia ao redor delle e o ar retinia com acclamações : todas as raparigas do paiz requestavam o guitarreiro.

Em todos os dias Monserrate supplicava a Paquita que fixasse o dia do seu casamento ; e em todos os dias a joven inventava um novo pretexto para differir a cerimonia nupcial. Em uma manhã comtudo, Paquita depois de passar uma noite de lucta interior e de soffrimentos occultos, decidida a acabar com suas bezitações, dirigiu-se ao forte de Tarragona. Ali rezidia um sancto ecclesiastico ao qual desde a infancia ella confiava os seus

mais secretos pensamentos. Chamava-se elle D. Manuel, e a orfã de Reus, sobretudo depois de um anno, lhe é muito affeiçoada; o padre é tio do guitarreiro!

« Meu padre. — Ihe diz a hespanhola, — sabeis que prometti ser espoza de D. Estevão; está bem! venho confessar-vol-o; tenho consultado o meu coração; não sinto amor algum por elle.

— O amor, minha filha, não é couza absolutamente indispensavel. Desagradar-vos ha D. Estevão?

— Não; admiro o seu caracter; elle é bom, generoso e leal, mas apezar de tudo isto...

— Compreendo maravilhозamente, minha filha. Em verdade, amaes um outro?

— Creio que sim, meu padre.

— E então quem é esse outro?

— É vosso sobrinho, Pedro Walls.

O padre franziu os sobrolhos. Um doloroso descontentamento se pintou em suas feições.

— Paquita Balcells. — respondeu elle, — vós não sabereis ser perjura. Recordai-vos que vosso pai na sua hora suprema recebeu de vós uma obrigação solemne, a qual vos não é permitido romper. Não saltareis pois aos vossos deveres: cazareis com Monserrate.

— Meu padre, resta-me ainda uma confis-

são a fazer-vos. Vosso sobrinho viu-me... falou-me.

— Compreendo. Elle ama-vos ?

— Assim m'o disse, attendi-o.

— Por que razão lhe destes ouvidos, imprudente ?

— Elle tem a voz tão dôce e tão terna ! quem terá força para rezistir-lhe ? Demais é tão dedicado e fiel...

— Em muzica e em poezia.

— Não, o que promette, cumpre-o.

— Pelo menos, minha filha, assim o canta.

— Oh ! que injustiça, meu padre. Sois o unico, que possa assim fallar de Pedro. Não amaeis pois, nem a elle nem a mim.

— Menina, — replicou D. Manoel, — é precisamente por vos amar a ambos que combato os vossos sentimentos, um pelo outro. Meu sobrinho, não tem fortuna. Vivo, inconstante e voluvel, ainda que dôce, amavel e sincero, deixou a carreira da advocacia para abraçar a de artista e de poeta, aonde só achará amargas decepções. Sem caza, sem bens e familia, não lhe é myster mais do que ar, melodias, independencia e amor. Livre e só pôde isto bastar-lhe. Pai e marido será bastante ? Eu vol-o repito, minha filha, é necessario que cazeis com Monserrate.

Paquita volta a Réus. Caminhava tristemente sobre uma pequena mula, com o coração opprimido e a cabeça inclinada. Gomes, o feroz Gomes, um dos piratas das costas, um dos contrabandistas mais nomeados do paiz, se chega a ella á saida do bosque.

Este homem, de estatura colossal era inimigo figidal de D. Estevão e admirador apaixonado de Paquita. Havia jurado que a orfã de Reus seria sua. Desgraçada della! pois tinha um destes caracteres indomaveis, os quaes, para conseguirem os seus fins, não param diante de obstaculo algum, não recuam diante de crime, por mais atroz que seja.

Luiz Gomes estava montado em um cavalo andaluz, cuja redea era guardaecida de guizos. Os seus cabellos negros estavam encerrados em um bonet bordado de prata guarnecido com um penacho catalão. Trajava fato de veludo azul enfeitado com agulhetas de ouro, e brozeguins de couro bordados, abertos no meio da perna. Uma banda de lã roxa listrada ondulava em seus hombros á maneira dos mantos escocezes. Tinha pistolas no cinto e espessos bigodes nos labios. Ainda que as suas feições fossem regulares, a sua phizonomia inspirava mais terror do que admiração.

— Paquita, — diz o contrabandista, adocando sua voz: — Voltaes de Tarragona, não é assim?

— Parece que o exercito francez se aproxima — replicou a menina.

— Sim e Tarragona terá que sustentar um terrivel cerco.

— A esquadra ingleza está felizmente ali, senhor Gomes, e dizem que a praça é inconquistavel.

— Mentem, a praça será tomada.

— As vossas palavras são aterradoras.

— Muito bem sei que é medo o unico sentimento, que vos inspiro. Não importa, devo dar vos uma advertencia salutar. A Catalunha vai ser invadida pelo inimigo; a hora dos perigos não tarda a soar, e então para vos proteger é melhor o ferro de Gomes do que a guitarra de Pedro.

A catalã não lhe deu resposta e apressou o passo da sua mula.

— E' necessario que vos esclareça sobre a actual pozição. Ondas de sangue vão correr aqui. Tomae cuidado, menina. Não são os *boleros*, nem as *castanholas* que podem rechassar o inimigo, serão as espingardas e as espadas. E' myster que um bravo seja vosso marido.

— Conforme com as ultimas vontades de

meu pai, — replicou a orfã, — cazarei com D. Estevão de Monserrate.

— Paquita, vós não o amaeis. Assim é só o seu dinheiro quem vos induz... Não será porém em Reus onde se farão as nupcias do rico; os seus cofres ahi correrão perigo. O general Suchet, vencedor de Tarragona, chegará aqui em trez dias; e o vosso futuro munido dos seus duros irá refugiar-se em Tarragona; o seu primeiro triumpho ao pe da sua bella será uma fugida.

— E vós o que fareis?

— Irei por toda a parte. Tenho muitos navios no mar. Mostrar-me-hei sempre, e nunca me oceultarei. Nasci nas montanhas, tenho vontade, força e coragem. Posso bastante e não temo couza alguma. Maldição sobre aquelle, que não sabe apreciar-me e intender-me. Rejeitam o meu amor; poderão talvez encontrar a minha vingança.

E metendo seu cavallo a galope, o contrabandista desapareceu.

A orfã continua seu caminho; chega ás portas de Reus. Avistou a pouca distancia uma multidão de pastores e raparigas, que escutavam o canto querido da Catalunha. A encantadora voz de Pedro Walls cantava ao longe estas ternas melodias.

Alegres filhos da Iberia,
 Correi todos ;
 O mar está socegado, o ar brando
 Que de perfumes no campo !
 Tudo é festa, aroma e encanto
 Ao redor de nós.
 Minha lyra ! oh ! canta com presteza ,
 Não a grandeza e a riqueza
 Mas a natureza e os bellos dias ,
 Lyra querida !
 Canta sempre !
 Ha couza alguma nesta vida
 Longe das cidades e das cortes
 Que valha a poezia e as flôres
 A independencia, a harmonia
 E os amores !

Poucas semanas haviam decorrido. Paquita já não estava em Reus ; as tropas francesas occupavam esta cidade, uma das mais importantes da Catalunha. O general em chefe estava junto aos muros de Tarragona e o cerco começava.

Apezar disto nenhuma inquietação reinava entre os cercados. A esquadra ingleza , que chegara , trouxera aos moradores abundância de viveres e munições ; parecia que a praça estava livre de todo o perigo. A confiança dos Tarragonezes chegava á cegueira ; e em quanto que o volcão rugia em redor dos baluartes, o hespanhol, dava bailes e concertos. Canta

va-se ao som de tiros, dançava-se sobre o despenhadeiro.

Em uma bella manhã de Junho, a linda Paquita Balcells, refugiada em Tarragona com o seu despozado Monserrate, ia para a cathedral.

Uma corda de despozada ornava a sua fronte virginal, e um veo branco lhe fluctuava sobre as espaldas. O seu vestuario era de elegante simplicidade. Ainda que tivesse o sorriso nos labios, seus olhos denotavam melancolia. Havia confiança e serenidade em seu garbo; mas a confiança era triste e a serenidade soffredora.

A ceremonia nupcial começou.

Paquita ajoelhada junto aos altares ouvia o trom do canhão misturar-se com o bimbalhar dos sinos. Agitada por negros presentimentos olhava em redor de si com uma especie de terror; parecia-lhe que o tio de Pedro Walls tinha a seus pés um sepulcro, que a igreja estava forrada de preto como um carneiro fúnebre, e que a morte em vez do amor preziam ao seu casamento.

D. Estevão estava junto della. Sua phisiognomia, aonde rayava a nobreza dos sentimentos e a lealdade da alma offerecia a imagem da felicidade. Agradecia a Deus com transporte a espoza, que lhe dava. Não longe deli chegando-se ao ouvido do recem-cazado, —

estava sua irmã, a bella Dolorida Mugnos Esta, na edade de 27 annos e viuva, havia 18 mezes, não se parecia de forma alguma com seu irmão. Tanto Monserrate se mostrava sempre socegado e generoso, quanto Dolorida se offerecia constantemente irascivel e apaixonada.

Um era cheio de sabedoria e mansidão; a outra era inaplacavel e colerica. A viuva Mugnos tinha, não obstante, elevação em seus pensamentos, justiça em seu coração. Era dotada de uma coragem heroica e susceptivel das maiores virtudes, assim como dos mais culpaveis erros. O marido, que havia perdido, rico proprietario de Villa-seca, a deixara senhora de toda a sua fortuna. Tinha uma habitação encantadora, notavel belleza e grande numero de adoradores; e, ainda que seu caracter tivesse alguma couza de extravagante, numerosos partidos disputavam a sua mão.

Os espozos sairam da Igreja. Um homem de estatura atheletica se chega a D. Estevão. Seus olhos scintillavam odio e furor; elle assusta os assistentes. Os seus movimentos eram ameaçadores e desordenados.

Era o pirata Gomes.

— Monserrate, — diz elle em voz baixa, —

eu amava Paquita antes de tu a amares. Tu acabas de pronunciar um juramento ante os altares, eu tambem; eis aqui o meu: « A primeira vez, que nós nos encontrarmos, face a face, em um logar secreto, longe dos homens, farás a tua ultima oração.

E Gomes se perdeu na multidão.

Ainda que estas palavras do malvado houvessem sido pronunciadas em voz baixa e só de modo a serem ouvidas de D. Estevão, Paquita as tinha, se não distinctamente ouvido, ao menos perfeitamente advinhado. Suas faces novamente impallideceram, e seu terror aumentou.

Uma outra tambem se havia achado colocada de maneira a penetrar o pensamento de Gomes na occasião, em que elle se chegava ao seu feliz rival: era Dolorida Mugnos. Um raio de indignação e furor tinha subitamente passado sobre a sua fronte como o relampago da tempestade. Pelo movimento de seus labios poder-se-hia julgar que ella falava, nenhum som porém havia emitido.

Entrando na caza de Monserrate, em uns dos mais bellos bairros da cidade, Dolorida sua cunhada se haviam retirado a um quarto a viuva Mugnos parecia violentemente agitada.

— Volto a Villa-secca, — diz ella a noiva — quero deixar Tarragona nesta tarde.

17

— E pensaes em tal, Margarida? ides expôr a vossa vida?

— Aprazem-me os perigos, Paquita.

— O inimigo tem cercados os muros da cidade; como haveis de sair della?

— Pelo lado do mar, pelo porto. Tenho a barca de um pescador; nella irei por as margens do Sul até ás ruinas do castello de Torenos; e d'ali em poucos instantes chegarei a minha caza.

— Porem estas ruinas são infestadas por contrabandistas, piratas e bandidos. Tendes ao menos alguem que vos acompanhe e defende?

— Sim tenho, minha irmã, um bravo mandebo.

— Como se chama elle?

— Pedro Walls.

Paquita encostou-se a um dos moveis, sentiu que os joelhos se lhe dobravam e que a respiração se lhe difficultava, o nome de Pedro Walls acabava de passar sobre ella como um ferro em braza sobre uma ferida mal cicatrizada.

— Pobre menina, lhe diz a cunhada, surpreendendo-lhe os olhos innundados de lagrimas, amastes este Pedro Walls, e o que é mais, ainda o amas. Nunca te fallei em tal,

ragem te foi necessaria ! O teu coração é da guitarreiro, e é com Monserrate que vindes da cazar.

— Que ! repreender-me-beis ?

— Não, Paquita, lastimo-te. Oh ! não sei eu que renunciaria voluntariamente a objecto do meu amor ! Julgaria preferivel a morte.

— A noiva derramava uma torrente de lágrimas.

— Se eu soubesse chorar imitar-te-hia, — dizi a viuva Mugnos — , porque tambem soffro, e bastante. Devoro porem as minhas dores e por isso são mais pungentes.

— Será possivel, minha irmã ?

— Vós o ides julgar, Paquita, amo e há longo tempo, não com este amor timido e tremulo, que, como o teu, cede á voz do dever e á autoridade da razão, mas com uma das paixões ardentes, que não reconhecem obstaculo algum, nem soffrem o menor freio. Neste amor entra, acredital-o-has, odio e desespero, porque amo e não sou amada. A tua sorte é menos terrivel da que a minha choras, porem es chorada.

A orfã de Reus com a cabeça inclinada para o peito como a flor, cujo tronco o vento quebrou, ficou por alguns instantes immóvel

Depois levantando sua fronte palida, ao redor da qual ainda estava a corôa de virgem, balbuciou estas palavras :

— E o vossa guia, é Pedro Walls ?
— Confiar-me-hei aos seus cuidados.
— Elle está junto aos muros da cidade ?
— Talvez estivesse na Igreja.
— Quem eu vi na casa do Senhor foi Gomes !

— Eu tambem.
— Elle fallou com Monserrate.
— Ouvistes as suas palavras ?
Paquita estremeceu e callou se.

— Este tambem vos ha amado, — proseguiu Dolorida com um sorriso amargo e sardonico, — mas vós recusastes a mão do feroz contrabandista porque os seus fogozos transportes vos espantavam. Todavia elle tem merecimentos ; o feroz pirata é valente a toda a prova. Citam-se delle ações magnanimas ; mais de uma pomba, no fundo da sua alma perturbada, tem chamado em voz baixa este vampiro.

D. Estevão, que procurava a espoza, interrompeu o intertimento das duas irmãs ; seu rosto, habitualmente sereno, denotava agora desascego.

— Que ! Dolorida ! ides deixar-nos ? — diz elle à viuva Mugnos. — Commetteis uma grande

imprudencia. Os francezes estão senhores de Villa secca e ides cair-lhes nas mãos.

— Elles não são bestas selvagens, — lhe respondeu friamente Dolorida. — Demais, imprudente, ou não, nunca volto a traz, uma vez tomadas as minhas determinações; a barca de Pedro me espera.

— A sua barca e a sua guitarra, sem dúvida? — responde Monserrate com tom escafandador. — Isto muda inteiramente a questão: já não é uma viagem penível e fatigante; é um folgado no mar, em companhia do poeta da moda; é uma tarde de encantos e meditações, o ruido das ondas e a claridade das estrelas. Abato bandeira ante similhantes felicidades. Que Deos vos ajude, minha irmã.

— Rogai antes por vós. D. Estevão, sou eu que me escapo aos perigos e é sobre vós que ruge a tempestade.

O cumprimento da prophecia da viuva Mognos não devia tardar. Poucos dias depois das nupcias de Paquita o al'arma se espalhava em Tarragona. O forte de Olivo acabava de ser tomado, a artilharia franceza desmantelava pouco a pouco, a orgulhosa cidadella. Havia uma brecha praticável; e a frota ingleza já apparelhava, prevendo algum desastre.

O general em chefe, Suchet, depois mare-

chal de França e duque de Albufera, intimou aos sitiados que se rendessem. Anunciava formalmente na sua proclamação que se não daria quartel a alguém no caso de se tomar a praça por assalto, e que, « se Tarragona fosse entrada à força seria entregue pelo espaço de tres dias e sem misericordia, aos sanguentos horrores do saque. Soldados, meninos e velhos, tudo seria passado ao fio da espada. (1)

Inuteis advertencias! os Tarragonezes, em logar de capitular, só respondem com insultos e desafios aos parlamentarios francezes. Comprazia-lhes imitar o furor das tropas de Suchet; não pouparam couza alguma para a sua perdição. O signal terrível é dado; os cercadores montam a brecha; os sinos tocam a rebate.

— Estevão. — grita Paquita do fundo da sua camara, — um assalto geral foi ordenado. Que detonações, e que gritos!... Escuta, o inimigo triumpha. Os sinos fazem retinir um som funebre.

— Monserrate estamos perdidos. Já a cidadella foi tomada!... e na vespresa de S. Pedro... no dia da festa do patrono da cidadela!... (2)

(1) O author, que se achou neste memorável cerco foi testemunha ocular dos acontecimentos, que relata.

(2) Neste dia fazia-se a festa do Padroeiro da cidadela e havia grande baile na casa da camara.

— Não Paquita, é impossivel.

— E tres dias! tres dias de saque!... repeté a catalã como louca; elles nos matarão todos, os barbaros!

Os clamores iam crescendo. O assalto havia concluido; a esquadra ingleza fugia; e o saque de Tarragona, autorizado pela espanhola ley da guerra, ia espantar a Hespanha.

Já, caindo do alto dos baluartes sobre a sua preza, os Francezes vencedores levavam tudo adiante de si. A cidade abandonada ao furor da vingança, nadava em fogo e sangue. Nada de perdão, nada de piedade. O Anjo extremidor estava alli.

— Virgem Santa, havei piedade de nós!

— Dizia Paquita, com o rosto rojando por a terra e aniquilada pelo desespero.

D. Estevão levanta sua espoza e a conduz para uma cisterna muito espaçosa situada em um dos pateos contiguos á caza. Esta cisterna estava secca, e até não havia lembrança de ella haver tido agoa; em cima da sua boca estava uma tampa toda carcommida.

— Que pretendéis fazer? Monserrate, — disse a orfã de Reus.

— Descâmos ao fundo deste pôço. Ha nela viveres para tres dias.

— Quem os pôz ahi.

— Fui eu, Paquita.

— O que! foram postos agora? ou de antemão?

— Aos primeiros toques do rebate. Tinha preparado um cabaz; não percamos tempo: segui me.

Os dous esposos se deixam escorregar por uma corda para esta especie de buraco, sua derradeira esperança, retiram depois a corda.

Neste momento uma voz de trovão retinia em caza de D. Estevão; era a voz de Gomes.

O vallente corsario estava a' bordo de um navio quando os francezes montavam a brecha. Com o seu olhar de lince tinha adivinhado imediatamente qual seria a sorte de Tarragona. Certo de que o inimigo furioso não pouparia nem a edade, nem a sexo algum tinha-se dirigido a toda a pressa para o porto, e dali com perigo de sua vida para caza de Paquita. Hayia pensado que acharia meios de salvar o objecto do seu amor, ajudando-se da audacia e da coragem, antes que a cidade caisse na mão dos cercadores. Tinha uma espada para matar o marido e um barco para lhe roubar a mulher e com isto uma energia, que não duvidava de couza alguma, uma força que de tudo era capaz.

Ei-lo pois em caza de Monserrate. A habitação está deserta, chama, nada de resposta.

Perde em inuteis pesquisas um tempo consideravel, não encontra os espozos. Bem depressa começam a ser ouvidos na rua gritos ferozes. Os desgraçados Tarragonezes perseguidos por os seus vencedores caíam em toda a parte debaixo do ferro das baionetas e das descargas de fuzil. O ar retumbava com os gritos de horror, que lançavam as mulheres ultrajadas, os velhos arrastados por um mar de sangue e os meninos espetados nas baionetas (1) Amorte está a dous passos de Gomes, os assassinos estão á porta.

O contrabandista, fora de si, errava ainda de caza em caza chamando sempre por Paquita.

A cisterna do pequeno pateo se offerece de repente a seus olhos. Uma ideia rápida lhe passa pela mente. *Os espozos estão talvez alli;* e fazendo á pressa uma corda de cortinas e lençóes, faz o mesmo que D. Estevão já fizéra. Vae procurar, como elle, uma esperança e um refugio debaixo da terra. Chega ao fundo do poço.

Que momento para a orfã de Reus! Gomes e Monserrate encontravam-se alli, face a face, em um logar secreto, longe da vista dos homens. O terrivel contrabandista recorda logo,

(1) Arremecavam os meninos pelas janellas, e que estavam em baixo os recebiam nas baionetas.

não sómente o seu juramento junto ao altar, mas as suas palavras na igreja. Um punhal e pistolas estavam á sua cintura, o seu adversário está desarmado.

as cortinas porque tinha descido, e que podiam denunciar seu refugio aos vencedores,

Depois aproximando-se de seu rival com a mão apertando o cabo do punhal ia talvez ferir: Paquita se lançou no meio delles.

— Gomes! — murmura ella em voz baixa: — se ouzaes tocar em Monserrate, grito por soccorro. Tremei, os assassinos estão la em cima: morreremos todos tres, se eu grito. A sua resolução era firme, e executal-a-bia á menor ameaça do pirata.

— Vim para vos salvar, — replicou Gomes em voz baixa: — o vosso perigo defende Monserrate, deixarei dormir a minha vingança.

Senta-se longe della. A sua carteira havia sido longa e trabalhoza; a sua fronte estava banhada em suor; e obrigado a conter o furor experimentava uma especie de desorganisação mental, que dava ao seu olhar fixo e magnético um brillantismo extraordinario e sinistro. Se Paquita não estivesse ali elle teria logo apunhalado D. Estevão, ainda que este homicidio houvesse de perdel-o juntamente com a sua vítima.

Teria acabado voluntariamente com uma existencia, á qual sabia que não poderia associar a espoza de Mooserrate. Porem una similhante acção o teria impellido para o abysmo

III

A Cisterna da Morte.

Os franceses continuavam a destruir Tarragona a ferro e fogo. A imaginação recua espantada ante as scenas de destruição, que ali tiveram lugar, e que haviam sido provocadas pelos ultrajes dos inimigos. Acabavam de lançar fogo á caza de D. Estevão, e o clarão do incendio, penetrando até ao fundo da fatal cisterna, aonde estava Paquita, allumiava as feições de Gomes. Sobre estas feições lia-se em letras de sangue a sentença da morte de Estevão.

O malvado havia-se apressado em arrancar

com aquella, que amava e havia jurado salvar.

Os seus dentes rangiam de desespero.

Olhava para as pistolas, pegava no punhal e era obrigado a ficar inactivo!

Oh! ha momentos, em que os homens fortes se aprazem em satisfazer o seu orgulho no seio do sofrimento, desafiando-o para que os abata; momentos, em que estas naturezas de fogo, irritadas contra o genero humano, experimentam uma alegria feroz em encarar os perigos e a morte, consolando-se da dor pelo odio, da desgraça pelo desprezo; porém estes momentos requerem ruido, agitação, terror e delírio; mas Gomes obrigado a poupar o inimigo não tinha em redor de si senão frio, trevas, imobilidade, silencio e consternação.

Muitas horas se passaram assim.

O saque de Tarragona continuava. Que deperpetuas angustias?... Paquita chegando-se para seu marido não ouzava mover-se nem respirar. A morte cercava-a por todos os lados, acima da sua cabeça, e no fundo da sua alma. Por uma vez o sofrimento e a desanimação, haviam fechado as suas palpebras... ella despertou com um horrivel estremecimento. O seu sonno deixaria o campo livre ao assassino; Estevão não teria para o defender nem a sua

vista nem a sua voz. O homicida véla; o punhal espera: Paquita não dormirá.

Uma profunda obscuridade começava a reynar em torno das tres victimas. Até ali por intervallos, um resto de dia e alguns reflexos haviam penetrado fraca claridade no fundo do pôço. Mas o manto da noute se estendia sobre o céo; o clarão dos incendios se extinguia, e a orfã de Reus ainda que tivesse uma véla não se atrevia a acendel-a. Esta luz seria um signal delator.

Monserrate, mais afflito pela sorte da sua espoza do que por os seus perigos pessoaes, conservava uma prezença de espirito inabalavel. Não se atrevia a dirigir uma unica palavra de consolação ou de ternura a Paquita; conhecia que as suas palavras despertariam novos transportes de raiva no coração do seu inimigo; era-lhe pois necessario comprimir todas as suas commoções, e ainda que agitado por mil sentimentos diversos, mais arden tes uns do que outros, parecer insensivel e frio.

Que noute! quão longas horas!... Ao romper do dia a carnagem e a devastação recomeçavam em Tarragona com nova furia. A cidade está entregue a soldados raivozos, a quem o sangue, o vinho e a victoria augmentavam o frenetico delirio. As igrejas, ás quaes

se haviam refugiado alguns restos da povoação, tornam-se theatros dos mais execraveis crimes; o sacrilegio se junta aos homicidios, degollam ao pé dos altares; ha mais de trinta mil cadaveres.

E contudo a cisterna de Monserrate não foi ainda visitada pelos assassinos.

Doze horas se haviam passado depois da tomada da fortaleza; Paquita abre o cabaz das provisões, que tinha a seu lado.

— Gomes, — diz ella ao contrabandista com uma voz commovida, mas firme, — eis aqui viveres e vinho.

— Quereis conservar as minhas forças, — lhe diz elle com tom lugubre, — haverá reflectido bem?

— Não desejas vós salvar-me? — respondeu a orfã de Reus.

O pirata aceita o que lhe offerecia a catalã. Devorava-o a sede; bebe.

— E D. Estevão? — replica o pirata com ironia apontando com o dedo para o marido de Paquita.

— D. Estevão beberá mais tarde. Bebe vós agora.

— Ficarão viveres para amanhã?

— Para amanhã! e estaeas certo de la chegar? Continuai a beber.

O malvado despejou a garrafa assim como Paquita o dezejava. Quiz depois levantar-se e chegar-se para Monserrate.

— Não vos bulaes do vosso logar. — diz a catalã espantada, — o menor ruido poderia perder-nos.

— Estarei quieto, não farei movimento algum, — respondeu o tigre domesticado. — Considerae que com isto vos dou uma grande prova de dedicação e submissão, mas em recompensa deixae-me tocar na vossa mão.

Paquita lh'a abandona, e elle a aperta entre as suas. Sem duvida não havia renunciado ao seu terrivel designio, mas tem paciencia e espera. A espoza de Monserrate não se pôde dissimular que, de um instante a outro, Gomes poderá tirar o seu punhal da cintura e ferir o seu rival. Ficou em pe junto d'elle, e como elle, tambem espera.

Oh! sim ella espera e com boa esperança porque tem um plano combinado.

O contrabandista acaba de tomar algum alimento, bebeu, ha-de adormecer; chegou a ella cançado e agitado, é myster que, cedo ou tarde, o sonno se apodere das suas palpebras. Paquita véla e observa.

Com effeito, os olhos do pirata fecham-se, inclina a cabeça á parede da cisterna, a sua

respiração torna-se difficultosa... Adormece profundamente.

Immediatamente a orfã caminhando para elle ás apalpadelas poe em execução o seu projecto; tirou-lhe brandamente o punhal da cintura e as pistolas, desarma-o inteiramente e entregando a seu marido o ferro e as armas de fogo, diz-lhe:

— Gomes quiz atentar contra a vossa vida; a sua agora está em vossas mãos.

— Não será morto por mim, — respondeu generoso bespanhol.

— Guarda uma das suas pistolas, — respondeu Paquita.

— Porém agora, — diz Monserrate, — não temos que temer de Gomes. Dorme, Paquita, eu velarei.

A noite tocava no seu termo. O pirata, despertado por espantozos gritos, levanta-se sobressaltado e olha. Oh! que irá acontecer á victimas. Muitos soldados embriagados se têm a proximado do poço; um delles atira para dentro com uma pedra.

— Camarados, — diz elle aos seus, — não ha agua neste poço, poderá ter-se alguem escondido aqui.

— Oh! oh! que morra! — replicam os filhos da carnagem. E disparam ao mesmo tempo muitos tiros de espingarda.

As balas assoviam ás orelhas de D. Estevão, Gomes e Paquita. Por felicidade não pregar-se nas paredes.

O contrabandista, segundo o seu costume na hora do perigo, levou a mão ao cinto, não achou porém as pistolas, nem o punhal; dirigiu-se a Monserrate.

— Traidor!... o meu punhal!... dai-m'o.

— Para traz, — responde D. Estevão, — se avanças, mato-te.

E levantou o ferro sobre a cabeça do contrabandista.

— Covarde! — replica o malvado: — desarmar assim um homem adormecido!

— Fui eu que te desarmei, e não elle, — responde Paquita, mostrando a pistola que tinha guardado.

O contrabandista quer arrancar-lhe a arma da mão, e consegui-o-hia por a violencia, mas Estevão vae feril-o...

— Não, — exclamou a orfã segurando no braço de seu marido, — não deixarei assassinar na minha presença pessoa alguma. Morramos todos, mas não matemos.

— Oh! lá! — grita um dos soldados da parte de fora, — ouço cochichar la em baixo; não ha modo de descer: alerta, é necessario entulhar a cisterna.

Os vencedores demolindo no mesmo instante a tampa, que a cobria, lançam-lhe traves e madeiros. Não bastando isto vão buscar, uma parte e outra, moveis escangalhados, portas, que tinham arrombado, toneis despedidos. Precipitam esta madeira e fragmentos na especie de buraco, onde julgaram ouvir lar e lhe largam fogo.

A cisterna estreita no bocal, era larga fundo. Parecia-se com uma grande caza, victimas hespanholas acham meio de se subiram á pancada dos objectos lançados sobreles, encostando-se ás paredes. As cadeiras, bancas, as commodos e todos os mais tras que caem no fundo do poço sem se esmiglharem formavam aqui e ali, especies de ocos, por os quaes penetrava a claridade e os condenados não morreram.

Comtudo á vista das chamas, que comevam a elevar-se no bocal da cisterna, e a pouco e pouco iam descendo por as paredes um grito de desespero e de horror se escutados labios de Paquita. A infeliz cae de joelhos, cruza as mãos sobre o peito e roga Deos que lhe salve a alma.

Gomes, aos primeiros clarões do incendio, começara a percorrer o interior da cisterna; uma excavação se lhe ofereceu à

ta: parecia ser um cano. O pirata examina attentamente a singular cavidade, que pode, talvez, dar saída para algum subterraneo; elle não ha perdido a sua prezença de espirito e as suas forças. Serve-se de um dos pedaços de madeira, que cairam a seus pés como alavance e alarga o buraco salvador; as pedras se partem sob as suas pancadas.

Abre uma larga brecha.

— Nós estamos salvos, — exclama elle.

Um expesso fumo suffocava já as victimas. Gomes, enlançando Paquita em seus vigorosos braços, leva-a para a excavação, em que tem aberto uma passagem... O' fatalidade cruel! um tição ardente cae sobre a orfã e faz pegar o fogo nos seus vestidos.

Gomes a arrebata desmaiada.

Quantas horas se hão passado! ah! quem o pode saber! a espoza de Monserrate acha-se em subterraneos desconhecidos. Tem diante de si uma longa galeria e uma correnteza de tumulos; estes logares são catacumbas.

O malvado a depôz ao pé de um mausoleo, ante o qual arde uma alampada. Como se acha ella neste logar? nada mais simples de

explicar. A excavação da cisterna communhava com a caverna sepulchral, por um subterraneo muito extenso; e esta mansão dos mortos, aberta debaixo de uma das principaes igrejas da cidade tinha escada secreta, que dava para o corpo da igreja, cuja saída estava encuberta em uma das capelas da nave.

Paquita deitada sobre a pedra funebre tinha queimada uma parte dos vestidos. Gomes de joelhos junto a ella espiava com a ciedade sua volta á vida.

— Onde está elle? — diz Paquita lançando um olhar espantado ao redor de si, — respondi: onde está Monsarrate?

— Pensei só em voz; em voz sómente, respondeu Gomes friamente.

— Elle devia têr nos seguido! Gomes.

— Certamente.

— Ah! visto que elle não está aqui, esmerto; vós o matastes.

— Não tinha elle com que se defender! o contrabandista surriu-se.

A pistola, que a orfá havia conservado, longo tempo, estava junto della sobre a dra. Paquita pega-lhe, observa-a e exclam com desasocego.

— Assassino! a pistola está descarregada

— Pensarieis vós que Monserrate?... — Fizestes fogo sobre elle!

— A prova?

— Está diante dos meus olhos; ha mesmo mais do que uma. Attendei! a vossa capa está aberta, e vejo-vos um punhal no cinto; este punhal eu o havia tirado ao homem adormecido, e vós o arrancastes ao homem, assassinado.

O furor e o desprezo de Paquita, perturbavam-lhe o juizo.

— Mizeravel! — continuou ella — sabes onde te poderá levar este crime? Cauzaes-me desprezivel horror...

— Ajunta: «e amo Pedro Walls» — diz o pirata despeitado. — Pois bem esse tambem morrerá! Serão tantos os assassinios quantos forem os teus amantes. Não extinguirás o meu amor; não cançarás tambem o meu punhal. Veremos em que acaba a lucta.

— Gomes quero despedir-me de meu marido, — responde a catalã levantando-se pallida, com os cabellos desgrenhados, e como uma apparição sinistra. — Aonde estão os seus despojos sanguentos? Quero dar-lhe o ultimo adeos.

A estas palavras, tomando a alampada, que ardia sobre o mausoleo, dirige-se para o la-

do do corredor subterraneo, que conduzia á cisterna da morte. O contrabandista segue-a em silencio, com a cabeça baixa, sem lhe fazer objecção alguma. Muitas galerias se oferecem á orfã, e couza alguma lhe indica a que deve escolher. Com tudo ha uma da qual ve forte cheiro de fumo, é esta a que ele prefere, mas neste momento ouve-se uma forte detonação. O chão treme de todas as partes; são as arcadas, que desabam.

— Não vos adienteis mais! Paquita! — o malvado assustado, — o subterraneo abriu e desaba.

— Gomes! nada vos obriga a seguir-me.

— Não, mas o meu amor me impõem, vos abandonar. Tomai cuidado! se para salvar for myster a violencia empregal-a-ho, estou resolvido.

— Não tornarei a triz. — responde a orfã.

Gomes não lhe dá resposta, mas toma em seus braços de gigante a espoza de M. Serrate a levanta como a um grão de areia e poucos minutos depois, apezar da sua resistencia, tornava a entrar nas cavernas polcaes.

— Paquita! — diz então o pirata, — pôs só no vosso livramento; aqui não tem provisões, ficaram na cisterna. Esforcei-

em fazer cair estes velhos muros, elles, também, tinham os alicerces carcomidos! A morte pode agora persegui-nos debaixo de muitas formas, saibamos combater contra ella; é necessário que lhe escapemos.

— Temereis vós a fome, Gomes? Tendes um ferro, matai-me. O tigre nutre-se de sangue.

— Sempre insultos: não importa, salvareis-me mesmo contra vossa vontade.

— Como?

— Acharei os meios. Deve haver mais de uma saída deste espantoso logar. O subterraneo não hade ter abatido em todas as partes ao mesmo tempo. Vou á descoberta deste lado. Estou certo que ha uma escada, e que estamos debaixo de uma igreja. Promettei-me esperar?

— Não.

— Quereis obrigar-me a empregar os ultimos meios, chamarei em meu socorro a força.

O contrabandista tira o seu manto escocez, falso em tiras com o punhal, e ligando as mãos de Paquita atraz das costas prende-a a um dos pilares do mauzoléo. Eila escrava e captiva, sem esperança e sem socorro. O pirata retira-se.

A orfã de Reus sentia que as suas forças

phyzicas e moraes a abandonavam a pouco pouco. Um frio glacial percorria seus membros. A imagem de D. Estevão assassinado por Gomes se apprezentava continuamente á seu espirito; aos terrores do passado se juntavam as ameaças do futuro, experimentava então esta confuzão de ideias, que precede o principio de uma demencia; era um mixto entre o entorpecimento e a angustia entre o ser e o nada. Ella pertenderia rezar, não podendo porém pôr-se de joelhos, nem juntar as mãos, não achava palavras em seus labios, nem pensamentos em sua alma.

Um ruido extraordinario fere seus ouvidos.

Dir-se hia ser o estrondo de uma pedra que se parte; succede-se a esta bulha um gemido lastimoso; e este gemido parte do mausoleo, a que Gomes ligára a sua victim. Que irá acontecer? A morte? ou alguma horrivizão?... Senhor Omnipotente! que significado este grito?...

« Paquita »

Um homem está junto á orfã; livra-a das suas prizões; chama-a com as palavras mais ternas, parece louco de felicidade. Paquita não pode acreditar o que vê; imagina que é a vítima de alguma alucinação mental.

Fecha os olhos para conservar por mais tem-

po a illusão; torna abril-os e com voz comovida murmura:

« Pedro Walls! »

Com efeito era o joven guitarreiro; mas por que motivo se acha elle ali?... O rosto da catalã, aonde se mostravam o reconhecimento e a esperança, toma de repente a expressão do medo e da anciedade. Gomes está para voltar armado com o seu punhal; encontrará o seu rival: e que dizia o pirata, há pouco, fallando de Pedro Walls?

« *Tu o amas; tambem morrerá. Serão tantos os assassinios, quantos forem os teus amantes.* »

Pedro Walls está a seus pés, aquece-lhe as mãos entre as delle; diz-lhe tudo quanto pôde inspirar o amor mais vardadeiro e respeitozo, a affeição mais terna e dedicada.

Paquita olha-o, escuta-o com alegria, com espanto. Que de sofrimentos se encerravam nestes sentimentos! Mas eram misturados de felicidade.

O guitarreiro havia conduzido Dolorida ás ruinas de Torenos em uma barca de pescadores. Voltára d'alli a Tarragona no momento, em que os franceses vencedores arvoravam as suos bandeiras nos fortes. Não podendo lembrar-se de que a cidade estava entregue ao

sangue e ao fogo, havia corrido a caza de setio. D. Manuel estava na igreja. Já os vencedores se espalhavam pelas ruas e se precipitavam nas caças.

Pedro Walls perseguido por elles, escapilhes, e chega ao pé dos altares, aonde se tinha refugiado seu tio. Ah! o padre, que havia sido ferido no peito por uma bala, estava pallido, ensanguentado e moribundo. Apesar tinhado podido arrastar-se até aos degraus do altar do Todo Poderoso. Era neste logar, era aqui onde elle queria morrer.

Pedro Walls educado por D. Manuel e sabendo todos os cantos da igreja, recorda de carneiro, a que havia por muitas vezes acompanhado seu tio; conhecia a saída secreta e a escada mysterioza. Conduz o padre, antes arrasta-o para a passagem salvadóra, levanta a campa do subterraneo; desce com D. Manuel! ninguem os viu, protege-os o Céu e a terra.

Mas o ministro do Senhor está gravemente ferido. O guitarreiro não pôde estancar-lhe o sangue da ferida; e está, mal curada, tornar-se-ha, talvez, morta.

Pedro, em traje de jornada, conforme aos seus habitos de artista e simulhante aos antigos trovadores, trazia uma malla ás costas;

e neste dia, por um beneficio assignalado da Providencia, tinha-a enchido de provisões. Mas podiam descobrir o seu retiro; e alli, como noutra qualquer parte, seriam assassinados sem piedade. D. Manuel lembra-se que o principal mausoleo do carneiro tem uma porta, apenas vizivel, que dá para um logar, em que está o tumulo de um grande de Haspanha. Em caso de novos perigos, seria este um novo refugio.

O estrepito dos passos do contrabandista havia determinado Pedro Walls a retirar-se para este derradeiro azilo com o seu desgraçado ferido. Ah! o padre tocava a sua hora suprema; e eram os seus gemidos, que se ouviam da parte de fora, quando abrindo metade da porta, Pedro vira Paquita.

Apenas acabava este de contar-lhe succintamente estes detalhes, quando clamores estrondozos e repetidos tiros de espingarda retumbaram violentamente a pouca distancia.

— Deos! — exclama o guitarreiro: — estão na escada da igreja e acabam de levantar a campa.

— Ah! Gomes perdeu-nos, — responde a orfã; — elle procurava uma saída do carneiro, isto deu cauza a que nos descobrissem?

— Novos gritos, novos tiros.

— Não os ouvis? Paquita. Os assassinos avançam. Vinde!

— E para que logar?

— Para debaixo das paredes do tumulo.

— Sós.

— Com um padre e com a morte.

— Juntos?

— Com o amor e Deos.

Uma espantoza lucta tinha neste momento logar á entrada do carneiro. O pirata armado da cabeça até aos pés, disputava a passagem com todo o poder da audacia a soldados embriagados pela carnagem. Por desgraça havi sido ferido por muitos tiros; e o leão rugindo começava a sentir que suas pernas tremiam e que os olhos se lhes obscureciam.

Não importa, feria sem cessar. Recua, batendo-se; succumbe, porem, matando.

A entrada do subterraneo é forçada; Gomez só tem pistolas descarregadas, e o cabo do seu punhal. Rechassado até ao mauzoleo onde elle havia deixado a espoza de Monserate, eil-o encostado ao pilar, em que julgava encontral-a.

“Paquita! — gritava o pirata.

Olha, procura; não vê ninguem.

O seu sangue corria em borbotões.

“Paquita! — repete elle com uma voz quasi extinta.

Apoya-se no mauzoleo, e pondo uma das suas mãos sobre um trophéo de armas, abi acha uma espada de velho tempo.

“Paquita! — repete por sua vez um soldado furioso, que avançava para o acabar; é esta a tua amante?

— E' a tua morte.

E com a espada do tumulo o cantrabandista ainda mata.

— Pela ultima vez, sem duvida.
— Pedro! e nem uma supplica a Deos!

D. Manuel! orai por elle!

O padre cruza as mãos sobre o peito.

— Já não ouço couza alguma, — diz o guitarreiro. — Gomes cessou de combater.

— E' porque cessou de viver, — responde Paquita.

Uma alampada frouxamente allumiava o lugar, em que Paquita, fria como a pedra fúnebre esperava a hora derradeira.

Este vivo e brilhante guitarreiro, o cantor dos prazeres e dos divertimentos, não tinha já alegrias, nem sorrisos. A sua palidez era esfanteza; em vão comprimia os seus sofrimentos; porém a sua phyzionomia denunciava-os. Sómente o padre parecia socegado.

— Pobres filhos! murmura elle.

— Meu padre, — lhe diz Paquita. — out' hora me ordenastes que cazasse com D. Estevão; obedeci; bem o sabeis. Agora porém! D. Estevão já não existe. — Conta-lhe então a horrivel scena da cisterna.

— Agora, — ajunta o guitarreiro, — a pobre viuva não tem appoio; dai-lho; meu tio.

Paquita ajoelha chorando.

— D. Manuel abençoai-nos.

III

A Mortalha.

SENTADA sobre um caixão de chumbo, em um espaço de sette a oito pés quadrados, sem claridade e sem ar, Paquita a custo respirava. O tio de Pedro Walls deitado a um canto tinha poucos instantes de vida. O seu olhar, com tudo, conservava ainda um resto de calor e se dirigia á orfã de Reus.

— O' meu padre, — diz Paquita, — é assim que eu devia encontrar-vos! ...

— Silencio! — a interrompe Pedro Walls. — não ouvis a voz de Gomes.

— Sim, perseguem-no. Elle chama-me.

Ambos prostrados diante do padre, e dão-se as mãos com toda a innocencia dos seus corações, no meio dos horrores, que os cercavam, só tinham ideias confusas, lembranças vagas, e o juizo perturbado. Parecia lhes que o tumulo, a que tinham descido, os havia de algum modo transportado para uma esfera, na qual o passado com os seus acontecimentos, seus laços e suas dôres tinha desapparecido para sempre; que o saque de Tarragona fora para elles como o ultimo dia do mundo; e que finalmente, regenerados pelos sofrimentos e pela morte, podiam, socorridos pela benção do céo, recomeçar livres e puros uma vida nova e sem macula.

D. Manuel hesitava em responder.

— Abençoai-nos! — repetia Pedro Walls com voz supplicante.

A orfã tinha o seu annel nupcial; Pedro lho tira dôcemente do dedo, e o troca pelo seu.

Esta troca rapida e mysterioza foi feita em uma especie de meia alienação mental sem vontade pozitiva e sem tenção anticipada. Não estão pozitivamente persuadidos que é um casamento, que contraem, mas tem a convicção intima de que ficam noivos e que o seu juramento será sagrado.

O padre estende as mãos sobre as cabeças destes infelizes.

— Filhos! — diz-lhes com uma voz moribunda; — que a benção do Senhor desça, com a minha, sobre vós! . . .

Não pôde acabar. Sua lingua embaraçada gelou. Cae... Deixa de existir.

— Morto! . . . — exclama Pedro Walls, procurando levantar o tio.

— Não tardaremos muito em nos reunir com elle, — diz Paquita consternada.

O guitarreiro, inclinado sobre o corpo de D. Manuel, escutava se realmente havia rendido o ultimo suspiro.

— Morreu! — diz elle aproximando-se da orfã, depois de haver fechado os olhos do padre; — deixou-nos na terra, vai rogar por nós no Céo.

— Elle nos espera, — diz Paquita com o olhar fixo sobre a alampada que, lançando fracos clarões, parecia prestes a extinguir-se. — Oh! agora não nos faltardo trevas! Isto será antes da morte o simulacro da noute eterna.

— Paquita! nós não morreremos, — replica o guitarreiro. — D. Manuel uniu-nos; elle velará sobre os seus filhos.

— Ainda havemos de gozar dias felizes. Agora mesmo, ainda que no meio dos sofrimentos

mentos, palpita-me o coração com uma secreta esperança: somos todos inteiros um do outro; e de algum modo caçados; tenho o vosso anel e vós tendes o meu. A troca foi feita aos pés de um padre e sob as palavras duplicadamente sagradas da religião e da morte, A derradeira vontade do ministro de Deus foi entregar-vos a mim. Seja cumprida a sua santa ley.

— Mais tarde, Pedro! — respondeu Paquita. — deixai-me primeiro chorar Monserrate. Além disto vêde o que nos cerca; um sepulchro, trevas e a morte.

— Sim, mas para combatermos temos a esperança, a coragem e o amor.

— Amor aqui?

— Em toda a parte.

Um vago sorriso, que assomou aos labios de Paquita provava a verdade das palavras de Pedro. Oh! a religião e o amor! onde não penetram estes dous poderes! quanto a sua chama é pura e forte! Por mais espantoza que seja a pozição do homem ella sempre vai em seu socorro: um, aqui na terra, esclarece a morte, o outro alumia a vida.

Seguiu-se longa pauza; mas desta vez não era o repouzo da consternação; o terno olhar de Pedro socegou a fronte de Paquita. O sof-

ſimento tinha feito crize ante o amôr. O perigo estava ao redor delles, é verdade; mas este perigo era mutuo, e esta communidade unindo-os mais um ao outro, dava uma especie de encanto ao terror. Quinheavam juntos os seus males. *Elles* sómente existiam sobre a terra, um para o outro. Abandonados no fundo de um carneiro funebre, estavam alli como separados da especie humana, como não pertencendo ás couzas da vida, mortos para o sol, para a natureza, para a ar, para as flores e para a verdura; e todavia nenhum se entregava a uma desanimação fatal; porque ainda que *dous* na desgraça não formavam mais do que *um* no amar.

— Pedro, — diz Paquita, — a alampada está quazi a apagar-se.

— Ha outra lá fóra.

— Pôde-se ir buscar?

— Julgo que sim.

— Não anda ninguem nos subterrâneos?

— Não sinto ruido algum.

— E vós ides sair?

— Assim é myster.

O sobrinho de D. Manuel fez girar docemente sobre os seus gonzos a pequena porta do mauzoleo; olhou para fora: nada de luz: ella tinha desapparecido. A galeria está met-

gulhada em densas trevas. Tentou caminhar...
Avança... Seus pés molham-se em sangue.

Volta para junto da sua companheira. Procurando reanimar a pouca luz, que lhes resta, não se entrega ao desespero. Elle ha tomado o ultimo partido.

— Deixemos estes espantozos subterraneos! segui-me.

— E para que lado?

— Para onde Deos nos conduzir. Vamos.

Mas Pedro antes de sair do mauzoleo, quer deixar um derradeiro signal de ternura sobre o cadaver do tio. Ajoelha junto ao corpo do padre, cóla os beiços sobre a fronte delle e murmura em voz baixa:

« Adeos! »

Depois levanta-se mais firme e corajozo. Pega na mão de Paquita, lança aos hombros a sua mala, e guiado pela claridade expirante da alampada deixa o lugubre logar.

— E' a primeira jornada que fazemos juntos, — diz o trovador catelão.

— Ah! — diz a orfã, — começâmos por trevas.

— Acabaremos com sol. E' a vida humana ás avessas... aquella começa por a aurora.

A confiada serenidade de Pedro, restituia a esperança e a coragem á sua companheira,

Ella sentia escorregarem-lhe os pés no terreno humido do subterraneo... pára.

— Pedro, — diz a orfã — será este o sangue de Gomes?... O seu cadaver está sem dúvida aqui?

— Não, Paquita, não vejo nada.

— Os assassinos terão levado o corpo?

— Provavelmente, assim como também a alampada, que ardia diante do mauzoleo.

— Pedro! Pedro! a nossa apagou-se... — diz Paquita e dá um grito de terror.

Cerca-os obscuridade profunda e completa.

A espoza de D. Estevão se chega para o guitarreiro. Este lhe passa um braço pela cintura, e a consola apertando-a contra o coração; elles não se vêem, mas fallam, tocam-se, unem-se um junto ao outro e a sua coragem se conserva.

— As trevas envolvem-nos, — diz Pedro, — porém, não nos separam. Demais não ha caminho, que não tenha suas noutes e seus obstaculos, isto não embaraça o andar; marchase mais devagar; eis aqui tudo.

— Vós não tendes medo?

— Nenhum, e se tivesse a miuha guitarra...

— Que farias?

— Cantaria entre as sombras, e obrigal-as-hia a dar luz. Uma lyra é um facho.

As poeticas expressões do guitarreiro, ob-
tinham o efeito dezejado. A sua alegria fazia
fugir o terror; e Paquita escutando-o com ad-
miração estava toda entregue a elle.

Ella topou com um banco de pedra, que
estava chegado ao muro do subterraneo, e o
choque obrigou-a a sentar.

— Aonde estamos nós? perguntou ella.

— Em um corredor, que conduz á igreja,
reconheço este banco.

— Havemos de subir a escada?

— Tentámos.

— Libertar-nos-hemos talvez assim.

— Com efeito!

— Esperemos ainda.

— Aqui, Paquita?

— Guardemo-nos de sair deste logar tão
cedo. Ha espaço para dous sobre este banco;
não estamos de todo mal; respirámos mais á
vontade.

— E eu tenho comestiveis, Paquita.

— Comestiveis?

— Sim, na minha mala. Não se come quan-
do se viaja?

— Sim, preparamos o jantar.

— O jantar ou o almoço, porque para nós
não ha horas, neste recinto não ha dia, nem
tempo.

— E' uma existencia lóra da vida, Pedro.

— Mas que não deixa de ter merecimento; é toda dedicação, rezignação, confiança e amor. Quem sabe se teremos saudades della, quando outra lhe succeder? em quanto a mim aprecio seus dôces receios, saboréo-lhe os poéticos sofrimentos.

— Pedro, não tenho medo quando tu falas.

— Aqui, não ha importunos; não temos que receiar a inveja.

— Senta-te. Eis aqui algumas fructas.

— Fructas?

— Sim, é um jantar campestre; só lhe falta... o campo.

— E os alegres cantos da aldeia.

— Eu não tenho precizão delles, ouço-os no fundo do meu coração, são os hymnos do amor.

Paquita surriu-se.

— Tenho comido bastantes vezes tristes jantares sobre a relva, — dizia Pedro Walls rindo.

— E as horas do perigo, similhantes ás horas do prazer, passam rapidamente.

— Partiremos nós agora? — perguntou o guitarreiro.

— Já! ainda não, esperemos mais um pouco.

— A prudencia assim o aconselha, é verdade; deixemos acabar os dias da carnagem.

— Elles findarão brevemente. Pedro estou a cair com sonno.

— Dorme, Paquita! dorme sem medo!

— A orfã se estende sobre o banco de pedra, o guitarreiro se deita junto ao banco; nenhum sentimento culpado lhe agita a alma; recommeuda-a ao Omnipotente; e similhante aos anjos da guarda, de natureza divina, véla dôcemente junto della com as supplicas secretas de uma fé sincera e com o casto fogo de um amor puro.

Um sonno reparador e de longa duração havia cerrado as palpebras da orfã; ella abre os olhos estremecendo.

— Pedro! — exclama Paquita, — onde estás tu?

— Ao pé de ti; não sentes a tua mão entre as minhas?

— Sempre escuridão, continuamente nou-te...

— O dia chegará, em breve veremos brilhar o sol.

— Dormi muito tempo?

— Bastante.

— E tu?

— Não tinha necessidade de dormir.

— Fóra d'aqui será dia ou noute?

— Não o sei, Paquita; todavia estou convencido que se algum astro brilha neste momento no horizonte, deve ser o do dia. Sinto o sol atravez da espessura dos muros; por instinto sinto o seu calor.

— Pedro é necessario subir á igreja, a escada está ali.

— Estou prompto.

— A catalã levanta-se; a desastroza morte de Monserrate a todo o instante lhe fazia verter lagrymas... Ah! e comtudo ella sentia, e disto se accuzava, que só o chorava por dever, que lhe impunha o seu titulo de espoza.

Pedro e Paquita começam a andar ás apalpadellas; avançavam lentamente. Topam com uma escada em caracol; começam a subil-a. O guitarreiro parava a cada passo para escutar se havia algum ruido da parte de fora; reynava profundo silencio. Chega á campa, que fechava o subterraneo, levanta-a com precauçao; uma fraca claridade esclarece o sitio, em que elle estava. Com que alegria saudam os fugitivos este primeiro raio de luz! O pensamento de Paquita se dirige logo para o Eterno, depois lança um olhar de reconhecimento ao guitarreiro. Deos e elle enchem a sua alma.

Entram na igreja; o sol dardejava os seus

raios sobre as vidraças da nave. Pedro pára comprimindo uma exclamação de horror; a caza do SENHOR estava juncada de cadáveres; profanações de todo o gênero e crimes de toda a natureza haviam tido logar junto aos altares. Os cadáveres estavam nus, sanguentos, lividos e mutilados; exhalavam um cheiro fétido; e, como em um campo de carnagem, não faltava nada ao quadro, nem mesmo as aves carnívoras. Debaixo dos arcos crivados de balas, e das vidraças despedaçadas, ali onde o tigre havia rugido, soprava agora o vampiro. Alguns cães avidos de sangue manchavam com as fauces imundas os cadáveres humanos. O templo tornara-se em vasto matadouro.

Pedro recua pondo a mão sobre os olhos para não ver tão horrendo espetáculo.

Os cabellos de Paquita erriçam-se.

Obrigados a andar sobre os cadáveres, que jaziam por toda a parte, elles erravam ao acaso e como espantados; custando-lhes com trabalho a persuadirem-se que não eram victimas de um pezadello, chegam a uma das portas da igreja e abrem uma gretinha. O' ceo! homens armados, com as mãos tinctas em sangue, atravessavam a praça publica.

O guitarreiro vendo os dirigirem-se para a igreja pega no braço da sua desgraçada com-

panheira e a empurra para a parede onde havia o logar de um nicho; nesta concavidade; vendo a seus pés o fragmento de uma armção preta nella se envolve com Paquita; e ambos assim amortalhados deitam-se precipitadamente entre o sangue e as ruínas, no meio de pulpitos despedaçadas, de imagens de santos feitas em pedaços, de ossos out'ora reverenciados e de relíquias desconhecidas.

— Pensei ter visto abrir esta porta. — diz um dos soldados entrando na igreja com o sabre desembainhado cambaliando, a cada passo.

— Por ventura ainda tu tens olhos? — responde um dos seus camaradas, tão bebado como elle. Em quanto a mim já não me tenho nas pernas.

— Tu.

— E tu que tens feito?

— Por vida minha! tenho feito bellas couzas, que não ouzarei contar. Em tempos razoaveis isto me custaria uma ou duas duzias de... Demais leve-me o diabo, se algum dia me lembro das minhas façanhas em Tarragona! E' verdade que o inimigo nos obrigou a isto com os seus insolentes desafios; e demais a minha cabeça não regulava...

— Acazo regulará ella agora?

— Cala-te ou abro-te a tua...

— Olá ! sargento Matarim, — diz um velho granadeiro dirigindo-se ao chefe da tropa ; que será este grande panno preto, que parece mecher-se naquelle canto ? Dai-lhe pois uma bayonetada.

— E para que ? Não ha já nada para matar e eu estou farto.

— Com um milhão de bombas ! diria que estão dous corpos envolvidos debaixo disto.

— Em todo o cazo elles não estariam em muitos bons lençóes.

— Que julgas tu que é, camarada ?

— Alguns despozados da morte.

— *Despozados da morte ! Bellissimo !* O nosso sargento tem sempre palavras, que soam. E' um velhaco que rouba livros.

— Isto vale mais do que roubar adegas.

— Se eu sómente tivesse arrombado toneis, — replica o granadeiro ! — mas tenho posto o bandulho á mostra a muitas outras couzas ; e a propozito disto não gosto desta igreja, porque fiz em duas uma pequena rapariga trigueira, que um official procurava disputar-me : « *Ah ! tu tambem a queres, tenente !* » disse-lhe eu desembainhando o sabre ; « *neste cazo partamol-a ao meio !* » E isto foi dicto e feito. (1) Pobre rapariga ! e todavia

(1) Todos estes detalhes são historicos. O author

eu a desejava toda inteira; e já lhe chamava *minha mulher*. Outra despozada da morte, como dizia Matarim. Em resultado tudo isto é infame...

— Vamo-nos embora, — diz o sargento.

— Conta-nos alguma couza, — ajunta o velho granadeiro.

Este dicto foi applaudido com grandes garragalhadas e todos se retiram.

Pedro desembaraça-se logo da mortalha. Ah! Paquita quazi suffocada não tinha força para se mover. O guitarreiro levanta-a; ella encara-o com sorrizo de demente.

— Disseram a verdade, — murmura ella, — sim somos os *despozados da morte*!

Conseguindo levantar-se não quiz, tão desordenado estava o seu espirito, tirar o manto funebre e em voz baixa continua:

— O nosso altar era um esquise; a morte nos fez o casamento. Depois no terreno dos tumulos os nossos pés se molharam em sangue. Jantámos no meio das trevas, deitámos-nos envolvidos em uma mortalha. Oh! sim, Pedro, elles disseram a verdade: somos os *despozados da morte*!

O guitarreiro não responde couza alguma. Tinha-se lembrado que a caza de seu tio era os soube na propria Tarragona.

contigua à igréja e que talvez nella podesse achar refugio. No mesmo instante atravessa, seguido da orfã, o pavimento sagrado. Um longo e escuro corredor dá passagem da sa-christia para o quarto de D. Manuel; o guitarreiro passa-o rapidamente; conhece todas as entradas e saídas. Não encontra sér algum vivo. Nada põe obstáculo ao seu caminho. As portas haviam sido despedaçadas; tudo está deserto.

Em toda a parte destruição, silêncio, ruínas e terror.

Os fugitivos penetram sem fazer bulha no quarto de D. Manuel; tudo ahi está na mais horrivel confuzão. Os armarios haviam sido arrombados, o chão está pejado de livros esfrangalhados, de imagens de sanctos feitas em pedaços; os vidros e os espelhos em migalhas. Os olhos de Pedro se enchem de lagrymas com a lembrança de que out' hora nos seus dias de paz e felicidade elle vinha ahi, discípulo submisso, escutar as santas exhortações do padre.

— Aqui, — diz Paquita com voz sombria e olhar espantado. — aqui me foi aconselhado que cazasse com Monserrate; neste logar já eu soffri bastante.

— E eu tambem, — responde Pedro; — porque soube o teu futuro casamento. Mas

agora, ao menos desta vez, eu e tu chorâmos juntos.

Elle dá neste ponto um grito de surpresa...

Acaba de descobrir no meio de um montão de destroços o seu instrumento favorito, no qual em caza de seu tio elle tomara as primeiras lições de muzica. A sua guitarra escapou por milagre à destruição geral, estava inteira e até tinha cordas.

O muzico se apodera della com transporte. Cheio da paixão da sua arte, recobrou, com a sua querida lyra, as alegrias de seus primeiros annos, o entusiasmo dos seus primeiros successos, o fogo dos seus primeiros amores. Esquece os tempos e os logares. Afina a guitarra e começa a cantar.

Oh! quanto os seus sons são ternos... Pa, quita sente-se renascer ouvindo-os. O seu principio de alienação foge diante do poder da harmonia, ou antes, a orfâ so muda de delírio. Ella se imagina transportada ao bosque de Reus, quando o seu coração palpitava sob os fogos de um primeiro sentimento; ella ahi vê Pedro gloriozo, applaudido, festejado e coroado. Elle canta o amor e a gloria; e para o bardo catalão, o amor e a gloria é ella.

Imprudentes! não se lembram que os sons da

guitarra serão ouvidos da parte de fora; e que sobre elles, neste momento, a armonia atrae o raio. Retumbam passos precipitados; elles arrancam Pedro e Paquita ás fascinações do amor e da harmonia. Abre-se a porta com estremo: é o sargento Matarim e a sua tropa.

Que quadro! Paquita envolvida em um manto funebre e inclinada para o guitarreiro pareceria um phantasma, se a sua linda cabeça de cabellos annelados não saisse das pregas do crepe negro como a figura de um archanjo. Pedro com os olhos chamejantes, o rosto animado e a phizionomia radiante de inspirações e coragem estava sentado sobre um montão de ruinas. Elle não largou a guitarra; ficou com o rosto grave e sereno. Era Orpheo nas margens do Styx, Orpheo em face de Tenaro... era uma vizão de Eurydice.

Os soldados param admirados.

— Por minha vida! — exclama o sargento; — eis o que excede o trivial. Um concerto no meio da destruição!

— Sargento!... olhai para este panno preto. Aposto que é a plumagem de corvo, debaixo da qual estavam estes vagabundos, há pouco, á entrada da igreja.

— Bello! *os despozados da morte!*

— Justamente.

— E estes ratões cantam.

— Talvez tambem dancem, quem sabe !

O sobrinho de D. Manoel durante este singular colloquio, fazia vibrar as cordas da sua lyra como no meio de uma festa. A indiferenca da coragem e os improvizos do artista davam á sua agradavel figura um encanto irresistivel. Elle percebe o seu triumpho, e não o deixa escapar. Canta; applaudem-o com transporte: as espadas entram nas baiohas. Pedro é um novo *Stradella*,

Ouço os gritos de esterfor
 Nos campos da honra
 Que o ceo trôe ! eu canto
 Gloria ao vencedor !
 A guerra tem grandes imagens
 E bellos dias
 Mas apraz-me, longe dos tambores
 E dos combates
 A dôce lyra dos bosques
 E os meus amores.

Apenas acabava esta alegre copla quando se ouviu um tumulto extraordinario da parte de fôra. O tambor rufa; os clarins tocam. Soam clamores de guerra e de victoria.

— Amigos ! é o general em chefe, — grita o sargento.

— Elle dá a sua entrada triumphante. Es-

cutae! A's armas! é elle! Matarim e os seus saem para fóra, vão para o seu posto, ao encontro do heroe. Cada um se reune á sua bandeira. A ordem e a paz vão renascer.

Suchet, tão habil administrador como valerozo guerreiro lastimava os horrores, que não tinha podido impedir, e que as bravas legiões haviam commettido no delirio dos combates. Sua vista se apartava com dôr dos cadáveres amontoados pelas ruas, atra vez dos quaes lhe tinham aberto caminho. De repente o sargento Matarim abre caminho por a multidão.

— Senhor, — diz elle com voz commo-
vida ao futuro marechal da França, — duas
victimas escaparam aqui ao massacre: são tal-
vez as unicas. Permiti que vol-as apprezente.

— De boa vontade, — responde o general em chefe.

No mesmo instante Pedro com a sua guitarra na mão, e Paquita com o crepe negro em redor da cabeça, vêem cair aos pés do vencedor.

— Quem sois vós? — pergunta Suchet.

— Ah! — responde a catalã com a voz entrecortada de suspiros e semi-louca: — Somos os despozados da morte!

IV

A Pouzada dos Bandidos. ()*

Muitos dias se hão passado; os horrores da guerra e da pilhagem cessaram de todo em Tarragona; o pezar sucede ao delírio, os filhos do terror e da desordem tornaram a ser os filhos da glória e da honra; o socego substituiu a tempestade.

Pedro Walls teve desejo de ver a antiga habitação de Monserrate; para ali se dirige seguido do sargento Matarim. Este bravo militar dedica-lhe viva afseição; entram em casa de D. Estevão; só teem diante de si ruínas.

(*) Estalagem.

Aqui e ali se vêem ainda em pé algumas paredes ennegrecidas pelo incendio; mas nada de portas, nada de janellas. Atravessam o pateo interior e o guitarreiro se chega á cisterna aonde Paquita estivera escondida. Este poço parecia ter sido explorado depois da tomada de Tarragona; ha signaes, que o indicam.

— E' singular! — diz Matarim. — Quiziram incendiar as madeiras lançadas por este buraco, e não foi possivel conseguil-o, o fogo apagou-se á entrada e nunca ganhou o fundo.

— O corpo de Monserrate deve estar abi, — replica o guitarreiro? — queria descer para me certificar.

— Desce que eu te acompanho.

Com efeito, ou porque o fogo não pudesse pegar nos barris cheios de vinho, que estavam no bocal da cisterna, ou porque a falta de area e humidade contribuissem para o apagar, o certo é que o abrazamento do interior não pôde realizar-se; nuvens de fumo se tinham espalhado: eis-aqui tudo.

Matarim e Pedro se servem de uma lanterna. Não lhes eram myster cordas. Descem com precaucao atravez dos moveis e dos toneis, que lhes fazem uma especie de escada, e entre os

quaes acham maneira de abrirem passagem ;
chegam ao fundo do poço.

Ali, em um espaço vazio, descobrem a brecha por onde haviam passado o pirata e a orsâ. Mas aonde está o corpo de Monserrate ? o chão está manchado de sangue ; nada mais. D. Estevão ferido por seu inimigo teve, talvez, força para seguir sua mulher.

Pedro chega-se á excavação ; o muro já carcomido pelo tempo desabou a pouca distância. A alavanca de Gomes e a falta de algumas pedras bastaram para determinar a catastrophe subterrânea. Houve em toda a parte abobadas abatidas, e demolições sucessivas ; a saída tenebroza está fechada.

O sobrinho de D. Manoel se lembra que no carneiro funebre, onde elle tinha deposito seu tio, ouvira o desabar horrivel, que fez parar Paquita quando ella voltava para junto de seu marido assassinado. Isto acabava todas as duvidas, o corpo de D. Estevão teria ficado debaixo das ruinas do subterraneo ; achal-o era impossivel, logo todas as pesquisas seriam inuteis.

O sargento e o guitarreiro dão de novo volta á cisterna. O cesto de provisões, que Paquita ahí havia deixado, não o encontraram.

O' continuaçao de surprezas ! a catastrophe

subterrânea tinha formado novas excavações nas muralhas; são estreitas e profundas. Onde conduzirão elas? seria extrema imprudência percutal-as; porque a cada momento abatiam por toda a parte.

Pedro e o seu companheiro saem do pôço sem que das suas pesquisas obtivessem o menor resultado.

— Deixo ámanhã Tarragona, — diz o guitarreiro ao sargento; — separar nos-hemos esta tarde, e talvez para sempre; obrigado pelos vossos bons officios! . . .

— Tenho sido tão mau para tantos outros, — responde tristemente Matarim, — que tinha bastante necessidade de compensar as minhas malvadas acções de sangue e destruição por algumas acções de beneficencia e humanaidade. Sabes tu, Pedro, quando me lembro do passado irriçam-se-me os cabellos sobre a cabeça! E' o mesmo, estou certo que, se tornar a ver meu pai e a minha familia, heide ser um homem honrado; cuidarei de minha mulher e dos filhos, se os tiver; só me darei com pessoas honradas. Cançar-me-hei com os trabalhos da agricultura, isto me socegará o coração. Além disto irei todos os domingos ao tumulo de minha mãe, honesta mulher, que tinha para mim famozas entranhas, e ali co-

mo nos meus dias de infancia , quando ella me fastigava, por eu não saber o cathecismo, pôr-me hei a orar a Deos.

— Porque o não começas a fazer já?

— Como assim ? poderia isto concordar-se com os meus habitos ordinarios ? E' necessario não confundir os caminhos, não estou, grazas a Deos , em um similhante. Não , não, cada couza tem o seu lugar. Teria que vêr por-me eu a balar como um cordeiro, quando me é necessario uivar como um lobo. Quando deixar de matar então orarei. Attendei, tenho o presentimento de que se escapo das baionetas, da metralha , das balas, da febre e dos hospitaes, pequenos inconvenientes do officio, heide ter uma velhice soberba.

— Deos t'a concederá, assim o espero.

— Dai-lhe os meus agradecimentos, quando rezardes.

Dizendo isto o sargento francez, retrocedendo orgulhozamente o bigode , julgava-se um profundo philosopho , e sonhava em virtudes futuras no meio dos peccados presentes.

Matarim , como precedentemente mostrei, apresentará ao general em chefe do exercito do Aragão o par escapado ao saque de Tarragona. Paquita, conforme aos dezejos do conde de Suchet , havia sido recolhida pela espoza

de um empregado superior. A senhora de Beauvelais tinha-se encarregado com boa vontade da espoza de Monserrate; e esta ultima adoecendo em caza da sua bemfeitora por causa das suas fadigas e sofrimentos, um dos melhores medicos do quartel general havia sido mandado chamar para a tractar. Durante este tempo Matarim, tomando Pedro sob sua protecção, repartia com elle os seus recursos e habitava em caza do guitarreiro. Pedro o considerava como a um irmão.

Tal era o plano que a viuva de Monserrate tinha tomado para seu futuro; não podendo sem indiscripção ficar mais tempo em caza da sua bemfeitora ella tencionava ir a Reus com o seu companheiro de infortunio; tiraria ali informações dos seus antigos conhecimentos, e encontraria sem duvida algum membro da familia que houvesse escapado aos furores da guerra, e Deos então dicidiria a sua sorte: Deos, Pedro Walls e o amor.

Na vespresa da sua partida a orfã tinha encomendado a Pedro que fosse vizitar a cisterna do homicídio; queria obter alguma indicação positiva. Já vimos o resultado,

Entretanto começava a organizar-se uma administração sabia e regular. As comunicações se restabeleciam de umas províncias para

as outras; as estradas já não offereciam tantos perigos e no dia da partida dos dous amantes a província estava pacificada; os guerrilhas tinham debandado.

Olha como ardem estes cadáveres, dizia em certa manhã o sargento Matarim a um dos seus soldados, mostrando-lhe immensas fogueiras, que se elevavam em redor da cidade. — Ha oito dias que estão a arder e com tudo ainda não calcinaram.

— Como é difícil reduzir a chamas e a cinzas os cadáveres humanos!

— Sim, é verdade! e sabes tu, a propózito de *cinzas e de chamas*, que o nosso tocador de guitarra toma o ar dos campos com a sua terna amada. Pobres passarinhos de arribação. Onde pouzarão elles para estarem finalmente livres da polvora e do chumbo?

— Com mil bombas! a sua partida mein-tristece como se amputassem uma perna ao meu capitão. Elles vão no caminho encontrar as nossas fogueiras com os seus fetidos vapores; quem sabe se ahi estarão a assar alguns dos seus parentes e amigos! Elles respirarão de passagem esta verdadeira fumigaçāo de familia.

Outo colossaes fogueiras se elevavam com efeito nas quatro extremidades da cidade, e

de um empregado superior. A senhora de Beauvelais tinha-se encarregado com boa vontade da espoza de Monserrate; e esta ultima adoecendo em caza da sua bemfeitora por causa das suas fadigas e sofrimentos, um dos melhores medicos do quartel general havia sido mandado chamar para a tractar. Durante este tempo Matarim, tomando Pedro sob sua protecção, repartia com elle os seus recursos e habitava em caza do guitarreiro. Pedro o considerava como a um irmão.

Tal era o plano que a viuva de Monserrate tinha tomado para seu futuro; não podendo sem indiscripção ficar mais tempo em caza da sua bemfeitora ella tencionava ir a Reus com o seu companheiro de infortunio; tiraria ali informações dos seus antigos conhecimentos, e encontraria sem duvida algum membro da familia que houvesse escapado aos furores da guerra, e Deos então dicidiria a sua sorte: Deos, Pedro Walls e o amor.

Na vespresa da sua partida a orfã tinha encomendado a Pedro que fosse vizitar a cisterna do homicídio; queria obter alguma indicação positiva. Já vimos o resultado,

Entretanto começava a organizar-se uma administração sabia e regular. As comunicações se restabeleciam de umas províncias para

as outras; as estradas já não offereciam tantos perigos e no dia da partida dos dous amantes a provincia estava pacificada; os guerrilhas tinham debandado.

Olha como ardem estes cadaveres, dizia em certa manhã o sargento Matarim a um dos seus soldados, mostrando-lhe immensas fogueiras, que se elevavam em redor da cidade. — Ha outo dias que estão a arder e com tudo ainda não calcinaram.

— Como é difícil reduzir a chamas e a cinzas os cadaveres humanos!

— Sim, é verdade! e sabes tu, a propózito de *cinzas e de chamas*, que o nosso tocador de guitarra toma o ar dos campos com a sua terna amada. Pobres passarinhos de arribação. Onde pouzarão elles para estarem finalmente livres da polvora e do chumbo?

— Com mil bombas! a sua partida mein-tristece como se amputassem uma perna ao meu capitão. Elles vão no caminho encontrar as nossas fogueiras com os seus fetidos vapores; quem sabe se ahi estarão a assar alguns dos seus parentes e amigos! Elles respirarão de passagem esta verdadeira fumigaçāo de familia.

Outo colossaes fogueiras se elevavam com efeito nas quatro extremidades da cidade, e

desde o ultimo dia do saque de Tarragona para ali eram conduzidos sem cessar os corpos dos mortos. Havia-se julgado que estas immensas fornalhas os devorariam promptamente, tanto mais que eram continuamente borrisadas com espirito de vinho; não succedia porem assim: os cadaveres já em putrefação se consumiam lentamente, e os brazeiros, que lançavam sobre a fortaleza e os arredores nuvens de fumo muito infecto, só ardiam com estremo trabalho. Estes fogos pareciam tanto de perto como de longe exhalacões do inferno. (*)

Era chegada a hora do pôr o sol. O dia havia sido de um calor afflictivo e este calor dava á atmosphera uma apparencia de cor purpurina, atravez do prisma da qual a natureza tomava um aspecto phantastico. Os ultimos rayos do dia cobriam o Céo de purpura e ouro. As flores esmaltavam os campos; os passarinhos folgavam sobre a relva. O mar se deslizava ao longe como um bello lago azul. Tudo estava alegre no paiz vencido, excepto o pen-

(*) O author deste livro, então intendente militar na Catalunha tinha sido encarregado do horroroso cuidado de reduzir a cinzas os trinta mil cadaveres de Tarragona. Não havia cimiterios nem fossos sufficientes para se enterrar semeihante numero de victimas, e se não se desse pressa em queimar os a peste se teria suscitado dentro das muralhas da praça.

samento dos vencedores ainda agitado com a lembrança do horroroso cerco. Ah! é porque os prados se socegam depois da tempestade da montanha mais depressa do que a consciencia dos homens depois do tumultuar das paixões.

Paquita Bacells e Pedro Walls sairam das portas de Tarragona. Quanto elles eram encantadores com a doce e franca simplicidade dos seus corações? Parecia-lhes que o mundo se abria para elles pela primeira vez, e que iam achar corações benevolos promptos a receber-lhos. Um e outro estavam agora sem parentes, sem bens, sem estado e sem familia; não tinham nenhum caminho traçado para o presente, nenhum plano combinado para o futuro; mas um tinha a candida indifferença de artista, a outra a confiança celeste do anjo. Era a poezia e o amor.

Lançavam-se á ventura para onde os chamaava o destino; e o destino para elles não era o acazo era a Providencia. Todavia algumas vezes anteviam ao longe algum ponto negro sobre o seu horizonte; mas o sol brilhava a seus olhos atravez da tempestade. Podia sem duvida haver fel no fundo da sua taça; mas as bordas della eram perfumadas, e elles tinham confiança no nectar que continha. Haviai além disto conhecido os sofrimentos, ca-

minhos santos, por onde é bom passar para chegar á terra da promissão, e elles tinham franqueado estes caminhos sem mancha. Finalmente até no frio glacial, que, tanto no moral como no phizico, se apoderava delles por intervallos, havia ainda emanações vivificantes; eram os quentes raios da primavera.

Jamais Paquita parecera tão fresca e bella. A sua mantilha escura agitada pelo vento descobria-lhe algumas vezes o lindo rosto. Os seus bellos olhos pardos muito rasgados e ornados de arquedas sobrancelhas lançavam um brilhantissimo acariciador. Levava no braço um pequeno cabaz que encerrava toda a sua bagagem; e nunca lhe tinha ocorrido á idéia que não havia ali com que viver, e que nada mais tinha sobre a terra. De instantes a instantes elevava os olhos ao Céo e depois para Pedro, sorria-lhe com o coração e com os labios, não pedia mais cousa alguma á vida, não invejava a sorte de ninguem.

Pedro da sua parte, feliz e orgulhozo por ser o unico apoio de Paquita entoava alegres coplas e conduzia a orfã pelo braço. O seu fato era andaluz. A jaleca verde era guarnecida de agulhetas de ouro. Do mesmo modo que o cabaz de Paquita, a guitarra de Pedro era toda a sua fortuna; levava-a graciosamente

suspensa ao hombro e parecia não ambicionar mais nada. O futuro, conforme a sua imaginação, devia de responder a seu votos; porque lhe apresentava uma fronte pura; harmôniozas meditações e apraziveis esperanças; não seria isto poeticas egides contra as mizerias humanas? não existe a felicidade na imaginação? e sem esta onde existiria? Que tinham elles a receiar dos que ambicionam as riquezas e a grandeza. Não possuiam couza alguma sobre a terra, couza alguma na apparencia, porque os despozados catalães pobres, como eram, achavam-se ricamente dotados; elles tinham as alegrias do amor, a confiança da mocidade, o socego da consciencia, as liberalidades da natureza, um bello Céo e a liberdade.

Acabavam de atravessar Francoli, ribeira ou rio, que corre a pouca distancia da fortaleza. Poucos dias antes o sangue havia avermelhado as suas agoas; mas nem por isso elle agora corria menos socegado e limpido, nem reflectia menos o azul do firmamento. O guitarreiro e a orfã abrandaram os seus passos de commum acordo. Para que haviam de apressar-se? Aonde lhes era necessario chegar? Não eram esperados em parte alguma.

E além disto, depois dos longos horrores

do cerco de Tarragona, depois de haverem estado por tanto tempo privados da verdura e dos campos, que felicidade não era respirar o ar das campinas, refrescarem-se com a agua das fontes, e sentarem-se á sombra das arvores? Com que alegria gozavam desta solidão? Tinham por unica testemunha a natureza, por unica escravidão o amor.

Demais, que haverá tão satisfactorio como partilhar uma sensação feliz, com aquella que amâmos! é a lyra das ternas modulações, uma mesma nota em duas cordas, o mesmo canto em dous hymnos.

— Descancemos sobre esta relva, — diz Pedro Walls a Paquita. Quanto é bello o pôr do sol!... Quanto o campo é perfumado!... Estes bosques são cheios de harmonias!.... Quanto é dôce viver e amar!

O olhar apaixonado do guitarreiro espantava neste momento a orphã. Pedro, seu guia e seu amigo não era seu espozo, nem seu irmão. Senta-se um tanto perturbado.

Sim estes logares devem inspirar-te responde com hesitação, — Pedro, pega na guitarra e canta.

Tentava salvar-se assim do amante, avocando as inspirações do poeta. Pedro faz soar a sua mandora; lembra-se da copla salvadora

á saida do carneiro funebre e no quarto de seu thio; repete-lhe os sons, mas varia-lhe as palavras, e elles são novas magias.

Feliz o que escapa sobre a terra
Ao revezes da sorte!
E que livre da tormenta foge á morte!
Mais do que nunca, depois da tempestade.
Gloria aos bellos dias!
O' minha lyra ! canta sempre,
Canta no bosque
A minha barca salva do naufragio
E a minha consorte

A orfã de Reus escutava com entusiasmo e felicidade. A briza do mar fazia ondular os acastanhados e annelados cabellos do guitarreiro. Os rayos de um bello sol de estio, introduzindo-se por entre as folhas, atravez das flores e da muzica, pareciam impressionarem-se ahi de perfumes e melodias.

Paquita, — diz o trovador catalão aproximando-se á sua companheira, — tu me amas não é assim ?

— Podes tu perguntal-o , Pedro ?
— Tu es minha mulher diante de Deos.
E elle a chegava a seu coração.
— Ainda não, diz a orfã repellindo-o com um sorrizo de inquietação. Não quero ser senão

tua irmã até ao momento, em que o padre abençoar a nossa união.

— Mas isto já foi feito por um padre, em umas das horas mais solenes da vida, na hora da eternidade!

— Meu amigo! bem me lembro de tal, e sou tua de todo o coração. Isto contudo não nos pode satisfazer.

— Pois bem, vamos á manhã á igreja. A manhã serei *teu marido*.

— Não sejaes agora, esta tarde mais, do que meu *irmão*.

E o casto olhar de Paquita apoiava a sua doce supplica.

— Ah! serei o que devo ser junto a ti responde o poetic e dedicado catalão. — Podes tu pensar que eu queira manchar o meu por, vir, tirando ao meu anjo as suas azas! não me é necessaria a atmosphera da tua pureza para nella refrescar o meu ardor e repouzar dos meus transportes! Não me será necessário para te amar, admirar-te! E haverá encantos aonde não existe a virtude?.. Não, não violarei o meu Céo; não profanarei o meu templo. A propria delonga da felicidade é felicidade.

Um ligeiro ruido se fez ouvir. Uma mão acabava de apartar as folhas espessas, que

ao redor dos amantes formavam um círculo de verdura. Paquita volta a cabeça e deixa escapar um grito de horror,

Um olhar aterrador se havia fixado sobre ella, um olhar cheio de furor e ameaças; brilhou por um momento na sombra e desapareceu. Poderia chamar-se-lhe o olho do bazi-lisco; a sua sinistra claridade queimava.

— Deos Todo-Poderoso! — exclama a donzella! mostrando com o dedo uma abertura no bosque: — salva-me! salva-nos! *elle está ali.*

— Quem?

O nosso implacável inimigo, o demônio saído dos infernos.

— *Gomes! Gomes!* — repete o guitarreiro precipitando-se para o logar indicado. — Aparta as folhas nada vê. Quer avançar intranhando-se no bosque, a sua companheira assustada o segura.

— Pedro!... não me deixes, não te affastes, fica aqui. Elle viu-me; voltará. Oh! que é feito das nossas alegrias, das nossas venturas, dos nossos sonhos!. bastou um olhar para os destruir!

Não terás tu sido vítima de alguma allucinação!... O guitarreiro procura socegar o seu espírito.

— Reconheci-o, é *Gomes*, — repetiu a Ca-

talã, extremecendo. — Pedro ! que vai ser de nós !

— E quando mesmo fosse elle, — responde o sobrinho de D Manoel, — que direito tem sobre dous infelizes ?

— O do crime.

E levantando-se a custo, apoiada no braço de Pedro, sae vagarozamente do bosque.

O sol, ainda que a pôr-se, conservava seu manto radiozo. Seus esplendores fugiam ante as nuvens longiquas, que pareciam rochedos de marmore listados de ouro e de azul, tanto eram immoveis e seus contornos bem desenhados. O ar estava ainda cheio de perfumes; a varzea não havia perdido nenhum dos seus prestigios, e todavia tudo tinha mudado.

Os amantes continuam o seu caminho; mas Paquita ja não ha o sorrizo sobre os labios; o medo faz vacillar seus pés.

Chegam á aldeia vizinha.

Entremos nesta *pozada*, — diz o guitarreiro á sua companheira; — faz calor e talvez tenhas sede. Vamos merendar.

De boa vontade, responde a orfã; ella conhecia a precizão de recobrar forças.

A estalagem estava cheia de gente. Pedro conduz Paquita para uma pequena caza ao nível da estrada, e separada por um fra-

gil tabique do cazarão, em que os almocreves e arrieiros refrescavam as goelas. A pobre viajante se senta e Pedro vai fallar á estalajadeira.

Muitas pessoas conversavam em voz baixa a um canto da sala visinha. A pobre orfã julga ouvir pronunciar o seu nome; chega-se com timidez ao tabique, encosta a cabeça a uma das muitas fendas, que n'elle havia, e escuta estas palavras.

- Elles estão aqui.
- Estás certo disso?
- Viram-os entrar a ambos.
- Aonde está o patrão?
- Está lá fóra.
- Já deu as suas ordens?
- Sem duvida. O tal caçal de pombinhos não hade escapar-se-lhe da rede.

— Quantos somos nós?

— Perto de vinte.

— E' bastante numero.

— E' mais do que o necessário.

— Paquita podia ver por as taboas mal unidas do tabique. Examina attentamente os diversos interlocutores. E' evidente que são contrabandistas. O seu traje é simulhante ao dos piratas, que infestavam as costas da Catalunha. Reluzia em suas feições uma ferocidade ale-

gre e brutal. Voltavam de unha expedição secreta armados de punhaes e pistolas. O chefe destes bandidos não estava longe e a orfã o buscava. A sua alma presentia ser Gomes.

A conversação continua.

— Hontem foi boa a preza?

— Sim o negocio vai bem, camaradas.

— Ha bastantes despojos nas ruinas.

— Os quaes augmentarão, assim o espero.

Por desgraça estão aqui estes maldictos franceses, que nos tundam nas estradas... e se elles nos bispassem nas praias! ..

— Porventura não temos nós armas de fogo, punhaes e emboscadas?

— Sim, mas elles teem a força.

— E nós a audacia.

— Pode dizer-se que o Céo os proteje.

— Não é provavel: não acreditam em Deos, nem em Satanaz.

— E nós, seremos famozos catholicos?

— Em quanto a mim acredito na Santa Virgem, e tenciono dar-lhe no dia da Assumpção um lindo par de castanholas para a sua festa. Ella me hade pagar isto, estou certo. (*)

(*) Um capitão general de Malaga fez uma similitante offeria a certa imagem do convento da Victoria.

— Eu cá por mim o que lhe peço é a extermínatio dos Francezes.

— E que dizes tu do rey *Pepé*? (*)

— E' um ladrão de alto calibre; assim como nós somos pequenos ratoneiros; elle é o soberano dos palacios, da mesma sorte por que o nosso patrão o é das cavernas; ladroeira de ambos os lados.

— E qual é o melhor, ou o peior?

— Isto depende dos gostos, camaradas. Ha dous governos em Hespanha; o do princípe e o do salteador; ambos teem os seus direitos e impostos; o povo paga tudo.

— Se elle é estupido!

Uma estrondoza gargalhada acompanhou estás facecias de taberna. Um dos piratas diz em voz baixa,

— Aonde conduziremos nós a pequena?

— O que importa primeiro é apoderarmos della.

A couza está quazi feita. Somos senhores da estalagem.

— Se passasse muita gente por a estrada?

— Então que haveria de mau nisto? Cincoenta camponezes, quando se lhes pode oferecer um pequeno ganho, tornam-se em cin-

(*) Nome que davam naquelle tempo a José N^o poleão rei de Hespanha.

conta bandidos. Quanta mais gente ha em uma estrada maiores perigos corre o viandante.

— Elle tem resposta para tudo, o malvado.

— Que fareis vós do companheiro da bella?

— Elle canta como um rouxinol.

— E' o mesmo: duas ou trez punhaladas, uma cova... e está tudo concluido.

— E' pena... é tão gentil,

— Ouviste-o tu gorgorejar?

— Não: tenho pena.

— Eu tambem.

— Não poderíamos nós pedir-lhe que nos toque um *bolero* antes de entoar o *de profundis*?

— Certamente, a ideia é boa.

— Arrangemos isto já. Matar não embarraca folgar.

— O chefe encommendou ramalhetes.

— Para quem?

— Ora essa é boa: para quem? para a sua bella. Elle tem tenção de a preparar como uma imagem da cathedral; e para isso ja roubo trez; cobril-a-ha de diamantes.

— Elle decerto perdeu a cabeça. O patrão está seguro da estalajadeira?

— Inteiramente seguro. Marianna era, ha quatro ou cinco annos, a primeira beleza da

villa, e o nosso chefe lhe fez a corte... e tão bem que ella não vê senão por os seus olhos.

— E' o seu tyranno.

— Caluda Eil-o-ahi.

— Paquita dá um grito e cae desmaiada sobre o sobrado. Gomes, o terrivel Gomes acabava de apresentar-se-lhe á vista.

Ainda um golpe da sorte!

Como tinha podido o contrabandista escapar á morte no subterraneo da igreja?...

Nada mais facil de explicar. Perseguido por quatro soldados sómente, que o tinham visto levantar o alçapão da escada; recuando havia morto trez successivamente. E quando elle chamava Paquita, quando o sangue começava a correr abundantemente da sua ferida, o ultimo inimigo havia cessado de existir,

Persuadido de que a espoza de Monserate teria conseguido quebrar suas prisões, elle tinha voltado á *cisterna da morte*; para ali havia dirigido os seus passos; mas os destroços das abobadas estavam ali para lhe embaraçarem o caminho. Atheleta vigorozo introduz-se atravez das ruinas e chega ás novas escavações que entestavam com a famosa cisterna. O' surpreza! ali, onde elle havia feito fogo á queima roupa sobre o seu ri-

val, não encontra Paquita, nem o corpo de D. Estevão. Enfraquecido pela perda do sangue, ficou por algum tempo quazi desmaiado; depois quer continuar suas indagações, havendo primeiramente curado as feridas; um novo desabar lhe veda a passagem e não pode voltar ao mauzoléo, donde saia.

Então tomando o partido de acabar com todas as incertezas e terrores, sobe até á borda do poço por uma especie de degráos formados pelos moveis.

Saido fóra da cisterna não se lhe apresenta inimigo algum; arrasta-se, sem ser visto, até uma caza vizinha, aonde no meio das ruínas acha alguns restos de alimentos. Arranja ahi um retiro obscuro e occulto; vive como um reptil entre pedras. As feridas fecham-se-lhe a pouco e pouco e dous dias se passam assim. Ao terceiro estava salvo. A ordem succedia ao chaos, e Gomes saido de Tarragona se juntava na borda do mar com os contrabandistas catalães.

Tornemos ao guitarreiro. Todo ocupado da sua amante apenas havia notado as figuras sinistras, que enchiam a pozada.

Todavia estranhos fallatorios tinham logar junto delle, e começava a dar-lhes attenção. Bem depressa se lhe apodera do animo um

desasocego real, vê que tramam algum crime.

Depois de dar as suas ordens á stalajadeira torna a entrar no quarto de Paquita. Que espectaculo! a sua pobre noiva, com a cabeça occulta entre as mãos, está estendida no sobrado.

Perseguido por as mais vivas inquietações da-se pressa a levanta-a. Ella conta-lhe com ar espantado o que acaba de ver e de ouvir; julga-se perdida infallivelmente.

— Não, — diz Pedro com tom firme, — o Ceo não nos hade abandonar. Socego e coragem, Paquita. Não somos nós feitos para os revezes?

Carmo, creada da stalagem, acabava de pôr neste momento sobre a meza um modesto jantar. Lança um olhar triste e compassivo sobre os dous viajantes. A sua phizionomia exprime embaraço e interesse; ao ver-se seu andar inquieto e desasocegado diz-se-hia que queria fallar, mas que o medo a impedia. Paquita pegando machinalmente no seu cabazinho se dirigia para a porta. —

— Em nome de Deos não saiaes! — lhe diz a criada em voz baixa e apressadamente; a stalagem está cercada por bandidos.

— Bem sei, — responde a orfã — A quem ameaçam elles?

— A voz e a vosso companheiro.

— Que lhes fizemos nós?

— Não o sei, mas os seus projectos são abominaveis.

— Contra nós?

— Irremissivelmente.

— Pois que! não ha esperança de salvação? — pergunta o guitarreiro.

— Talvez; tende paciencia por um quarto de hora.

— Que esperaes?

A procissão.

— Como?

Os peregrinos estão a chegar e correrei ao seu encontro.

— E depois?

— Fal-os-hei passar por aqui, em frente da stalagem, com a cruz e as bandeiras.

— E então que mais havemos de fazer?

— Callai-vos!

A stalajadeira tinha aberto a porta, franse as sobrancelhas olhando para Carmo e com um gesto imperiozo lhe ordena que saia.

— Pois que! ainda não estaes á mesa, — diz ella aos fugitivos com tom ironico, — julguei que estaveis a morrer de fome.

— Eu ter fome, bella estalajadeira; responde Pedro em tom galanteador; — julgaes que as necessidades ordinarias convenham aos filhos de Orpheo? De modo nenhum! não hei fome senão de gloria, não hei sede senão de melodia. Para mim as flores e a gloria, para mim o ar e a liberdade! Só vivo de poesia e de amor.

— Alimento pouco nutritivo, na verdade, replica Marianna; freguezes da vossa laia dão pouco que fazer ás tascas, e as pozadas não hão de cubiçar taes hospedes. Comtudo o vosso gosto pode satisfazer-se hoje á vontade; tenho numerosa companhia, que desejava ouvir-vos cantar.

— A mim?!

— A vossa voz tem fama.

— Encarregaram-vos então de me pedir que cantasse.

— Sim. Não tendes á mão a vossa guitarra?

— Ella nunca me deixa.

— Aquelles, que desejam ouvir-vos são capazes de bem vos pagar.

— Não duvido, bella hospedeira! mas agradar-vos são os meus dezejos.

— Sois cortez e galante.

— Sei sentir e admirar. Não pretendo nada

da vossa sociedade. Só cantarei para vos obedecer e obzequiar. Permiti-me somente, em paga do meu desinteresse e submissão...

— O que?

— Apertar a vossa bella mão.

— Pedro havia pegado na guitarra; e alisando os seus cabellos castanhos, apresentava um semblante socegado. Nunca seu rosto tinha parecido mais bello e agradavel. O brilhantismo dos olhos, a alvura dos dentes, a elegancia da sua figura, espantavam a perfida stalajadeira; era entendedora em bellos rapazes, e sempre os tinha appreziado.

Este era um dos mais notaveis do sitio. Um profundo suspiro se solta do peito da hospedeira. Volta a cabeça, com uma mistura de admiração, de pezar, de impaciencia e de enfado; sente a alma um tanto perturbada.

O sobrinho de D. Manoel tinha formado o seu plano; e este era ganhar tempo. Marianna, immovel e indeciza esquecia as fataes instruções, que tinha recebido, ou antes, retardava-lhes a execucao. Por desgraça, a linda figura de Paquita se lhe offerece de repente á vista.

— E' vossa mulher? — pergunta ella ao guitarreiro, com uma voz, em que se denotava o ciume e a malicia.

— Não, — responde Pedro, — é minha irmã.

— Apostava o contrario.

— Porque?

— Porque vos devora com os olhos. Não é deste modo que se olha para os irmãos. Tenho disto longa experientia; sei que é vossa amante e não de hoje.

— Em todo o cazo não data de muito tempo, replica graciosoamente o guitarreiro.

— Está bom! acabemos! Por que motivo tem esta pequena creatura o ar tão transtornado? Parece que está a tremer.

— E' porque tem frio.

— Logo a aqueceremos, — responde a estalajadeira com voz sombria. — Ouvis estes gritos?

Chamam por mim. Vamos! guitarreiro! Segui-me.

O mancebo Catalão obedece.

Passando junto á sua companheira diz-lhe em voz baixa estas palavras: — Socego e coragem! Paquita.

A entrada do mancebo na sala, aonde estavam reunidos os bandidos de Gomes foi recebida por aplausos repetidos. Era a victima, que coroavam antes do sacrificio. Pedro com a guitarra na mão caminha com passo tran-

quillo e socegado; senta-se em um banco. Os salteadores formaram circulo em redor delle. Pedro canta com voz sonora a sua canção favorita, a que o havia salvado em caza de seu thio, só lhe muda as palavras:

Os piratas sobre seu navio,
 Com o sabre em punho
 De um corajozo delirio
 Dão singular testemunho.
 Então para elles, a gloria,
 Tem bellos dias:
 Minha lyra! oh! dai-me valor!...
 Cantos de esperança,
 Sois a minha Providencia
 E a do meu amor!

Retinem novas exclamações. Trez vezes fazem repetir ao guitarreiro o seu poeticó improviso; tem ganho as sympathias.

Marianna, em pé atras delle, parece entregue á mais viva agitação. Um unico rosto conservava entre os bandidos uma expressão implacavel; é o do chefe da quadrilha. Quanto mais o amante de Paquita electrizava os ouvintes, tanto mais elle o aborrecia. Era-lhe mister o sangue de Pedro.

Derepente a creada da *pozada* se precipita para o meio da multidão. Ella vem cançada e ancioza; apenas pode fallar.

— Vinde ver!... eis-os que passam! correi todos!... E' magnifico!

O que?... — interrompeu Gomes com impaciencia e colera.

— A sancta irmandande da Virgem — responde Carmo. Volta da capella de Nossa Senhora dos Marinheiros, aonde se fazem tão bellos milagres. Vem uma procissão de peregrinos atraç dos monges de S. João. O acompanhamento das donzelas traz ondulantes as suas bandeiras brancas. Na frente marcham os padres com a cruz, cereaes e a muzica; na rectaguarda os anões e os gigantes. E' o mais brilhante espectaculo possivel. Podia dizer-se que é o paraizo que vai passando.

— Corramos a ver isto! — exclamam os bandidos.

Saem em chusma para fora da estalagem.

Debalde procura retel-os Gomes furioso, ninguem lhe obedece. Qualquer ceremonia religioza tem para elles, assim como um combate de touros, alguma couza de irrezistivel.

E' necessario para a sua singular natureza de piedade e crime, de infamia e de rezas, um composto de inferno e de Céo. Vão assassinar um homem, eis-os de joelhos diante de uma procissão; o deboche e a vingança tem para elles mil encantos; mas o seu pensamen-

to exalta-se ante as imagens de religião, paz e mansidão. Atraz delles lagos de fogo, na sua frente fontes divinas; são-lhes mysterios e outras. Teem, alternadamente, fachos que ardem para os condemnados; e cirios acenezos para o Salvador; vociserações para Satanaz e canticos á Virgem.

O vento agitava as sanctas oriflamas, doutradas por os raios do sol prestes a por-se. Meninos do coro precediam a procissão e junçavam o terreno de flores e verdura. Nuvens de incenso fluctuavam ao redor das bandeiras cor de purpura e azul. Desta atmosphera perfumada se elevavam vozes angelicas, ás quaes diversos instrumentos juntavam seus melodiozos sons.

A natureza era brilhante; e a benção do SENHOR parecia passar com os canticos da igreja.

Os piratas prostrados diante dos ministros do Todo-Poderoso tinham esquecido inteiramente Pedro e a sua companheira. Marianna vê-os escaparem-se sem lhes pôr o menor obstaculo, e talvez mesmo com secreta satisfação. Paquita se perde entre as donzelas, que caminhavam atraz do palio; Pedro colloca-se entre os muzicos, que acompanhavam os hymnos sagrados; e ambos livres e salvos dentre uma caterva de salteadores, escapam-se com a protecção do SENHOR,

O astro do dia ia sumindo-se pouco a pouco; a procissão aparta-se da estrada de Reus e se introduz pelos campos. Os numerosos peregrinos, que a acompanhavam começam a diminuir. Cada um volta para sua caza. As sombras descem sobre os campos. A orfã e o guitarreiro não duvidam que Gomes e os seus os acompanham de longe e que hão de estar promptos a cair sobre elles na primeira occasião favoravel; e esta occasião não tardará a oferecer-se. Que fazem os fugitivos? Esperam que a obscuridade se condense e que lhes permita occultarem-se furtivamente a todas as vistas.

No caminho, por que marchavam, havia uma rica herdade abrigada dos ladrões por os seus immensos habitantes. Pedro e Paquita se approximam ás escondidas. Uma porta oculta entre as arvores se apprezenta diante delles; abrem-a a favor das sombras, e sem serem notados de pessoa alguma conseguem transpor os seus humbraes. Estavam elles em um abrigo salvador? Sim eil-os ainda salvos.

Chegam-se a um dos creados e perguntam-lhe se seu amo consentiria em dar lhes gazalhado aquella noute. Tomando-os por aventureiros o creado abana a cabeça com ar pouco benevolo; depois tocado pelo seu bom porte

e maneiras distintas os faz entrar na herdade.

A habitação, chamada *Marcennas*, era vasta e de nobre apparencia; era flanqueada por pequenas torrinhas, e cercada por grande numero de cavallariças, celleiros, abegoarias e granjas. A sua pozião era muito pictoresca e tudo ahi respirava a opulencia.

Pedro e Paquita sobem uma escada de muitos degráos. Entram em um vestibulo e dali em uma especie de sala. A mobilia não é sumptuosa porem é commoda e decente.

O creado antes de ir annunciar os estrangeiros a seu amo julga dever dirigir-lhes as seguintes perguntas.

— Sois deste paiz?

— Sim, de Reus.

— E vindes?

— De Tarragona

— De *Tarragona*! repete o creado com impressão de tristeza; é necessario não fallar nesta cidade ao patrão.

— Por que razão?

— Por que toda a sua familia ahi foi assassinada; e por este motivo elle chora continuamente. Está muito doente, segundo diz o medico de *Canonga*, o melhor destes sitios. Eu tenho medo que elle venha a morrer de tristeza.

— Ha muito tempo que habita esta herdade?

— Não ella pertencia out' hora a um dos seus thiis morto em Tarragona, foi delle que a herdou.

— A fortuna do vossò amo é grande?

— Certamente, mas não a hade aproveitar por muito tempo porque se fina vizivelmente. Deixei-o com fevre estendido sobre o leito. Não sei se quererá ver-vos.

— Dizei-lhe que nós tambem escapamos por milagre aos horrores do saque e que imploramos a sua protecção. Deve ser compassivo porque é desgraçado.

— Oh! é o melhor dos homens; só pensa em fazer bem; vou prevenir-o da vossa chegada.

O creado passa para a caza vizinha; os fugitivos ficam sós.

— Paquita! — diz alegremente Pedro, — nossos males estão terminados; graças a Deos, a nossa barca chegou finalmente ao porto.

— Tu assim o julgas, — responde tristemente a catalã, —; eu porem não ouzo lisonjear-me de tal; a tempestade foi muito violenta para já se ter dissipado. Gomes não está longe.

— E que nos importa Gomes! A ordem e a tranquillidade vão restabelecer-se, a guerra

está acabada ; a província já não está em es-
tado de sitio ; entramos no imperio das leys ;
e quando a justiça tomar o seu logar ai então
dos malvados.

— Tu vês o nosso horizonte sem nuvens ?

— Sim , com tanto que tu sejas minha ;
porque separados um do outro não pode haver
para nós dias felizes. Não sei aonde te con-
duzirei , qualquer que seja porem a estrada
por onde caminhamos juntos , nella reinara a
alegria e a confiança , a hilaridade e a ventu-
ra. Sejam quaes forem as dificuldades do ca-
minho não deixarei que a flor feneça abafada
pelos espinhos. Tu te encostarás a mim , Paqui-
ta ; animar-me-hei com os meus cantos , e tu
das tuas orações ; ambos da esperança e da
fé.

— E aonde nos havemos de estabelecer ,
Pedro ?

— Levantaremos a nossa barraca aonde nos
aprouver. Levantal-a-hemos logo que julgar-
mos o sitio perigozo. Seremos livres como o
passaro de arribação , ou no dezerto ou nos
bosques , com a primavera e o amor , sem
quasi tocarmos na terra e com as azas esten-
dididas para os ceos ; os corações ternos serão
nossos.

— Não temos dinheiro, nem cousa que o valha.

— E para que serve o dinheiro! O melhor é uma alma pura. Ah! quaesquer que sejam os logares, que se habite, as pozições, que se occupem, sempre se é feliz aonde existe amor.

Paquita sorria docemente com estas perspectivas. A secunda imaginação de Pedro a transportava para as regiões do seu entuziasmo e sentimento. Não podia haver sombras negras aonde o guitarreiro lançasse as suas poeticas inspirações. Tudo se coloria diante das suas palavras, o presente e o futuro. Junto a elle e com elle nada era sombrio, triste e frio; tudo se tornava chama, espaço e luz.

— A'manhã, — continua o poeta artista, — irei ao despontar do dia á igreja, cujo campanario se vê daqui por entre as arvores da floresta; acharei ahí um padre, lançar-me hei a seus pés e referir-lhe-hei as nossas pozições. Estou certo que elle hade apressar-se em nos dar uma segunda benção matrimonial. Não somos nós despozados?

— Ah! *despozados da morte*, — responde suspirando a orfã. — E' este um sobre nome de feliz presagio?

O creado da herdade volta; traz boas novas.

— Meu amo, — diz elle aos viandantes, — me encarrega de fazer-vos as honras da sua caza. Tereis boa ceia e excellentes camas.

— Não lhe poderemos agradecer? — pergunta o guitarreiro.

— Esta noute não, está deitado na cama, fraco e soffrendo muito.

— Costuma elle deitar-se a esta hora?

— Não, ainda não está despido; disse-lhe que tinbeis uma guitarra, e estou certo que se cantasseis lhe havieis de dar prazer; elle vos ouvirá do seu quarto.

— Oh! será para mim grande ventura poder dar-lhe gosto, — replica o sobrinho de D. Manoel pegando no seu instrumento favorito.

— Que lhe heide cantar?

— Um *bolero*

— O guitarreiro escolhe o de mais voga no paiz; aquelle que as raparigas de Reus lhe pediam out' hora com transporte nas festas das aldeias vizinhas; aquelle que Paquita preferia antes de cazar com Monserrate.

Este *bolero* tinha para elles dôces recordações. Senta-se, preludia e canta.

Terna pastora da aldeia,
Por meus sons atraida
Vem em segredo ao bosque

Onde feu amante suspira !
 Ambos á sombra do mysterio
 Longe dos invejozos
 Escapemos ao bulicio da terra !
 Amor será para nós
 Amor sincero,
 Tu que tão bem sabes inflamar
 O' minha pastora !
 Não é bastante agradar
 E' necessario amar. (*)

A porta se abre com fracasso. O proprietario de Marcennas, apezar do seu estado de sofrimento e de fraqueza sahe para fóra do quarto.

Tinha reconhecido a voz de Pedro, e com o espanto estampado no rosto se apresenta aos dous amantes. Deos ! que grito se escôa ao mesmo tempo do coração da orfã e dos labios do guitarreiro ! . .

— Monserrate !

— Não , não é um phantasma , é o marido de Paquita. E' elle salvo do tumulo ; é elle que acha sua espoza. Ah ! ouviu a doloroza exclamação da orfã. O infeliz cambalêa e recua ; Pedro occulta o rosto ; estão todos como petreficados

(*) Esta é a traducción de um bolero catalão , que foi por muito uma especie de canto nacional nos arredores de Tarragona .

Paquita é a primeira que torna a si. Escapa-lhe da bocca um novo grito, desta vez é uma terna invocação.

— Estevão.

Monserrate corre para ella, lança-se-lhe nos braços e a orfã o aperta ao coração; o sentimento do dever abafa em sua alma outro qualquer; não vê senão a seu marido. As lagrimas correm, é verdade, abundantemente por suas faces; mas estas lagrimas nada teem de erininas. Lê sobre as feições de Monserrate tudo quanto elle devia ter soffrido depois da sua separação; tem o rosto livido, os olhos encaixados; os seus cabellos encaneceram de repente; está aleijado de um braço; tem envelhecido dez annos. A alma terna e compassiva de Paquita não podia supportar sem dor um similhante espectáculo; sente que d'aquí avante a sua missão era servir de anjo consolador daquelle a quem a sorte tinha ferido tão cruelmente, e de cujos sofrimentos era ella a principal motora, comprehende que, não podendo dar-lhe as vivas affeições de amante, deve consagrar-lhe a dedicação de espoza; ella está prostrada aos pés de Monserrate.

— Sou eu! é Paquita! — lhe diz ella — Que! neste momento de felicidade, nem uma só palavra de effeição! .

— Não, responde Monserrate, levantando-se com olhar de espanto e de amor, não posso atinar com uma palavra. E quando o podesse, ouzaria fallar! *Momento de felicidade!* disseste tu. Comtudo; neste instante, á minha vista, este grito que te escapou não foi um grito de dôr? Oh! sim! as minhas ideias se perdem... *A felicidade!* Repete esta palavra, Paquita, dize-me: *Sou feliz!* e eu te acreditarei, é preciso, porque ves tu, sofro tormentos de morte. Dai-me, mais que seja por compaixão, dai-me o derradeiro dos dias de felicidade! Não durarei muito, eu o sinto, mas abençoar-te-hei, terna amiga! E mais tarde tu serás feliz. — sim, então dessa vez *verdadeiramente feliz!*... Chora, chora! eu o permitto; mas deixai-me as illusões; dae-me esperanças! Tu o vês, estou em delírio... Ah! golpes tão repetidos... Morro, diz porem que me amas.

Monserrate estava em uma espantoza desordem, comtudo nunca tinha exprimido palavras mais ternas nem sentimentaes. Cae desfalecido em uma cadeira. Paquita toda entregue a si mesmo sentia que a sua alma se elevava ante estes deveres e que o reconhecimento sobre-saia ao amor. Tinha ella a figura de um anjo, devia reunir-lhe a sua natureza.

Pedro isolado, esquecido, não fazia um movimento. Encostado á guitarra olhava esta scena triste e consternado. Derepente estala uma corda do seu instrumento e faz soar um grito de queixume.

— Este mancebo é Pedro Walls? — Diz Estevão com ar consternado.

— Sim é o meu irmão adoptivo, — responde Paquita em tom firme.

— Vosso irmão! repete Monserrate. Juraes-m'o?

— Tomo a Deos por testemunha.

A fronte de D. Estevão se esclarece. Conhece a sua terna companheira. Ela commetteria uma falta, não lhe juntaria porem o perjurio. Pega-lhe na mão e a leva aos labios.

— Que vejo! — replica elle espantado — Tu não tens o meu annel nupcial no dedo; outro occupa o seu logar?

— Elle e eu, responde á orfã com solemnidade mostrando Pedro a seu marido, — nós fomos os *despozados da morte*. Estivemos em um carneiro funebre, diante de um sarcophago aonde julgavamos que a eternidade devia reunir-nos; ahi trocámos os nossos anneis. Daim-me o meu, Pedro!

— Ei-lo aqui, — diz o desafortunado mancebo.

É a mão, que já não tinha annel parte uma
segunda corda.

— Novo som lugubre, e compungido.

— Duas despedidas! — diz o guitarreiro
com o olhar espantado e a voz quazi extinta.

— Elle saia, Paquita o detem.

— Já! Pedro! já!

Depois voltando-se para Monserrate.

— Elle salvou-me a vida, — prosseguiu

— e vós o expulsaes daqui!...

— Não, — replica D. Estevão. — Mas jul-
gaes que possa ficar?

— Não posso, nem devo, — diz o guitar-
reiro, e sae com passo firme.

— Paquita já o não detem. Lança-se nos
braços do seu marido para ahi occultar a sua
dôr.

— Ah! — diz Monserrate em voz baixa
eu o sinto, devia ter morrido.

As ruinas de Torenos.

ASSIM como Paquita o tinha pressentido no subterraneo dos tumulos, o implacavel Gomes saindo da cisterna da morte, tinha cumprido o seu juramento. Um tiro disparado sobre Monserrate o tinha estendido sem movimento na especie de tumulo, ja cheio de sumo, donde elle arrebatara Paquita. Gomes estava certo que o seu rival tinha morrido.

Outra foi porém a disposição do Céo. Caindo inanimado não devia com tudo morrer, só teve um braço fracturado.

Da mesma maneira que em algumas ocasiões basta qualquer couza para matar, noutras pelo contrario parece que não ha couza alguma, que possa tirar a vida.

Monserrate, banhado em seu sangue, sufocado por um espesso fumo, e ameaçado com uma nuvem de fogo ficou por algumas horas privado das suas faculdades; depois tornou a si, poz-se em pé, só, no meio das trevas. O incendio tinha-se extinto; o fumo dissipava se pouco a pouco; sua espoza estava no poder do seu assassino, e as paredes abatidas não lhe pirmittiam seguir-lhe as pizadas. A fractura do braço cauzava-lhe neste momento dores agudas; tinha uma fevre ardente; e torturado, moral e phyzicamente, rojava-se por terra com frenezim, chamando a morte em seu soccorro; a morte porém não accudiu a seus gritos.

Um sonno lethargico, um entropecimento cruel o livrou por algum tempo deste horroزو suppicio. Quando abriu os olhos apenas conservava a razão. Tinha junto a si alguns alimento; por um instineto machinal devorou os; havia vinho, bebeu-o. Foi assaltado de nova afflição; julgou que tocava o derradeiro momento, poz-se de joelhos, encommendou a sua alma a Deos e deitou-se com

a fria convicção de que nunca mais se levantaria.

Não obstante levantou-se de novo e tomando forças resolveu fazer todos os esforços para sair da cisterna.

Pega no cesto das provisões; sobe lentamente e se assenta sobre os destroços, que obstruam a boca da cisterna. Continua depois apesar do seu braço fracturado, e chega a metade do caminho. Ali descansa por muito tempo, depois torna a subir. Algumas vezes recorria aos seus viveres; e suspenso com trabalho sobre as traves ardentes, descansava ora aqui ora ali. O ar e o dia reanimavam-o. Finalmente, vencendo todos os obstáculos por uma especie de prodigo, chega á embocadura da cisterna. Gomes um pouco mais tarde devia chegar ao mesmo lugar.

Novo auxilio do Céo! D. Estevão vê no pateo o uniforme de um soldado francez. Como se acham estes objectos aqui? Que importa? Monserrate veste este uniforme abandonado, atravessa assim as ruas e os beccos de Tarragona sem excitar a menor suspeita. Tomam o por um soldado ferido, por um militar doente e no meio da desordem geral que então tocava o seu termo, não fazem reparo nelle. Chega finalmente a passos lentos á porta da ci-

dadella, transpoem-a sem dificuldade e se dirige para o campo. Estava salvo por um verdadeiro milagre.

Poucos dias depois da sua saída de Tarragona estava D. Estevão na rica possessão de Marsennas, que herdara de um tio.

Havia perdido para sempre o uso do braço apesar de todos os esforços da arte. Da mesma sorte, que o seu vigor e mocidade, estava destruída a sua saúde, e em resultado de indagações, a que tinha procedido, convencesse que a sua espoza havia morrido; elle não tinha outro pensamento além de se juntar com ella, o mais depressa possível, na patria eterna.

A orfã de Reus no dia imediato ao da sua reunião com Monserrate, havia-se installado na bella propriedade de Marsennas. Cercavam-a todos os elementos de felicidade; tinha uma posição independente, honrada fortuna, habitação encantadora e o mais delicado dos maridos, com tudo, não obstante isto, chorava amargamente.

D. Estevão havia-lhe contado os acontecimentos acima relatados. Paquita, por sua parte não lhe tinha occulto couza alguma do que tinha passado entre ella e o guitarreiro, desde o seu encontro nas catacumbas até á sua che-

gada a Marsennas. A harmonia mais perfeita parecia reinar entre os espozos.

Separavam-se o menos possivel. Havia entre elles, desde pela manhã até á noite uma troca continua de ternura e attenções. Eram citados como modello de amor conjugal, e sua felicidade cauzava inveja. Enganadoras apparencias as deste mundo! Estevão e Paquita, ainda que dedicados um ao outro, e cercados de tudo o que pode dar a felicidade, não tinham repouso nem ventura.

O marido, muito esclarecido por seus proprios sentimentos para se enganar sobre os de outrem, lia constantemente no pensamento de sua espoza. Surprehendia-lhe suspiros abafados e pezares dolorozos dirigidos para Pedro; era o fundo da existencia de Paquita. Em campensação dirigia-lhe, a elle seu espozo, olhares de reconhecimento, palavras de dedicação; estas eram as apparencias da sua vida. Monserrate occultava-lhe seus tormentos; a orfã encobria-lhe o que soffria. O exterior, nelles era o socego e a confiança; o interior perturbação e dor. Assim ambos viviam separados, ainda que juntos, separados, porque não sentiam o que exprimiam, juntos, porque assim lh'o ordenavam o dever e o reconhecimento.

Dolorida Mugnos, a quem as desgraças da guerra haviam poupado no seu retiro, nos arredores de Villaseca, vinha, de tempos a tempos, vizitar o irmão a Marsennas. Folgara muito com a reunião dos consortes; e todavia suas vistas perscutinadoras se fitavam sobre a cunhada com penivel compaixão; apezar do que nenhuma pergunta indiscreta se lhe escapara dos labios. Jamais em Marsennas se pronunciava o nome de Pedro.

O paiz se occupava então bastante do contrabandista de Salo. Gomes escapado de Tarragona, tinha feito curtas, porem brilhantes excursões no mar. Voltara com consideravel preza da sua ultima expedição naval. Os franceses pareciam proteger o pirata; porque, inimigo jurado da Grã-Bretanha, comprazia-lhe desenvolver contra os inglezes a sua intrepidez. Com tudo o governo francez havia dado ordem para que o vigiassem; não se fallava n'outra couza senão em Gomes e nas suas aventuras.

Em uma bella tarde de verão, Paquita estava sentada no campo entre os cegadores da sua herdade, e o marido a seu lado; o tempo estava bello, a natureza brilhante. Corriallhes aos pés um ribeiro, no limpidio espelho do qual se reflectia o azul do Céo. De repente chegam a seus ouvidos sons longíquos de uma

guitarra; a orfã estremece e derrama uma torrente de lagrimas.

« Tu sofres? — diz Estevão com voz alterada.

— Eu, — responde a orfã olhando dolorosamente para o rosto pallido e descarnado do marido: — isto equivaleria a ser ingrata com a Providencia. Não, não sou eu quem sofre, es tu.

— Pensal o-has assim, Paquita? Não me concedeu o Céo o mais precioso dos bens deste mundo? uma amiga dedicada! Não posso a mulher, que amo?

— E não tenho eu o melhor dos maridos?..

— Ah! — replica Monserrate inclinando-se para o regato, que reflectia a sua imagem — bem me vejo, sei o que valho. Não tenho beleza nem mocidade. Tuas lagrimas correm, pranteias-me. Obrigado, anjo consolador. Obrigado! apezar de que em amor, a piedade é o derradeiro palpitar do coração.

— Estevão!..

— Não tomeis este dicto por repreensão. Não te quero mal por isto, Paquita. Por ventura podemos ser senhores das nossas impressões e dos nossos sentimentos. Às vezes não é myster mais do que um suspiro para traír qualquer existencia; um gesto para ferir qualquer

coração. Junto de ti, sem que o saibas, hei percebido os teus pensamentos. Perdoa-me! não me es menos chara; não te admiro menos por isso. Sim, repito-o, obrigado por tudo o que me concedes! por tudo que me occultas.

O choro de Paquita redobrava; passaram alguns minutos em silencio.

— Não, não heide ter nada occulto para ti, — diz a orfã — confiar-me has da mesma sorte as tuas mais secretas penas; e eu te heide amar cada vez mais. Quem ha melhor do que tu sobre a terra!.. Oh! sobre tudo que te não venha jámais ao pensamento que d'ora á avante, em quanto viveres, eu possa ser feliz sem ti!

— *Em quanto eu viver! Paquita!*

— Escuta, Estevão! E' myster que leias em minha alma.

— Julgas que isto seja facil de fazer! Fallemos sem o menor constrangimento. Sei a lucta interior, que te acabrunha:

« Pedro foi amado antes de me conheceres; que queres tu! não é tua a culpa. Guardar-me hei de t'o levar a mal.. pelo contrario; isto só tem servido para desenvolver em ti as mais elevadas virtudes. Dai-me o amor, que poderes;

serei contente, Paquita; ainda encontrarei & felicidade.

Sons lastimozos retiniam ao longe; partiam do campo vizinho.

— E' a guitarra de Pedro, — diz tristemente Monserrate.

— Pois Pedro está aqui?

— Assim o julgo.

— Aonde mora alle?

— Em Reus.

— Só, e sem fortuna, Estevão?

— Elle não tem familia, nem bens, é verdade, a sua posição é digna de dó.

— Devia cazar-se, — diz Paquita com voz tremula.

— Cazar-se! dezejal-o-hias tu?

— Parece-me que sim, — responde ingenuamente a orfã; porque interessando-me a sua felicidade, devo desejar que me esqueça.

— Tu sabes quanto o pezar tortura, não é assim?

— Sei quanta doçura e encantos dá uma familia amada.

— Pois bem, Paquita, se minha irmã conviesse a Pedro?

— Já me tinha ocorrido similarmente ideia.

— Ella tem o coração livre, sem dúvida?

— Não, Estevão. Dolorida Mugnos tem um amor occulto, profundo e apaixonado.

— E por quem?

— Não me confiou tal segredo; mas por certas palavras parece-me que poderia ser Pedro.

— Julgas que ninguem é digno de ser amado sendo elle!

— Tua irmã é bastante rica, Estevão, e o guitarreiro não tem nada de seu.

— Quando se captiva o coração é no que menos se pensa. Não, não é este o obstáculo.

— Qual é pois, meu amigo?

— Supondo que Pedro annuisse a teus votos, experimentaria por minha irmã sentimentos identicos aos que tens por teu marido; e crês que Dolorida se contente só com isto... Parece-se tão pouco comigo!

— Se queres, fallo-lhe.

— Quando?

Marcae o dia.

— Partamos.

Uma hora depois deste intertenimento, Estevão e sua mulher rodavam pelo caminho de Villaseca em um pequeno mas elegante carro. A orfã de Reus, persuadida de que cumpria uma obrigação sentia-se orgulhosa por

dar a seu marido esta evidente prova de renunciar inteiramente a uma paixão culpada; e tirando forças de uma religioza abnegação de si mesma, exprimia uma especie de triunfo em seus olhos. Eram alegrias de martyr.

A habitação de Dolorida chamava-se *Velães*. Era uma bonita vivenda no gosto italiano. Dominando uma florida encosta tinha magnifica vista; os jardins da caza eram diliciozos, e a viuva Mugnos nella havia gasto sommas consideraveis.

Chegada a caza da cunhada, a espoza de Monserrate se apressa a pedir-lhe uma conversaçao particular, e declara francamente o fim da sua visita. Dolorida, vivamente enterneceda aperta a mão de Paquita e diz-lhe:

— Generoza menina! sei o que se passa em tua alma e admiro te.. Sinto-me porem incapaz de te imitar. Um casamento de conveniencia ou de razão não pode entrar em minhas ideias; jamais renunciarei voluntariamente áquelle que amo..

— *A'quelle que amas*, minha irmã?

— Deixa-e-me acabar, Paquita. Os castos annos da tua Primavera hão servido como de forte antidoto á corrupçao da vida; tu partis-

te d'ahi para ser um anjo de virtudes e de sacrificios.

Eu pelo contrario desde a minha infancia hei sacudido o jugo e as cadeias. Tinha recebido uma alma de fogo. Aonde me conduzirá ella? Não importa.

O olhar da viuva Mugnos, pronunciando estas palavras tinha energia ardente, porem fatal expressão.

— Não vos comprehendo, minha irmã — diz Paquita summamente perturbada, amaea, ou não, Pedro Walls?

— Não, Paquita.

— Quem possue, pois, vosso coração?

— Gomes.

— O contrabandista!..

— Elle mesmo. Sei perfeitamente quanto podeis objectar-me a similhante escolha; mas não desinamos jámais *por que* se ama; *como*, eis o que é necessário perguntar. Gomes é um pirata feroz; conheço o seu genio indomavel e a sua temeraria valentia; está por sua posição, actos e principios fóra dos caminhos ordinarios deste mundo. Pois bem, é precisamente para estas existencias excepcionaes que me sintoatraida de preferencia. Quem com *ella* viver está debaixo de ardentes nuvens, fóra das monotonias da vida social, diante dos perigos

e da gloria, com o ráio e as tempestades. **E**sta a existencia que me entusiasma.

— Vós me espantaes, Dolorida.

— Menina, não sei singir de modo algum. Deves ter notado que nunca procurei a tua affeição: quereis saber o motivo? Gomes preferiu-te a mim e eu não posso perdoar-t'o. Tenho, até mesmo, estado por momentos, tentada a aborrecer-te por o amor que elle te tem; toda-via não farei cousa alguma para te perder, e vês que supporto com toda a tranquillidade a tua presença; é verdade que o Céo me ha vingado porque também não es feliz.

— O cumprimento dos deveres dá sempre a felicidade, — diz Paquita com voz firme.

— Ao menos assim nos persuadimos, — responde Dolorida em tom amargo.

— Assim, repellis a minha ideia?

— Sem a menor hezitação, tanto mais que para mim brilhou um raio de esperança. Parece que Gomes quer renunciar positivamente á esposa de Monserrate. Está agora na edade da ambição; comprehende que lhe é mysteriar lavar o seu passado, e tomar finalmente uma posição no mundo. Uma alliança rica e distinta lhe dará a consideração, que lhe falta; elle o sente, tem reflectido; hoje mesmo da sua parte me foi perguntado se consentiria em

cazar com elle, no cazo que sollicitasse a minha mão. Prommetti-lhe prompta resposta.

— E estás certa que a proposta vinha da sua parte?

— O vosso orgulho faz com que duvideis.

— Quem se encarregará de lhe comunicar as vossas resoluções?

— Irei eu mesmo declarar-lh'as.

— Quando?

— Ainda não fixei o dia.

— E a que parte?

— Proximo á beira do mar; ás ruinas de Torenos.

— Ides só?

— Sou livre.

Paquita cessa o intertenimento; aparta-se de sua cunhada com vago espanto; e entrando no carrinho volta a Marsennas.

A noute estendia o seu manto sobre os campos. Paquita contava a seu marido o intertenimento que tivera com a irmã.

— Que tens tu? — diz Monserrate a sua mulher. Acabava de a ver estremecer.

— Meu amigo, — responde-lhe a orfã, — aperta o passo do teu cavallo.

— Porque?

— Estou inquieta, tenho medo.

— Para que olhas tu deste lado?

— Para as ruinas de Torenos.

— Estamos longe delas, Paquita. Donde podem provir os teus sustos?

— O luar não sae esta noite?

— Teremos a claridade das estrelas.

— Não; a noite está sombria; o Céo cobre-se de nuvens.

— Chegaremos a caza antes de passada uma hora.

— Chegaremos, Estevão!...

— Olha desculpa-me; depois dos terríveis acontecimentos de Tarragona, custa-me a afazer-me ás trevas.

— Não vês nada debaixo daquellas arvores?

— Nada.

— Alguma couza se mexeu, Monserrate. Não me atrevi a dizer-vol-o no momento, em que íamos para Velanés; mas pareceu-me que muitas pessoas nos seguiam; tinham feia catarura; lembrei-me de que talvez só o accasão nos fizesse encontrar com ellas, e que desappareceriam para sempre. Pelo contrario acabo de as tornar a vêr junto de nós. Tremo que estes personagens tenham saído das ruinas de Torenos. Escuta! ouviste um assobio?

— É o vento,

— Torenos é um espantozo azilo de con-

trabandistas. Se nos atacassem, Estevão? Tu só tens um braço para me defender.

— É verdade, perdi o outro.

— E por minha cauza. Sempre te suscito perigos...! Calluda... cavalleiros a galope.

— Senhor Omnipotente! é Gomes e a sua banda!

Com efeito, o pirata seguido de uma caterva armada se atravessa diante do carrinho.

— Vamos, D. Estevão! — exclama elle — achamo-nos, ainda uma vez, *face a face*, em *logar deserto, longe dos homens*. Mudai de rumo e segui-me.

— Infame malvado!

— Nada de injurias. A tua posição não ganharia com ellas.

— Onde pertendes conduzir-me, mizerável?

— A's ruinas de Torenos. Nem a mais pequena resistencia ou te mato.

Um dos contrabandistas, por ordem de Gomes, tinha já feito voltar o carrinho; e o cavalo debaixo do açoite de seus novos donos era forçado a caminhar com toda a rapidez.

A noite continuava a obscurecer-se. Os contrabandistas tomam por atalhos; passam por bosques, franqueam precipícios e chegam ás bordas do mar. Negras e carcomidas muralhas

se desenhavam na sombra com as competentes pontes levadiças e porticos. Sôa uma trombeta de caça. Grande quantidade de piratas saem dentre os rochedos e ruinas e correm para os prisioneiros de Gomes. As ruinas e os rochedos são magicamente esclarecidos como para uma festa. Entoam um canto de guerra, o contrabandista triumpha.

A velha fortaleza de Torenos estava situada na posição mais pitoresca. Do pincaro, em que se elevava, dominava, de um lado, a vasta extenção dos mares, e do outro um paiz selvagem.

A cidadella tinha sido forte no tempo dos mouros e do Cid, não restava porém della mais do que algumas torres em ruinas, paredes levadiças feitas pedaços, galerias dezertas, e caças incapazes de serem habitadas.

Debaixo das ruinas desta antiga praça onde tinham habitado os heroes da edade media havia agora uma especie de cavernas, onde se reuniam os bandidos da costa. Torenos era um destes logares temidos e timiveis, de que os camponezes dos arredores não pronunciavam o nome senão com terror. Os contrabandistas ahi guardavam as prezas; tinham depozito de armas e encerravam os refens. Segundo certas legendas do paiz apparecia no castello *certa dama negra*,

de quem se contava as couzas mais sinistras; ella vivera no seculo dos Zegris e dos Abencer-rages; uma xacara nacional conservava della memoria. Finalmente Torenos passava por ser ao mesmo tempo um refugio de malvados, um laboratorio de magicos, e uma fabrica de moeda falsa. Tinha-lhe sido dado o nome de *Forte do Diabo*.

D. Estevão foi separado de Paquita por ordem do pirata. Esta foi conduzida á prizão, que lhe estava destinada, por uma velha serva do contrabandista. *Brigida*, creada da māy de Gomes tinha quasi educado seu amo; assim tinha por elle uma dedicação, uma affeição a toda a prova. O seu genio era excessivamente aspero e duro; e o proprio Gomes era muitas vezes tractado sem melindre algum pela rabugenta velha. Não obstante raras vezes acontecia que elle se zangasse.

Habituado, desde a infancia, á sua rudesia, ás suas lições e mesmo á sua impertinencia, fazia tanto cazo dos seus ralhos como do ladrar de um cão.

O contrabandista precedia Paquita e Brigida com um archote na mão. Fez-lhe atravessar longas cazarias cheias de fumo aonde estavam os seus companheiros de armas. Grandes brazeiros estavam accezos por uma parte e

outra; os bandidos atiçavam o fogo com o ferro dos punhaes. Uns comiam, outros bebiam, as armas estavam arrumadas á parede. A captiva lança um olhar de espanto sobre as sinistras figuras, que insolentemente a comprimentavam, e que pareciam darem os parabens a seu chefe por ver completos os seus votos. Conservava todavia a apparencia de socego; está decidida a não succumbir ante o perigo. Os seus passos nada teem de tremulos; seu porte é socegado.

Gomes depois de haver atravessado estas funebres galerias chega a uma escada, que sobe com rapidez. A orfã de Reus se acha então em uma plataforma estreita e esboracada, que conduzia a uma velha torre.

O Céo estava coberto de nuvens. Algunhas palidas estrellas brilhavam por intervallos sobre a sua cabeça, a atmosphera estava carregada; o ar abafadiço; o vento rugia com força, e no mar troava a tempestade.

« Temos barulho no mar, — diz a velha Brigida apontando com o dedo para a praia. — Haverá que faser dentro em pouco; este roncar dos trovões annuncia estar iminente grande tempestade. Tendes medo, bella menina? »

— O Céo nunca me amedrontou, — responde a espoza de D. Estevão.

— Assim será, — resmua a intractavel carceira. — mas estaeas no *Forte do Diabo*, do qual Deus pouco se occupa.

— Em toda a parte podemos recorrer a elle. Não ha lugar em que não domine.

— Oh! Oh! a rapariga é theologa, — responde a velha com grande gargalhada. — E' pena que não tenha um oratorio com uma grande Biblia e um Crucifixo, ella conjuraria os demónios.

— Nada de injurias! velha, — diz o pirata. — Quero que esta menina seja tractada com attenção; quero que a respeitem: amo-a.

— Está bom! basta! replica Brígida com ironia de despeitada, — respeitai-a-hemos á vossa mada. Sabemos o que isto quer dizer.

Amaes esta pela mesma maneira com que haveis amado as outras, que aqui tendes conduzido para as encherdes... dos vossos respeitos. Nem que eu ignorasse as vossas proezas. Não é necessário contar-mas, D. Gomes. Tenho visto tanto couza, meu rico senhor!...

— Não te callarás? — maldicta creatura, — exclama o pirata empurrando-a com violencia.

A megera tinha na mão um grande molho de chaves ferrugentas, abre nma das portas da torre, e fazendo a seu amo uma reveren-

cia de escarneo, passa para o lado a sim de que elle entrasse adiante.

— Deixa-e-nos agora, — diz Gomes.

— Fica-e descansado, que me vou embora; — responde asperamente a sybilla; — mas esta noute talvez vos dê que cheirar. Foram vistos balões de fogo sobre os tumulos da capella: tomai cuidado com a *Dama negra*.

VI

A cavalleira nocturna.

A camara, em que o contrabandista acabava de intruduir a sua captiva tinha um leito, uma meza e duas cadeiras. Nisto se resumia toda a sua mubilia. Havia no fundo da caza uma janella gothica com ferrugentos, porem grossos varões de ferro, dando, em altura assaz elevada, sobre rochedos escarpados batidos pelas ondas do mar. Grande era o recinto desta caza, que communicava com outras peças não menos tristes e arruinadas. As paredes estavam desguarnecidas, esboracadas e

cujas; o ar, que nella se respirava, era humido e glacial. Gomes entrou nesta caza a passos lentos e accendeu um candieiro de dous bicos; Paquita sentou-se

— Vós vinheis esta tarde de caza de Dolorida Mugnos? — diz o pirata depois de alguns momentos de hesitação; — a vezita era em resultado de certo projecto? não é assim?

— Sim, — responde Paquita com voz, firme ia induzir a irmã de D. Estevão a que se cazasse.

— Com quem?

— Com Pedro Walls.

— Oh! havieis de ser mal sucedida, — responde Gomes com tom sardonico; — ella não tem as mesmas vistas que vós. O vosso e o seu coração não se parecem de forma alguma, e o guitarreiro é pouco estimado. Demais, parece-me que não havieis de sentir grande pesar por não verdes passar para os braços de outra Pedro Walls; confessai-o francamente.

— Para que serve tal confissão?

— Tendes razão, para nada, conheço o fundo de vossa alma.

— Tornemos a Dolorida

— Tornemos. Que resposta deu ella á vossa negociação?

— Que tinha recebido da parte de Gomes uma proposta, que lhe agradava muito.

— Proposta infundada ! senhora.

Aquelle que a fez ultrapassou a sua missão. Tinha-o encarregado de uma pergunta vaga e não de uma proposta precisa. Vamos, continuae ! Eu vos dou attenção.

— Gomes ! Dolorida , ama-vos.

— Pensaveis talvez, Paquita que Gomes era condenado a jamais inspirar amor ? Mas Gomes é o mais valente dos filhos da Catalunha ; não teme os gelos do polo , nem os fogos do equador. Gomes tem passado victoriosamente atravez das mais rudes provas da vida. Nascido nas montanhas , sabe , sem se lastimar , nem murmurar , dormir debaixo do manto estrellado da noute , comer o pão da mizeria e mitigar a sede na agua da torrente. Embarcado em seu navio de corso sabe conquistar riquezas, coroar a fronte com os louros da victoria e fallar como senhor aos destinos. Entrando no lar domestico seria capaz de tudo sacrificar á felicidade da sua companheira , deitar-se pacificamente a seus pés como um cão submisso e fiel e dizer-lhe ! *Ordene, eu te amo* ; a não viver finalmente senão para ella ! Acreditas tu, Paquita, que um tal homem seja de desprezar ? A tenra pomba dos valles não teria mais que receiar da tempestade abrigando sob este grande carvalho das florestas ; elle

seria, para aquella, que ama, um porto, uma fortuna, um mundo. O que não poderia ella aspirar e conseguir?

— Gomes! — interrompe a orfã, — se a resposta de Dolorida vos é favorável...

— Se! — repete Gomes com desdem; mas ámanhã, esta noite, talvez, a esta mesma hora, ella vai correr para junto de mim. Se! mas antes de fazer a minha propoziçāo já sabia o que Dolorida havia de responder; « que se decididamente lhe pedisse a sua mão, ella m'a concederia com reconhecimento, com transporte, com entusiasmo; » ama-me, bem o sabéis.

— Que pertendeis dizer!

— Que pertendo dizer? se ama, hade procurar vencer todos os obstaculos, Dolorida está perfeitamente convencida que só a ambição me decidiria a despozal-a, que meu coração nunca batteu nem jamais palpitará por ella, que desdenho o seu amor e que me importarei pouco com a sua felicidade; apesar de tudo isto hade vir ter comigo. Hade lançar-se a meus pés em vez de esperar que eu caia aos della; desvairada pela paixão entregar-se-ha cegamente ainda que saiba que caminha para um abysmo. Finalmente, sentindo por mim o que eu sinto por vós, ella propria quererá a sua perda. Sim

sómo eu? porque para vos possuir, não ha crime que eu não esteja resolvido a commetter; crimes que cedo ou tarde poderão conduzir-me ao patibulo, bem o sei. E-me indiferente, triumphhe eu primeiro! venha depois a força.

— Dolorida Mugnos...

— Ainda ella! Ah! dizei uma palavra, uma unica palavra, e nunca mais se dará uma só sobre o casamento desta mulher comigo. Ela tem nome, fortuna, pozião; mas o vosso coração, Paquita, excede todos os valores desse mundo. Oh! é o unico thezouro pelo qual sacrificaria, sem hesitação, tudo o que tenho de mais precioso na terra: minha força, minha coragem, e ate a minha vida.

— Mas se eu sou cazada, Gomes!

— Que isto te não embaraçe, Paquita, — exclama impetuozamente o pirata — Amanhã podes ser viuva.

— A Catalã estremeceu.

Neste momento ouvem-se clamores.

Gomes corre á janella, que dava para o mar; percebe um pharol sobre os rochedos da praia; ao longe está um navio com vellas despregadas

— Nova preza, nova fortuna, — diz o chefe

dos contrabandistas. — Os meus acabam de obter mais um triumpho.

Depois voltou-se para a orfã :

— Chamam por mim ; esta trombeta é o sinal de um feliz desembarque, tenho pois de ir á praia ter com os meus companheiros ; reflecti na vossa posição, não me obrigueis a violencias indignas. Servi-me de estrella de felicidade e de salvação. Adeos ! voltarei em uma hora.

Paquita fica só.

Afflicta ao mesmo tempo pelas dores do passado e pelas ameaças do prezente, estava sentada no fundo da sua prizão na attitude do sofrimento e da desanimação. Com a cabeça encostada ás mãos parecia reflectir ; e com tudo a sua dor era tão intensa que lhe não permetia algum pensamento. Tinha os olhos tristes porem enchutos.

Abre-se a porta da prizão ; e Brigida seguida de um criado, que trazia de comer dirige-se lentamente para ella. A repugnante figura da velha não incutia a menor esperança.

— Eis aqui de comer. Não é couza grande mas cada um offerece o que tem. Ponho dous talheres, minha pequena. Na comida assim como em amor é preciso evitar estar só.

— Não tenho vontade de comer, — diz Paquita.

— Já esperava taes palavras, minha filha. E' o estribilho de todos os passaros ariscos, que tenho visto nesta gaiola. No primeiro dia choram e gritam; no segundo suspiram e es- cutam; no terceiro comem e conversam; tudo se conclue no quarto. Algumas vezes não le- vam tanto tempo; e com esseito, para que bão de fazer-se desdenhozas, já que cedo ou tarde é necessario chegar ao fim. A final de contas por isto não se morre.

Paquita levanta-se e voltando a cabeça com desprezo, aparta-se da megera.

— Quereis ver as dependencias do vosso quarto? — diz a assavel carcereira seguindo-a com uma lamparina na mão. — Olhae! aqui é um gabinete, que merece attenção.

— Perque?

— Porque tem uma pequena porta, que dá para certa escada meia escangalhada por onde ninguem passa, visto que de um la- do vae ter a um concilio de feiteceiros, e do outro desce á capella dos fantasmas; o pavi- mento baixo não é mais aprazivel do que o alto. Fantasmas e feiteceiros fazem bella união. Uns sobem, outos descem, como na escada de Jacob.

— Aonde é a porta da escada?

— Naquelle canto,

— Está fechada?

— Pois querieis, minha frangainha, que se vos desse a chave dos campos! Mas aqui não ha campos, celleiros e adega a menos de que os espiritos não façam alargar as muralhas e crescer a erva. Demais a porta está fechada pela parte de fóra, e ninguem a abrirá, só se fór o diabo.

— Saiamos, — diz a orfã de Reus.

— *Saiamos!* — repete Brigida em ar de escarneo, — é o que não pode fazer-se, em quanto a vós. Alem disto o amor se prepara a dizer-vos: *Entremos!* e para elle não ha portas nem grades de ferro. Ora, a propozito disto, sei a vossa pequena historia, *despozada da morte!* Para vós out'ora, o amor era *Pedro Walls*. Pois bem hoje será *Luiz Gomes*. Cada um por sua vez; nada mais justo.

— Aonde vai dar esta galeria que aqui vejo, — a interrompe Paquita com ar socegado.

— Não entreis, — replica a velha com certo espanto. — tem o sobrado cheio de boracos, dos quaes saem viboras; gostareis vós dellas, pequena serpente?

— Acompanhae-me, — replica a captiva.

— De certo que não, — diz a velha, — livre-me Deos de ahi pôr o pé. Ja ahi foi vista a *Dama negra*.

— E' um fantasma terrivel?

— Foi noutro tempo a dona desta fortaleza, battia-se como um leão, e se enchia de gloria. Por desgraça, dizem, assassinou nesse quarto seu pay e o amante. Era arduo trabalho; não obstante, fel-o na mesma noute: a *Dama negra* tinha a mão desembaraçada. Disto resultou que ella é ainda o terror do paiz e em quanto a mim esta torre cauza-me horror.

Paquita tirando a luz á sua carcereira, que desta vez recuzava seguir-a, poz-se a correr pela sala.

Era longa e espaçoza, e terminava em duas enormes janellas com varões de ferro, que se abriam para o lado opposto ao mar. Esta vasta galeria tinha todas as portas tapadas de pedra e cal e não apresentava saida alguma. A prizoneira caminha com a maior precauão e durante este tempo, Brigida que tinha os olhos fitos sobre ella, dava ordens ao creado para acabar de servir a cea. Estavam postos os dous talheres e já muitos pratos cobriam a toalha.

Paquita chega-se a uma janella na extremitade da galeria.

Na frente ficavam as ruinas de uma capella, alguns restos de muralhas, fossos com as competentes pontes levadiças despedaçadas, e ao longe rochedos dezertos.

O Céo continuava a ameaçar tempestade; todavia, alua passando atravez das estrellas, resplandecia por intervallos. Deos! que rayo de esperança e de felicidade veio de repente animar as feições da captiva! que radiozo sortizo lhe assomou aos labios!... Ouve junto aos muros o som de uma guitarra.

Que canção! Pedro Walls está ali.

No momento em que o trovão
Faz ouvir suas desarmonias,
O' minha lyra canta sempre
Os bellos dias!
Socego! confiança! coragem!
Minha barca espera na margem
Os meus amores.

A orfã abafa um grito de alegria. Inclina-se para a janella. Mas as grades de ferro não lhe permitem olhar para fóra. Tira precipitadamente um lenço da algibeira e o lança atra-

vez das grades esclarecidas pela lua.. O vento o faz voar, abre-o e o leva. Pedro vel-o-ha talvez cair a seus pés. Saberá que a espoza de Monserrate está nesta torre e que ouviu a sua voz. O sem fim será preenchido.

Socego ! confiança e coragem ! repete o fiel trovador ; e bem depressa a lyra se aparta , e a prizoneira não ouve senão no seu pensamento estas consoladoras palavras.

.....

Minha barca espera sobre a praia
Os meus amores

Olá ! olá ! — grita a velha de Torenos a Paquita com o seu tom de voz mais aguda. — Gostarieis, minha linda tutinegra, de passar a noute chalriando aos morcegos diante das ruinas da capella e na camara da *Dama negra*? Olha que isto não tem nada de divertido.

— Já sou voossa, — responde a captiva.

— *Minha* ! — repete a velha com seu habitual rizo de escarneo ; — sereis melhor do que *minha*, e não hade tardar muito. Não confundamos, nem as palavras, nem as couzas.

— Oh ! oh ! continua a Argos examinando a sua companheira com curiosidade ; — parece que a camara , que espanta todo o mundo ,

produzia sobre vós efeito contrario. Estaes toda risonha. Ter-vos-hão soprado alegria pela janella os magicos ou os phantasmas da capella? Isto seria galantaria da sua parte, minha tratantinha. Dizem que elles teem os seus dias de festança.

— E vós? — pergunta Paquita — não os haverás tido em Torenos?

— Oh! bastantes vezes, graças a Deos.

Temos bons vinhos nas nossas adegas. Madeira, Alicante, Xeres; e depois de tempos a tempos veem aqui ciganos com a sua musica. Então os pandeiros, as guitarras, os clarinetes as flautas, as castanholas toca tudo junto no meio de nós. Andamos á roda como em um conciliabulo de seiteceiros; canta-se, dança-se, graceja-se; estalam as ilhargas com a força do rizo. E' ás vezes um barulho do inferno.

— Vós sois do paiz, senhora?

— Olha como é politica! *Senhora!* E' ainda efeito do ar da galeria! Vamos esta domestica-se a galope. Não, minha bella amiga, não sou de Tarragona, nem de Reus, nem de districto algum da Catalunha. Vim ao mundo, assim como o patrão D. Luiz Gomes, nas montanhas da serra Morena. Ahi tenho uma irmã, que possue uma *pozada*, onde se

zeunem todos os almoocreves e arrieiros da Andaluzia; tem em caza *ciganas*; e as suas *tertulias* (*) teem fama. D. Lourença é vesga mas vê maravilhозamente; é corcunda mas desembaraçada; assim nas montanhas todos a respeitam.

A velha de Torenos era tão falladora como má; e uma vez despedida a torrente de suas palavras, não havia nada que a fizesse parar.

— A propózito, — continua ella, — chegou aqui esta mesma tarde uma sucia de tocadores ambulantes, que me parecem divirtidos tratantes.

Elles veem, segundo julgo, dar os parabens aos nossos bravos pela sua nova preza no mar; elles estão sempre ao facto destes negócios pois sempre delles tiram proveito e prazer. Estou certa que na grande sala baixa já se canta e toca de maneira a fazer dançar as muralhas, também la não haverá faltar vinho. Por desgraça não posso assistir á festa tenho que fazer esta noite, estou de guarda.

— Em que sitio?

— Em toda a parte. Heide rondar as ruínas com o fim de ver se alguma couza suspeita apparece. Contam com a minha vigilan-

(*) Reuniões.

cia porque sabem que tenho ao mesmo tempo bom olho e pé ligeiro. O patrão disse-me « *Rondae* ; e certamente não heide dormir, nem o patrão, nem vós mesmo, ao que parece. Cada um estará no seu posto.

O contrabandista cantarolando uma canção bachica abre a porta da torre.

Brilha em seu rosto a satisfação. Acaba de fazer frequentes libações com os seus compa-
nheiros d'armas, regozijando-se do seu novo triumpho.

Tem a cabeça esquentada pelo vinho, e os olhos parecem deitar chamas.

— Vai-te, — diz o pirata a Brigida ; — ha festa na sala baixa, estão bebendo á gloria das nossas ultimas victorias.

Vai-te reunir com os nossos irmãos.

A velha retira-se cheia de alegria.

— Está bem, Paquita, — diz Gomes sentando-se á meza, sobre a qual estavam excelentes vinhos de Chypre, — a fortuna protege-me. Um dos meus navios acaba de entrar no porto com consideraveis despojos. Tenho hoje immensos thezouros.

— Dou-vos os parabens, — responde a pri-
zionaира, lendo á phizionomia a expressão da serenidade. — Em quanto a mim importam-me pouco as riquezas. Nunca as possui.

— Que tu as teobhas, ou não pouco se me dá ! responde com transporte o malvado — Só te peço o coração. Vejamos ! poem as condições ; que exiges de sim ? tu o terás : se soubesse com que ardor te adoro ! . . . Renunciarei, se assim o dezes, a minha carreira de pirata, os meus habitos de guerra. Retirar-me hei à solidão ; onde tu despertarás em mim todos os bons sentimentos da alma. Tu serás a fonte refrigerante onde eu beberei a paz e a felicidade. Tu me desacostumarás do mal e me dirigitás no bem. Não é esta a missão dos anjos ?

A captiva estava sentada junto do contrabandista ; guardou-se bem de o irritar em tais circunstâncias.

Fingindo tomar parte na cêa despejava-lhe vinho em abundânciâ, e não lhe contradizia nenhuma das suas palavras. O bandido de Torrenos julgava ter conseguido commovel-a.

— Em certo momento de perturbação e desespero, — continuou elle, — pensei em Dolorida. Foi um erro singular, perdoai-me, Paquita. Hontem não amava esta mulher, hoje odeio-a.

Brigida interrompe o intretimento ; o seu rosto está demudado, parece que treme.

— Patrão, diz ella com voz rouca, —

uma intrepida senhora, que se apeiou na primeira ponte levadiça, pertende fallar-vos imediatamente; ella não teve medo da obscuridade das ruinas, nem da tempestade, galopava pelos rochedos, como uma filha dos reys mouros; é vizita de máo agouro.

— Tu fallas-te-lhe, Brigida?

— Roguei-lhe que me dissesse quem era; respondeu-me em tom breve.

Sou a *cavalleira da noute*.

— E esta tal *cavalleira da noute* apeiou-se?

— Tão lesta como um picador, tão desembaraçada como um salteador.

— Aonde está ella?

— Com os nossos bandidos. Dir-se-hia que é sua irmã. Apprezenfa-se aqui como em sua caza.

— Aposto que advinho, — interrompe Gomes, — deve ser Dolorida.

— A viuva Mugnos? — diz a captiva.

— Ella mesma; estou certo. Não vol-o tinha eu dicto, Paquita? a sua impaciencia é extrema. Ella crê, pondo de parte todas as conveniencias colloçar-se ao nível do pirata. Figura-se-lhe que, não se lhe importando a noute, os perigos e a tempestade, adquirirá novos direitos á minha ternura. E, calcando aos pés a opinião publica, abjurando titulos

e nome pára ganhar prestígio, imagina não dever ser para o terror dos mares mais do que *cavalleira da noute*. Brigida, ide procura-a, que venha.

— Que! haveis de recebel-a aqui! — responde a velha consternada.

— Faz o que te mando, nada de observações.

Brigida obedece. Seu rosto, mais assustado do que nunca, faz espantar o contrabandista.

— Que tendes?... — continua elle, — para que presta tão singular attitude?... estaes a tremer?

— E não me faltam motivos. Pelo amor de Deos!! Senhor Gomes, desconfiae desta cavalleira da noute.

Depois que ella pôz os pés dentro destas muralhas tem havido maos presagios: passei perto da capella e abriu-se um tumulo; ouvi psalmodiar um canto, deve ter havido vizões nas ruinas.

— Ella já bebeu bastante, — diz Gomes.

— *Bebi bastante*, — repete a carcereira desesperada, — chamae antes que vos chamem; com que sou eu que tenho bebido bastante, esponja avinhada; que não ha vinho que a farte. Em quanto á mim tenho as goellas tão seccas quando vós tendes as palavras aspe-

ras. Está bom tudo se pagará; vou conduzir-vos a vossa *cavalleira da noute*, e ella vos dará que fazer. A mim, feiteceiras e fantasmas! ouvis rugir a tempestade? Esta noute festa no Forte do Diabo.

A velha foge depois de pronunciar estas palavras; e um instante depois, Dolorida Mugnos envolvida em uma manta parda, entrava na prizão de Paquita.

A' vista de sua cunhada, pacificamente sentada á meza junto do contrabandista, Dolorida recua interdicta.

— Approxima-te, *cavalleira da noute*, — diz Gomes fazendo escarneo. Dezejaria receber-te melhor; mas bem o vês; o logar está ocupado.

— Mais um talher pode facilmente pôr-se, — responde Dolorida em tom sardonico.

— Então, — continua o pirata, — vieste a toda a brida para responderes, como correio da tarde, ás propostas da manhã. Isto pode fazer mal ao teu ginete; pode constipal-o.

Elle tira o capuz á viuva.

— Escuta minha Dolorida, — replica o pirata enchendo-lhe o copo e já completamente bebado. — tu es encantadora, é verdade; porém hoje vens em má occaçião; tenho a gozar outros prazeres; e com franqueza, não te

amo. Dito isto, quereis beber um trago? é necessário engolir de um sorvo a tua colera, as minhas palavras e este vinho, ainda que isto devesse afogar-me. Olá! feiteceiros das ruínas! tragam uma cadeira à senhora: tem um amor mal correspondido.

Depois dando um gargalhada, o pirata levanta o copo.

— Gomes, — replica finalmente Dolorida com voz lenta e grave; — se vim a Torenos, foi porque me chamaram...

— Ao menos assim vol-o fizeram acreditar, — diz o malvado com ar desdenhoso; — mas lembrai-vos, bella apressada, que, segundo Sancho ou qualquer outro « moinhos não são gigantes. »

Dolorida recua indignada.

— Eu julgava vir procurar um bravo e só acho um covarde. Gomes! responder á dedicação com um insulto é um ataque á honra. Pensaes ter-me abatido a meus próprios olhos por vos haverdes degradado diante de mim; não, levanto-me mais nobre vendo-vos cair tão baixo. Hia arriscar por vós minha vida, meu repouzo, minha felicidade e talvez a minha alma; ia lançar á ventura os meus destinos na terrível balança em que pezava o amor; vós a haveis segurado, obrigado! não

ha já abysmo para mim ; o vosso tornar-se-ha mais vasto , e Dolorida nelle vos deixa. Desgraçado sois vós , Gomes ! adeos.

Paquita levanta-se e corre para a cunhada. Com a phizionomia transtornada pelo sofrimento e pelo terror ia pronunciar algumas palavras, Dolorida a faz callar.

— Não tens nada que me dizer.

— Depois continua em voz baixa.

Eu te salvarei , Paquita.

— Um instante ! — diz o pirata. Uma comissão , minha princeza , fazei subir a esta torre todos os saltimbancos , que lá estão em baixo. Isto tornará divertida a minha ceia. Depois , minha cavalleira da noute , quando o concerto estiver no seu auge , fazei galopar o teu cavallo ao som da muzica ; tu deves saber que não gostarei que me tornes a aparecer.

A viuva Mugnos só responde com um gesto de desprezo ; aperta a mão da cunhada com um movimento convulsivo , e diz-lhe ao ouvido :

« A' meia noute. »

E sae precipitadamente.

Sem duvida Dolorida apressou-se em obedecer ás ordens de Gomes , porque cinco ou seis minutos se tinham apenas passado e já numerosas e alegres vozes retumbavam pela torre. Eram

os muzicos ambulantes ; Brigida vinha na fren-
te delles, traziam flautas, guitarras, clarine-
tes e castanholas.

« Oh ! diz comsigo a captiva, parece-me
que Pedro Walls está aqui.

VII

A Dama Negra

Os muzicos ambulantes de Torenos, depois de entrarem na torre, formam alegremente um semi-circulo, empunhando os seus instrumentos. O coração da prízionaира batia com violencia. Mal se podiam distinguir as seções dos recem-chegados, tão pouco esclarecida estava a sala. Havia alguns delles vestidos com ellegancia, outros commum e pictorescamente, porrem o maior numero trajava os andrajos da mizeria

Oh! Paquita no meio desta singular reunião

reconhece logo Pedro Walls. Elle está alli confundido na multidão e inteiramente desfigurado. Tem os cabellos pintados de preto, um emplasto na face, e não toca o seu instrumento favorito. Um cumprido manto preto oculta a elegancia da sua figura, e para se conhecer debaixo deste disfarce eram mister os olhos de uma amante.

— Vamos, ciganos! tocae — diz o pirata.

Pedro Walls troca um signal de intelligen-
cia com o chefe dos muzicos e este começa
seus cantos.

Sob as ruinas de um castello.
O Forte do Diabo,
Errava gemendo e triste
Espantoso aspecto
Toma e cuidado, peregrinos!
Quem combate os espiritos malignos
Morre sem Gloria
Vós morrereis, se esta noute
Vos apparecer á meia noute
A Dama Negra

Irra! eis um canto bem sinistro, — inter-
rompe o contrabandista.

— E' a legenda do castello, — responde Bri-
gida com emphaze; — é a canção nacional do
paiz.

Soprava um vento violento, o mar bramia
ao longe.

A fronte de Gomes obscurece-se; inclina-se
para a captiva.

— Porventura gostaes desta muzica?

— Nunca tive medo de fantasmas.

— Nem eu, — diz o bandido.

E voltando-se para os muzicos com gesto
desdenhoso e de indifferença ordena-lhes que
continuem.

Depois, começando a beber copo sobre copo
já não ouve os sons.

Em quanto á velha de Torenos, essa pre-
stava attenção ás sombrias harmonias da balla-
da, e com o rosto palido, e a vista espantada
todo o corpo lhe tremia.

Os muzicos continuam em coro.

Mortos sem Gloria
Vós pereceréis, se esta noute,
Vos aparecer á meia noute
A Dama Negra.

Um rayo abanando as muralhas do velho
castello faz neste momento estremecer os pro-
prios cantores. A velha tinha os cabellos hir-
tos e as suas feições pintavam o espanto.

— Continuæ, — diz o pirata.

Ella tem olhos de basilisco
 Ardentes de raiva.
 Seu assobiar é de aspice
 Durante a tempestade.
 Cada noute, armada de um facho
 O especre surge dos tumulos,
 Sua morada.
 Que traz elle? Ferro e veneno
 Tremei! vós conheceis seu nome
E' A Dama Negra.

Um grito horrivel interrompeu a ballada.
 Brígida, gelada de horror, mostrava com
 o dedo a sala vizinha.

O vento que bramia por entre os buracos
 das paredes, e pelas fendas das janellas aca-
 bava de abrir com fracasso a porta fronteira
 e no fundo da caza em que havia a escada da
 capella, uma figura negra parecia ter fugido
 por entre as sombras.

— *A Dama Negra!* — exclamam muitas
 vozes.

E sucede-se um espantoso silencio.

Gomes tinha voltado a cabeça para o lado
 da apparição mas não viu couza alguma. *A
 Dama Negra* havia desapparecido.

« Ponde-me daqui para fóra esta douda! —
 grita elle aos muzicos com tom ironico, mos-
 trando-lhe a velha. — Com as suas extravagan-
 tes exclamações era capaz de vos fazer perder o

espirito, a voz e o juizo, dado o caso de que o tenhaes. »

A ordem foi executada immediatamente.

— E agora, — prosegue o pirata com um rizo prolongado, — fazei favor de tocar alguma couza mais alegre. Acabaes de nos cantar lugubres coplas; isto era solemne. Dançae-as, agora, como diz a fabula, e será divertido. Passemos do drama á farça. Pode-se muito bem dançar *uma roda*.

Nova troca de intelligencia teve logar entre Pedro e Paquita. Este faz signal á banda, que dirige, e uma roda se organiza com approvação geral. A muzica funebre e lenta da balada faz tomar attitudes vivas e alegres. Os tambores, os clarinetes, as castanholas, os tym-bales juntam sua ruidoza armonia ás fortes gar-galhadas de rizo. O motim atordoa. E' a desordem de uma orgia, a alegria das bacca-naes. Grande Deos! dançar a estas palavras:

Cada noute armado de fachos,
O espectro surge dos tumulos,
Sua morada.
Que traz elle? Ferro e veneno
Tremei! Vós conheceis seu nome:
E' A Dama Negra!

A roda gyrava ao som dos instrumentos, ao

ruido dos ventos, aos bramidos do mar, como uma avocação do abysmo.

— Bravo! bravo! — exclama o escelerado — que ella venha a *Dama negra*!.. tambem dançará.

Novas exclamações, novos gritos.

A dança havia tomado um movimento tão frenetico e delirante que parecia sobrenatural. Gomes andava-lhe a cabeça á roda, e bem depressa fatigado, ao mesmo tempo, de tumulto e vinho, foi acommettido por vertigens. As alegrias degeneravam em terror.

« Basta! basta! — grita o pirata! Mas nem por isso a roda deixava de contiuar com maior violencia, com rapidez convulsiya, Gomes sentia singular allucinação... De repente certa mão desconhecida agarra no candieiro de dous biccos, o unico que esclarecia a caza, apaga-o como o faria uma rajada de vento. e toda a claridade desapparece.

Não importa; os cantos continuam, a dança não para. Poder-se-hia chamar as estes saltos nas trevas, ao troar longinquo do rayo e ao clarão dos relampagos uma orgia de feiteiros e fantasmas.

Gomes levanta-se furioso; tira o punhal da cintura, fazendo terriveis ameaças; depois, agarrrando na mão da captiva, como se tivesse me-

do que lh'a arrebatassem no meio do barulho e confusão; vai direito á janella da torre e com grandes gritos chama os seus companheiros d'armas. A voz do chefe é ouvida. Os bandidos munidos com fachos accezos correm a passos precipitados, mas a roda infernal tem cessado.

« Ponde daqui fóra estes mizeraveis, » — diz o pirata escumando de raiva, — ou são traidores ou loucos.

Já a maior parte tinha fugido.

O Contrabandista senta-se. Custa-lhe a socregar a perturbação, que lhe causara a extraordinaria scena. Parece-lhe singular e acha-lhe alguma couza de sobrenatural. Ideias supersticiozas se apoderaram de seu espirito pela primeira vez, e ainda que as repellisse, não pode dissipal-as com tudo completamente.

Durante este tempo a captiva procurava o guitarreiro. Elle tinha desapparecido a seus olhos no momento que se apagara o candieiro e nunca mais o viu desde que os bandidos de Torenos entraram com os archotes.

Está convencida de que os canticos e a dança tinham sido arranjados por elle; assim como que fóra elle quem apagára a luz; a orfã presume que tudo isso fora feito para pôr em prática algum plano. Mas porque fóra o guitar-

reiro um dos primeiros a evadir-se.. Paquita ainda que cheia de confiança sente-se agitada penivelmente.

Gomes desembaraça-se dos seus companheiros, manda-os para a sua residencia habitual; recomenda lhes que redobrem de vigilancia, e fica só com a captiva.

— Paquita, — diz o contrabandista, cuja embriaguez se tinha dissipado em parte pelas singulares commoções da scena precedente, torna-se-me necessaria uma decizão.

Já vol-o declarei; tenho hoje bastante fortuna para fazer a felicidade da mulher, que se associar á minha sorte. Gomes, o feroz Gomes está aqui tremendo diante de vós. Elle que nunca se curvou diante de pessoa alguma; está de joelhos a vossos pés, olhae!

Com efeito o tigre catalão, com os joelhos em terra e as palpebras intumecidas pelas lagrimas, levanta as mãos para a orfã com expressão supplicante.

— Ides ainda tornar a dizer-me que sois cazada, — diz o pirata sempre prostrado aos pés da arbitra da sua sorte; — mas Monserate está em meu poder, pronunciae uma palavra e sereis livre.

— Gomes! responde Paquita com voz firme, — jamais pertencerei a um assassino.

— Pois bem! — continua o escelerado — deixerei viver Monserrate. Segui-me para fóra da Hespanha, vamos para a França, para a Itália ou para a Grecia. Ninguem em qualquer destes paizes saberá quem somos; julgar-nos-hão caçados e nada perturbará o nosso repouso e felicidade. Tomae cuidado, Paquita, se o vosso coração se não enternece o escravo tornar-se ha senhor. A vós compete escolher; não demoreis porém a decizão; não heide estar sempre de joelhos.

A expressão apaixonada do pirata era cheia de ternura e ameaças.

— Antes de amanhecer, responde soelegantemente a prizoneira, dar-vos-hei parte da minha determinação. Porém até essa hora, se desejaes que ella vos seja favoravel, é myster conceder-me um favor.

— De que natureza é elle? desde já o prometto.

— Queria tornar a ver D. Estevão, mais que fosse para lhe dar o derradeiro adeos.

No rosto do contrabandista brilhou a satisfação; nunca a orfã lhe tinha mostrado tanta doçura; nunca ella o tinha olhado tão benigna e tranquillamente; vê luzir um rayo de esperança.

— Um ultimo adeos, seja. Mas o vosso in-

tertenimento com Estevão não se prolongará mais do que por meia hora.

— Tomae sentido nesta advertencia.

Podeis, olhando para Monserrate, lembrar-vos de Gomes, comparae-nos pois um com o outro. Elle não tem mais do que um sopro de vida, eu tenho um brazeiro nas veias Elle é fraco e aleijado; eu sou completo de coração e de força. Podereis, por ventura hesitar? Adeos.

O pirata sae da torre e fecha cuidadosamente a porta, Paquita sente-o retirar-se.

Aproxima-se á janella para olhar para o céo e para lhe dirigir uma oração.

A tempestade continuava a troar.

« Paquita! » murmura uma voz.

Era a de um libertador. Vinha da sala vizinha.

« Pedro Walls!... — Exclama a captiva correndo para o uitarreiro. — Oh! não sei por que, mas parecia-me que tinha de agradecer ao *Todo Poderoso* algum novo beneficio. Presentia, quando orava, que tu virias ter comigo.

— Por ventura não fui por ti chamado, — diz o guitarreiro, mostrando-lhe o lenço branco que a orfã havia lançado sobre as ruinas da capella. Finalmente eis-nos reunidos!

— Mas sempre no meio dos perigos.

— Sim, porem juntos, Paquita. São os perigos o elemento necessario á nossa vida, são elles que nos aproximam e nos reunem! Oh! se assim é, venham elles! envolvam-nos constantemente; jamais nos deixem!

O guitarreiro tirando o fato, que o disfarça, aperta a amante com a ingenuidade de um coração, que tudo esquece, menos o amor, e que de tudo se sente capaz, menos de qualquer maldade.

— Pedro — diz a prisioneira, — porque vos apróximas-te destas muralhas.

Julgas tu que te deixei por um só instante! Porventura tenho eu cessado de te seguir!.. Tu não me vias, eis tudo. Estava todavia junto de ti, desgraçado, infeliz e escondido. Vi-te chorar algumas vezes: perdoa, isto consolava-me. Mas o tempo corre; venho salvar-te. Segui meus passos.

— E por que lado?

— Pela escada da capella.

— A porta está fechada pela parte de fóra.

— Esteve, agora já não, foi aberta.

— E por quem, Pedro?

— Pela Dama Negra.

— Um phantasma!

— Não Paquita; a pretendida vizão de Brigida era a irmã de D. Estevão.

— Dolorida!

— Fui eu quem apressei a sua partida para Torenos; dando-lhe parte do novo attentado de Gomes; foi eu que depois da vossa prisão corri a buscar á aldeia vizinha os muzicos ambulantes, de cuja afseição estava certo; fui eu que procurei um barco no porto de Salo para te arrancar destas ruinas... Vem Paquita, o céo nos protege.

O guitarreiro a conduzia.

— Não — diz de repente a captiva resistindo-lhe com força, — não, não hei de fugir sem Monserrate. Esqueceste, porventura, que sou tua mulher.

— Ah! demais o sei. Porém sua irmã está aqui para o defender e proteger; ella se encarregou de velar por os seus dias e arrancal-o da prisão; isto não lhe haverá de ser difícil. O essencial é o teu livramento.

— Quando uma irmã se dedica por seu irmão ouzaria a espoza não se sacrificar por seu marido?

Deixa-me, espero Monserrate.

— Mas tu te perdes.

— Não importa, fico.

— Elle mesmo, se aqui estivesse, te conjuraria para que me seguisse.

— Está a chegar, Gomes foi buscal-o; fugiremos todos trez juntos.

— Mas cada momento é um século.

— Não ensistas, eu t'ô rogo. E' necessário que o confesse, Pedro? *amo-te*, oh! sim eu *te amo*, bem o sabes.

Pois bem! é mesmo por causa deste desregramento de minha vida, que o grande dever da dedicação de espoza é imposto ao coração da amante. Quanto mais me sinto atraída para ti; mais me devo chegar para Estevão. Não, já que Monserrat está aqui, não heide fugir só com Pedro.

— Alma sublime! — exclama o guitarreiro com expressão submissa e o olhar cheio de entusiasmo, tu es o anjo dos santos amores. Para salvar todos trez, eu o sinto, valem mais as tuas azas do que o meu escudo. Dirigi, sou eu quem te segue.

E o dedicado Pedro Walls com a cabeça caida não tinha vontade propria diante da de Paquita.

— Lembras-te, — diz-lhe ella, — do terrível tumulo de Tarragona?

— Terrível! não o penso eu assim, Paquita. Esta existencia no meio dos perigos e das trevas, que te parecia fóra da vida hei della tido bastantes saudades, abí eramos inteiramente um do outro, eramos despozados..

— Mas da morte.

— Nem por isso deixava de ser um nó sagrado; eu tinha o teu anel, Paquita.

— Ainda tenho o teu, Pedro; devia te-lo entregado.

Sim; mas eu nunca o receberia,

E' porque tu es livre.

Quanta candura, abençoação e ternura havia nestas duas declarações.

O Poeta e a prisioneira esqueciam a hora, o logar e a posição, em que se achavam. Heróes dedicados para repellir os golpes da sorte eram ingenuas crianças para combaterem os perigos do amor.

— Meu amigo, — diz a orfã, — o pirata vai voltar com D. Estevão; retira-te antes que elle venha. Torenos está cheio de assassinos; não exponhas imprudentemente a tua vida.

— A minha vida! O que é ella sem a tua?

— Entra na sala em que te refugiaste tão habilmente, depois de haveres apagado o candieiro, e depois que Gomes sair da torre fugiremos com Monserrate. Sim, Pedro torno a dize-lo, havemos de salvar-nos todos tres.

— *Todos tres!* — repete o guitarreiro exhalando um profundo suspiro. Oh! Paquita, não basta dar-me as tuas ordens supremas, dae-me também a tua grandeza d'alma.

— Ah ! tens porventura precizão della ? amar-te-hia eu se a não tivesses ?

— Ouvem-se passos em distancia.

« Eis Gomes e Monserrate , — diz Paquita assustada.

O sobrinho de D. Manoel passa rapidamente para a caza contigua. Estevão entra com o pirata ; os espozos tornam a ver-se.

— Lembrae-vos das minhas ultimas palavras ! — diz o pirata á prizoneira. Restituo-vos o marido somente por meia hora. Voltarei á meia noute. Deveis suppôr que não temo as prophecias da ballada , nem a hora da *Dama Negra*.

— A' meia noute ! pois seja , a minha resolução estará tomada.

Ella não se tinha lançado nos braços do marido. O contrabandista notou-lhe na voz alguma couza de grave e solemne, que lhe parecia de feliz presagio. Apartou-se cheio de illuzões..

A porta da prizão foi fechada com duas voltas de chave ; o pirata pôz-se a rondar pela banda de fôra, e dentro em pouco não se ouvia outra couza se não o assobiar do vento.

« Estevão , — diz Paqnita em voz baixa chegando se para o marido , — Deos não nos abandonou ; havemos de escapar aos assassinos.

— Será possível ?

— Crede-me.

— Quem hade vir em nosso socorro ?

— Pedro Walls.

Uma nuvem de tristeza passa sobre o rosto de Monserrate ; o seu coração que se tinha alegrado com as primeiras palavras de Paquita comprime-se-lhe dolorosamente.

— Pedro Walls ! — repete elle — Explica-me de que maneira.

— Está aqui.

— Dar-se-ha o cazo de que o visses ?

— Ha pouco , neste mesmo quartº.

— E fallas-te-lhe ?

— Sem duvida.

O guitarreiro abrindo a porta vizinha corre a passos precipitados.

« Apressemos-nos a fugir ! é tempo , — diz rapidamente aos espozos. — Já tomei as minhas medidas. Os meus muzicos divertem , neste momento , com as suas muzicas e folias os bandidos na grande sala baixa do castello. A noute está escura e tempestuosa. Havemos de achar os postos dezertos e as passageos livres ! Vinde a minha barca vos espera.

— Horroroza tempo para navegar ! — responde Estevão com ar sombrio.

— E' o unico meio de salvação , — replica o sobrinho de D. Manoel. Todos os cami-

nhos por terra estão guardados cuidadozameu, pelos esceelerados de Torenos. Demais o tempo dentro em pouco hade abonançar; navegaremos pouco distantes da terra e o porto de Taragona não fica longe. O meu barco tem dous fortes remadores, dos quaes um é o sargento Matarim, que com a premissão dos seus chefes, veio passar alguns dias na miuha companhia. Coragem e prudencia activa!

— Elle previu tudo Monserrate, — diz a captiva em voz baixa.

— E tambem não deixou couza alguma por calcular, Paquita. Vamos, salve-te elle!

— Diz que nos salve!

— Da-lhe o braço.

— Não, quando tenho o teu, Estevão, não ha outros para mim.

— Só tenho um.

— Mais uma razão para que seja forte.

— Tu procuras animar-me.

— Não pelo contrario, eu é que precizo que me incutam valor.

E Paquita se uniu a D. Estevão da mesma maneira com que a hera se abriga na arvore. A ofiâ olhava só para D. Estevão e contudo, amargos pensamentos acabrunham seu marido. Não eram a elle, que depois da sua evazão, se dirigiam no segredo do coração as doces expressões

do recohecimento; não era elle que salvava sua mulher.

Pedro tinha retomado o seu disfarce de pescador, o seu amplasto e o manto negro. Com uma lanterna de farta fogo na mão chega á porta da escada, que descia para as ruinas da capella.

A saida estava aberta e a passagem sem perigo; o guitarreiro observava Monserrate; lia em suas feições o sofrimento interior, e a sua alma generosa delle se compadecia.

— D. Estevão, — diz elle allumiando pela escada abaixo, — não sou precisamente eu que vos arranco da vossa prizão; não sou mais do que o instrumento de outra pessoa: a quem deveis a salvação é a vossa irmã Dolorida.

— *A minha irmã!* — repete Monserrate extre-mecendo de alegria. — Já o tinheis dito a minha mulher?

— Sim, — responde a orfã de Reus.

— Ah! — murmura o marido, — só me tinhas fallado em Pedro.

Os fugitivos já estão na capella; soprava alli um vento furioso. As janellas do edificio não tinham vidros. Tinha desabado uma parte dos pilares da antiga nave. Já não existiam os arcos principaes ou só appresentavam restos, que ameaçavam proxima ruina. A erva e os espinhos, de que o chão estava juncado, quasi

cobriam os tumulos. Por toda a parte existiam ruinas e destruição. Era um verdadeiro azilo de phantasmas.

A atmosphera era de continuo atravessada por nuvens tempestuosas.

Sentia-se o roncar do trovão do lado do norte, e o mar exhalava medonho rugido. De vez em quando, o rayo introduzia seu axosfreado fogo por entre as negras e quasi destruidas galerias do antigo forte, e então Torenos, com as paredes derrocadas, as flechas partidas, e os arcos arruinados parecia um navio phantastico, cercado de espeetros extravagantes.

O sobrinho de D. Manoel pára junto aos restos da porta principal,

« Descancemos um momento aqui, — diz a Monserrate e a sua mulher, — vou á descoberla para seguir a nossa marcha. Não commettamos imprudencias. Deve estar um bandido no fim deste forte, que nos fica na fren-te, talvez não esteja no seu posto, von certesficar-me. Tenho tambem que prevenir os meus Ciganos do caminho que havemos de tomar, para que elle nos ajudem a fugir. Espera-me aqui, volto já.

— Que! ides deixar-nos! sós! — diz a prizionera assustada

— Silencio — interrompe Estevão; — occul-

temos com cuidado a nossa lanterna ; ouço passos ; alguém se aproxima.

— E' Brigida.

A carcereira de Torenos , segundo as ordens de seu amo , errava em redor do castello para se certificar se tudo estava em ordem , e se as sentinelas occupavam os seus postos. Dirigia se para a capella com um archote rezinoco na mão , e á claridade deste archote se podia notar a extrema palidez que lhe ennuviaava o rosto.

Seu andar era desasocegado.

— Deitai-vos ao cumprido destes tumulos ! — diz Pedro em voz baixa a Monserrate — Nada de luz nem de bulha.

Todos trez se occultaram á vista do cerbero semenino , atraç de um montão de espinhos , e cardos. Brigida caminhava a passos lentos ; os passaros das ruinas , que voltejavam em roda della , tinham singulares assovios , e o vento ; que soprava pelo comprimento das arcadas , dava estranhos balanços aos pampyros nella suspensos.

A velha benze-se.

Neste momento os muros do velho templo são abalados por um violento trovão. O eco se repete por longo tempo. Treme o chão e uma pedra despedida de um arco que estava emi-

nente aos fugitivos, cae com fracasso no meio delles. A pedra faz-se pedaços, e um delles fere a orla, e outro dando na lanterna arroja-a do lugar e m... que Estevão a tinha escondido; Brígida ao ver a luz dá um grito de terror.

« Um facho ! — aqui ! — exclama a velha E com a testa banhada em suor frio não ouza avançar um passo; parecia que tinha os pés pregados ao chão.

« Ouvi um gemido para aqueile lado ! — exclama com voz quazi inintelligivel e olhando para um dos tumulos vizinhos ; — ha talvez aqui alguma traição.

Depois levanta a voz e grita :

« Sentinelas ! ás armas ! socorro !

A perda dos fugitivos estava eminente. De repente uma figura negra se levanta de frente delles, do meio dos altos arbustos e como saindo dos tumulos. Não se lhe veem as feições parem é colossal e ameaçadora. Um brilhante relâmpago reflecte sobre a apparição , e a tormenta agitando as sombrias roupas , em que está envolvida, a faz parecer um bandeira gigantesca ; e esta bandeira marchando entre as sombras assimilha-se a um colosso animado.

E o pó dos tempos passados, levantando-se com forma humana no meio dos sinistros fogos

da tempestade , irá tambem assumir a fella dos mortaes ? Brígida cae de joelhos.

« A Dama Negra , — exclama ella.

VIII

Encontro no precipício.

O phantasma da capella estava direito diante da velha. Guarda funebre silencio.

Seria elle, na verdade, um habitante dos tumulos? Tudo concorre a fazel-o acreditar. O quadro maravilhoso. de que saía a vizão, tinha por accessorios a noute, a tempestade e as ruinas. Estevão e Paquita olhando attentamente para ella não podiam explicar similhante mysterio. .

Só Pedro o tinha penetrado.

Caega-se á orfã e em voz baixa lhe diz:

« E' Dolorida !

Era com effeito a irmã de Monserrate.

Corria em soccorro dos fugitivos no proprio momento, em que Brigida, chamando a grandes gritos a sentinelha, ia delatar a evazão.

A feliz ideia de atemorizar de repente a velha, reprezentando o papel de *Dama Negra* lhe tinha occorrido ao espirito. Deste meio, mesmo sem ser premeditado, já tinha tirado bom resultado, quando viera abrir a escada da torre na occasião, em que Pedro fazia cantar a sua famoza ballada.. Dolorida, a *cavalleira da noute*, tinha vestidos aptos para o effeito; a tormenta secundava-lhe a resolução; couza alguma havia saltado para seu bom resultado.

A viuva Mugnos aproveitando o espanto, que se apoderara da megera, lança-lhe sobre a cabeça um manto negro. No mesmo instante Pedro Walls corre a ajudal-a, pega na velha; abafa-lhe os gritos, a e impelle violentamente para uma escavação formada pelos destroços das ruinas da capella.

Brigida é lançada no fundo desta especie de gruta, o guitarreiro, para a tapar, roja uma enorme pedra, e de carcereira passa a velha a ser captiva.

— Agora, — diz Dolorida ao irmão não ha

um minuto a perder é necessário ganhar a praia, sou eu que vos conduzirei.

— Bem, minha irmã, — responde Monserate, — seguir-vos-hei.

— E Pedro Walls? — diz a orfã.

— Pedro vai buscar seus amigos e na companhia delles hade vir ter comnosco. Os ciganos esperam-o á porta do Norte. O socorro de tæs homens torna-se-nos necessário.

Parte, — diz o guitarreiro, — por onde fazeis tenção de descer para o mar?

— Tomarei á direita do forte, pelo barranco de *Calaguer*. Dá-se, na verdade, uma volta grande, mas ao menos não corremos perigo de ser vistos.

— O caminho é horrivel

— Não importa!

— Aonde heide encontrar-vos?

— Na cabana do pescador Miro, entre os rochedos da costa.

O sobrinho de Pedro Walls dá um ultimo olhar de solicitude e de amor á espoza de Monserate, e munido com as precizas instruções desapparece por entre as ruinas.

— Ah! em quanto Pedro estava ali, a coragem não tinha desampparado a fugitiva; mas agora separada delle sente que as forças a abandonam.

A pedra que cairá do arco fizera-lhe uma grande contusão na perna. No primeiro momento, possuída de terror, não a tinha sentido.

Depois de socegada e auzente de Pedro sente este novo sofrimento. Apenas podia ter-se em pé. A lembrança de uma marcha através dos bosques e precipícios, sem o auxílio de Pedro, espantava-a, e nos olhos já lhe burbulhavam as lagrimas.

Estevão! sofro muito; — diz ella, — faltam me as forças.

O irmão de Dolorida, aterrado com essa noticia, procurava socegar sua mulher; passa-lhe o braço ao redor da cintura, e a encosta ao peito; mas ah! elle proprio cambalea. Um frio mortal lhe percorre as veias, e o sentimento de sua fraqueza, junto daquella que ama, lhe quebranta a alma.

Paquita! — diz elle com voz enfraquecida, vamos, mais alguma coragem.

O caminho não pode ser longo e Pedro hade voltar dentro em pouco.

Monserrate, pronunciando o nome de Pedro tinha dado a voz dolorosa illexão, ella denotava o desespero que lhe ralava o coração. Sentia que não servia a sua mulher de apoio, esperança ou consolação. Um outro homem era

tudo para ella, e est'outro era jovem e bello. Est'outro juntava ao vigor da mocidade, toda a dedicação do amor; amava e era amado.

Paquita encara o marido. A' claridade dos relampagos vê-lhe o rosto palido e abatido; poderia dizer-se que tocava a sua hora derradeira, tamanha era a agonia que tinha pintada nas feições. Oh! é porque o raio que o feria, sem piedade tudo nelle destruia; é porque se pode resistir ás tormentas da natureza, porem não ás da alma.

Com esta cruel e tocanta observação quazi que se animou a orfã.

— Marchemos! estou melhor, — diz ella.

Os fugitivos saem da capella. A viuva Muggnos cheia de força e energia, não cessava de dirigir ao irmão e á cunhada palavras de consolação.

Caminha adiante delles com uma lanterna de surta fogo na mão.

A chuva começava a cahir e com grossos pingos; era percusora de grande tormenta, as estrellas haviam desapparecido do firmamento. A obscuridade condensava-se, e obstruido o caminho por espinhos e pedras cada vez se tornava mais difficult. Bem depressa a tormenta redobra de furia, a lanterna apaga-se, e Dolo-

rida, apesar de conhecer perfeitamente os logares, perde-se no meio das trevas.

« Onde ficou o vosso cavallo? — pergunta Paquita a sua irmã.

— Nas cavallariças de Torenos; irei buscal o depois.

— Haveis de tornar ás ruinas?

Sim; ainda tudo não está acabado, Paquita, entre o pirata e a *cavalleira da noute*; julga o bandido que eu fui esta noute ter precisamente com elle, unicamente por amor; eu devia calar-me diante de sua captiva: mas estava resolvida a rebater-lhe o orgulho. Se elle desdenha os sacrifícios, eu não esqueço as offensas.

A soberba, a indignação e o despeito brilhavam-lhe sobre a phyzionomia.

As feições de regular belleza, denotavam certa tristeza ameaçadora, e a sua mão aper-tava a cintura, em que tinha occultas as armas.

Estavam distantes do castello; entranhavam-se nos bosques. Bem depressa deparam com um rapido ribeiro, que corria pela rocha escarpada e por onde havia um caminho.

« E' o precipicio de Calaguer, — diz a irmã de Estevão. — Atinei como caminho que buscava.

Mas este caminho escabrozo apprezentava

continuos obstaculos. A chuva caia com violencia, e o ribeiro tornara-se forte torrente. Paquita esgotava quanta coragem continha seu coração, e o desconsolado Monserrate tremia a todos os momentos que ella succumbisse á fadiga e aos sofrimentos. Tinham o fato encharcado, e nenhum abrigo se lhes offerecia no meio da desordem dos elementos. Caminhavam com muito vagar e a tempestade não se dissipava.

«Silencio! — diz de repente Dolorida, a unica que conservava presençā de espirito inabalavel; — ouço passos deste lado.

— São, sem duvida, os contrabandistas da costa, — diz Estevão, — ou alguns *ratoneiros* seus subalternos (*)

— Gomes despreza estes ultimos, — diz a viuva Mugnos; — jamais empregaria similhantes mizeraveis.

[*] Ha em Hespanha tres qualidades de ladrões: 1.^a Os piratas e contrabandistas por os quaes ha certa consideração: 2.^a Os ladrões: esta classe inferior compõe-se de homens associados e disciplinados, que se obrigam por juramento a roubarem sempre os viajantes nas estradas; fazem-o com toda a politica, e respeitozamente; e jnlgar-se-hiam deshonrados se não despojássem os passageiros com toda a urbanidade; 3.^a Os ratoneiros; estes são inferiores aos piratas e aos ladrões, é o que nós chamamos furtogalinhas; os ladrões servem-se algumas vezes dos ratoneiros, porém tem por elles o mais profundo desprezo, tanto mais que em certas occasiões o ratoneiro serve a policia.

— Ele mesmo é um bandido, minha irmã.
— Denominação vaga, meu irmão.

Nos tempos de commoções politicas chama-se alternadamente bandido ao patriota e patriota ao bandido. Entre elles ha pouca diferença. Não nos guiemos pelas palavras; eu só julgo os corações. »

Um doloroso gemido interrompe este dialogo. Paquita tinhá topado com o tronco de uma arvore, que a obscuridade não permittia ver; cai e bate no rochedo.

— Já não posso mais, — diz a orfã, — paramos. Sinto-me desfallecer, eu morro.

— Meu Deos! que vae ser de nós! — diz Monserrate, fóra de si. — Paquita! querida Paquita! que eu não possa morrer a teu lado! Privado de um braço, exhausto de forças, só me resta o amor e a vida, incapazes de te salvarem. Arbitro Eterno! para que me confiastes este bem, se me não destes forças para conserval-o.

Nunca lhe servirei de mais do que de embargo, de afflição e de obstaculo; e quando ella tem precizão do espozo, tenho que apellar para o amante! Oh! viva ella mesmo á custa dos meus dias! viva ella mais que seja para *elle*! Pois é *elle* decididamente quem melhor a merece. Meu Deos! salvai-a e matai-me.

São-nos necessarios ao mesmo tempo estes dous favores.

Em quanto que elle se entregava assim ás demonstraçōes de seu desespero, aproximavam-se os temidos bandidos.

« Minha irmā ! — exclama Dolorida, — saímos deste horrivel precipicio ! — são *ratoneiros* os que para nós se dirigem !

— Eu proprio vou chamal-os, — replica D. Estevāo. — Minha mulher preciza soccorro; está perdida, se por mais tempo fica em si, milbante estado. Esta tempestade.. as torrente d'agoa, a sua ferida.. ella vae morrer.

— Oh ! que imprudencia ! meu irmāo ! — Estevāo já a não ouvia, elleva a voz sobre os mugidos da tempestade :

« Socorro ! .. Socorro ! »

É foi ouvido pelos bandidos,

Cinco ou seis homens armados de carabinas saem da espessura do bosque. O seu traje se compunha de uma esfarrapada blouse, e de umas calças de pele de gamo ; na phyzionomia tinham pintada a crudelade ; os cabellos confundiam-se-lhe com a barba ; as rugas do rosto denotavam ferozes paixōes ; o seu todo offerecia tanto no phizico como no moral, o mais hediondo aspecto.

Todavia era o orgulho a expressão domi-

mente nestas figuras salvagens; não havia entre elles disciplina alguma; julgavam-se honrados protestos vivos contra a desegualdade das fortunas; da mesma sorte porque os revolucionarios no tempo das commoções e dos tumultos, se proclamam defensores da ley. Estes malfeiteiros indignar-se hiam se os classificassem roubadores de terceira ordem; tinham a insigne pretenção de serem considerados *ladrões*, e sem misericordia matariam, quem tivesse a infelicidade de os chamar *ratoneiros*.

« Donde saem estas galinhas ensopadas e este enfezado gallo? — diz um dentre elles fazendo escarneo. — Singular caça é a deste principio,

— Nada de chalaças, — responde o chefe da banda. — Mostremos nos *nobres ladrões*, e não degrademos as nossas funcções. Respeito ao nosso carácter. »

Depois dirigindo-se a Monserrate, diz-lhe com ceremonioza cortezia:

« Dignar-se ha Vossa Senhoria conceder-nos a graça de algum dinheiro ou, na falta delle, de qualquer joia? Nós lhe daremos mil agradecimentos.

Se Dolorida houvesse seguido a inspiração da sua coragem, teria feito saltar os miolos a similhante descarado; mas isto seria com-

prometter a vida do irmão e a da cunhada; comprimiu pois o seu furor:

« Eis-aqui tendes algum ouro, — diz Este, — vão; — e em quanto ao cellar de minha mu-
lher... »

— Podeis guardal-o, senhor, — responde o ratoneiro satisfeito; — contentamo-nos com a bolsa que está bem recheada; nós temos leis e limites

— Agora deixae-me implorar-vos por mi-
nha vez, — diz Monserrate.

Troca de serviços!

— E' justo.

— A minha pobre companheira está a mor-
rer; ajude-me a soccorrel-a!...

— Ao largo! ao largo! meus amigos! — interrompe um dos ratoneiros; parece-me que chegam alguns da banda do pirata. São muitos.

— Escapemo-nos.

E os ratoneiros largam a fugir.

— Então! não tinha eu razão, — diz Dol-
rida; — eis os verdadeiros *bandidos*. Gomes, o
intrepido Gomes, é inimigo destes infames.
Não sei porque os pondes em paralelo.

— Tenho-lhes igual odio.

Apenas eram pronunciadas estas palavras e
já tres ou quatro contrabandistas caiam sobre
os fugitivos.

Dolorida estende-lhes a mão com toda a presença de espirito.

« Vinde, bravos amigos! o céo vos envia em nosso soccorro.

— O Céo! — responde Hilario, chefe da quadrilha, sacudindo o seu chapeo de largas abas, que pareciam umas biqueiras de telhado; o Céo não é nada amavel esta noute. Que diabo fazéis vós aqui?

— Acabamos de ser atacados e roubados, — replica D. Estevão.

— Que! interrompe Hilario encolerizado esta canalha de *ratoneiros* ouzaria pôr os pés aqui, avançar sem nossa licença até ás terras de D. Gomes!

E' um atrevimento inaudito! . .

— Esta pobre senhora está a morrer, — diz Monserrate mostrando Paquita, — tende piedade della e de nós

— Está encharcada que nem uma sôpa, — replica o contrabandista abaixando-se para a observar. — Camaradas! parece-me que é alguma *cigana* mal amanhada. Vejo-a em triste caminho e em má companhia.

A cachopa é linda! — diz Hilario admirado.

E então se engaja o colloquio seguinte:

— Ella merece um tratamento de fidalga; é pois necessario conduzil-a ao patrão.

- Esta pequena decerto lhe hade agradar
 — Mas elle agora tem uma outra..
 — O que tem isso, uma e outra fazem
 duas.
 — Demais elle tem forças para ter quatro
 ou cinco.
 — E esta? — ajunta outro bandido, mostran-
 do Dolorida. Parece-me uma chibante!....
 Tambem serve para alguma couza. Tomal-a-
 hei para mim.
- O logar e a occasião não são proprias para
 fazer distribuição da preza, — responde aspe-
 ramente Hilario.
- Saibamós primeiro quem são estes individuos.
- Nós fazemos parte de uma banda de bohe-
 mios, — responde a irmã de Monserrate, — e vi-
 mos do castello de Torenos aonde cantamos e
 dançamos toda a noute diante do senhor D.
 Gomes, vosso amo. Elle depois de nos pagar
 generozamente o nosso trabalho, despidiu-nos
 com toda a polidez para voltar ás suas occu-
 pações; eis-aquí, em duas palavras, quem so-
 mos e donde vimos.
- E' desembaraçada a tal patusca, — re-
 plica um dos contrabandistas.
- E agora, — continua Dolorida, — iamos
 juntar-nos com os nossos companheiros.
- Se tendes pressa de irdes para caza, —

diz asperamente Hilario, tenho dô de vós porque a ordem esta noute é não deixar sahir niguem do dominio de Torenos, até ámanhã.

Para isto ha patrulhas em todos os caminhos e não podereis passar em parte alguma.

— Os nossos camaradas, — prosegue a viuva Mugnos sem se perturbar, — foram ás bordas do mar á cabana do pescador Miro; é alli onde devemos reunir-nos todos. Isto não é deixar Torenos, porque a cabana de Miro fica nas suas dependencias. Se for necessario achar-nos-hão ahi ámanhã.

— Ora vá lá! — diz Hilario, depois de alguma hezitação, — passae.

— Desgraçadamente, — replica a hespanhola, — esta minha irmã feriu-se em uma perna á saída do forte; e eu separada dos meus no meio da obscuridade, enganei-me no caminho.

— Quereis então o nosso auxilio para chegardes á praia.

— Justamente.

— E que nos daes por tal trabalho?

— Tirae-nos primeiro que tudo deste embaraço.

— Oh! oh!, — interrompe o mas edozo da quadrilha examinando de perto a viuva Mugnos, — ella tem á cintura um par de pistol-

las. Singular instrumento para uma cigana, Quem dançou jámais com similhante qualidade de castanholas !

— Callae-vos, — diz Hilario ; — tomo-a debaixo da minha protecção ; ella é tão corajoza como bella, tão desembaraçada quanto brava.

Dolorida, levada pelos bandidos, a quem dominava pelo poder da coragem e da belleza, obrigou-os a torcer caminho para a conduzirem, assim como a sua irmã, á cabana de Miro.

Fazem á pressa uma especie de padiola para a mulher de Monserrate, e a tropa se põe a caminho.

— Senhorita ! — diz o chefe dos salteadores á *cavalleira da noute*, — vamos fazer a vossa irmã um serviço importante. E' precizo que nol-o pagueis.

Acreditaes no que vou dizer-vos, deixae em caza de Miro as vossas dançarinhas e as vossas cigarras, e voltae comnosco ás ruinas de Torenos.

— Sómente até ámanhã ?

— Toda a vida se o vosso coração a isso vos induzir. Torenos é habitada por bravos ; passare ahi vida alegre, sereis a rainha da fortaleza.

Dolorida sorriu-se tristemente ; reflectiu por

alguns momentos, depois levantando a cabeça com altivez responde ao contrabandista :

« Estou decidida! seguir-vos-hei. »

Os contrabandistas a applaudem.

A tormenta tinha-se dissipado momentaneamente, e a chuva tinha totalmente cessado.

« Olá! eh! negociante de peixe! — gritam os bandidos batendo á porta da cabana de Miro. — Também fizemos a nossa pesca; duas trutas e um harenque.

Miro abre no mesmo instante a porta. Era uma caixinha de mizerável apparencia comparada com antiga fortaleza, e encostada a um rochedo em uma praia dezerta. As ondas do mar turbilhavam a pouca distancia e pareciam engulil-a. Quando a tormenta carregava com força, a chuva alagava a cabana, penetrando pelo fragil telhado.

Havia em derredor della muitos alpendres, que serviam de abrigo aos contrabandistas.

O pescador era um moço catalão esperto e divertido. Nos seus pequeninos olhos de javali estava pintada a intelligencia e a astucia; a cor acobreada do rosto fazia-lhe sobressair a alvura dos dentes. Tinha o rosto estreito e ponteagudo como o focinho de uma suinha e as pernas delgadas e musculozas faziam lembrar as do veado.

Miro apenas tinha vinte annos.

« Sede bem vindos ! companheiros ! — diz elle aos bandidos de Gomes. Vós tendes as vossas redes assim como eu tenho as minhas, isto é natural, não é assim ? Um barco para cada um e tempestades para todos.

— E' isto mesmo, meu alegre marinheiro ! — replica um dos recem chegados.

— Uns abordam, outros vão ao fundo. — Nós te trazemos um naufrago, — ajunta Hilaro ; — mas em vez de o pescarmos na agua, apanhamo-lo no bosque.

— Peço-te que olhes para o tal piloto, — diz um dos piratas apontando para Estevão.

— Este *cylcope* não tem membros nem figura, e todavia com duas mulheres pelo braço (notai que o figurão só tem um) talvez imagine que é um homem.

Uma grossa gargalhada acompanhou esta grosseira linguagem.

Monserrate olhava para sua mulher, e esta tinha ouvido o que diziam os escelerados. ... Que de supplicios para o pobre marido.

— Vou queimar uma pouca de lenha, — diz alegremente o pescador ; — as vossas escope-
tas estão molhadas, e o fato capaz de se tor-
cer. Ha momentos, não é assim ? em que não
ha nada secco senão .. o coração.

— Está zombando comosco, este rapozo d'agua salgada! — diz Hilario franzindo as sobrancelhas. — Mas, a propozito, julgavamos encontrar aqui uma sucia de farçantes.

Morreriam elles afogados no caminho? Isto seria proveito teu, Miro, porque te havia de engordar o peixe.

— Ei-los que chegam, — responde o pescador.

Com efeito ouvia-se o som de tamborias, guitarras e castanholas. Este som ia sempre augmentando apezar do zunido dos ventos e do mugir das ondas. A orfã o tinha ouvido, seu rosto se illumina, e parece que estas sons lhe reanimam a vida e as forças.

« Assim hade ser, — diz Monserrate. — ella renasce, porque *elle* se approxima.

Pedro seguido por o seu alegre acompanhamento corre para a cabana do pescador. Recua assustado á vista dos contrabandistas.

« Amigo! — diz-lhe a viuva Mugnaos — agradecei a estes dignos companheiros do bravo Gomes; a não serem elles, nunca poderiamos alcançar este abrigo. Minha irmã não se podia arrastar, e eu tinha-me perdido no bosque, no precipicio de Calaguer.

Os comediantes se ajuntam ao redor de Panquita. Os bandidos aqueciam-se junto á chaminé onde ardia um forte fogo.

« Meus amigos ! — prosegue Dolorida dirigindo-se aos muzicos e aos ciganos, depois de haver trocado certo olhar de intelligencia com Pedro, — vós dormis esta noite aqui, nesta cabana ; eu vou passal-a ao forte, donde voltraei ámanhã.

— Será possivel ! — exclama Paquita.

— E' necessario que vos livre destes malvados, — replica a viuva Mugnos fallando ao ouvido do irmão. — Que seria de vós se eu os não apartasse d'aqui ?

E demais quero tornal-o a ver pela ultima vez. Sim, heide vel-o.

— A quem ?

— A Gomes.

— A Gomes ! — repete Paquita, — porem vós ides expor-vos..

— E' possivel.

— Poderá querer vingar-se.

— E eu tambem.

— Paquita, — diz Monserrate, — de que valeriam as tuas razões. Porventura não sabes que ella o ama ?

— E' verdade

— Esta unica palavra basta. De que valeriam as que tu lhe oppozesses ?

— E' por nós que ella se sacrificá. Este yão.

— Sim, porem dedicando-se a elle,

Dolorida havia-se voltado para os contrabandistas.

« A Torenos ! — Ihes diz ella com gesto de autoridade. — Eu vos acompanho. Marchemos. »

Estas palavras foram saudadas com vivas exclamações ; os bandidos pegam nas armas e saem da cabana.

Hilario seberbo por a sua conquista , está já no caminho da fortaleza.

« Tomae cuidado ! — diz em voz baixa a viuva Mugnos passando juunto do guitarreiro. — O vosso barco está na pequena bacia de Pirmas , quazi em frente de Torenos .

Pirmas é unico ponto que offerece facil embarque. Não olvideis que se torna necessaria extrema prudencia ; eu vigiarei para que vos não succeda mal.

E a intrepida hespanhola partiu.

« Agora nós ! — diz Pedro , approximando-se de Paquita. Miro nos é affeiçoados , não hâ de embaraçar a nossa marcha. »

— Pelo contrario , — responde o pescador ; eu mesmo vos guiarei.

Poderá ella suster-se nas pernas ? — diz Monegros olhando para a espoza ?

A captiva de Torenos encostada ao braço do sobrinho de D. Manoel quazi que tem como esquecida a sua ferida ; levanta-se e caminha.

« Pedro ! posso seguir-vos , — diz ella. »
Monserrate dá um profundo suspiro.
« Ella pode seguir-o ! — repete elle.
E Paquita sae da cabana.

IX

A Plataforma do Meio Dia.

Estava a soar meia noute no relogio da grande sala de Torenos, onde os contrabandistas custumavam reunir-se. Os amigos de Pedro já ahi não estavam havia longo tempo, com grande pezar dos bandidos, a quem as suas chocarriças tinham divertido. Gomes inquieto e pensativo errava pelas derrocadas galerias de seu velho castello, esperando com impaciencia a hora, em que devia ir ter com a captiva e ter della uma decizão. De repente julga ouvir gemidos abafados do alto da plataforma, em que

então se achava; elles pareciam partir dos tumulos.

O pirata, apesar de pouco dado ás ideias supersticiozas, todavia, desta vez, sentia um vago espanto. A ballada da *Dama Negra* tinha feito viva impressão em seu espirito.

Os sons lastimozos, que ouvia, provinham da capella dos phantasmas; o pirata conservou-se por alguns instantes immovel.

A indecizão, porém, não quadrava ao seu caracter; bem depressa sacode estes sombrios pensamentos, taxando-os de loucura, e desceende rapidamente da plataforma, encaminha-se para os sitios, dos quaes diziam a *Dama Negra* frequentava mais.

O contrabandista estava só. Transpõe o antigo portal da igreja, passa pelo meio das ruínas, porém os gemidos haviam cessado.

Gomes anda toda a capella, e já começava a duvidar do successo das suas pesquisas, quando de um montão de ruínas saem de novo sons lastimozos e palavras mal articuladas.

O pirata aproxima-se e olha.

Os lamentos saiam de uma especie de cova sobre que estavam amontoadas immensas pedras.

Gomes abaixa-se, tira as pedras maiores.

Forma uma larga abertura e logo es ger

midos redobram... elle reconhece a voz de Brigida.

A velha de Torenos sae da prisão, porém com o juizo transtornado pelo terror e pelo sofrimento. Seu modo de falar parece o de uma louca; como hude pois o pirata acreditar o que ella conta?

« Senhor Gomes! é *ella*! — diz a velha saindo do fosso com os cabellos hirtos. »

— Quem! Brigida?

— *A Dama Negra*!

— Como se te metteu na cachimonia que foi ella quem te encaixou neste horaco?

— Estou tão certa disto, como estou certa que heide morrer.

Vi-a com *estes*, que a terra hade comer, e tão bem como vos vejo a vós.

— Fazei-me a descripção della.

— De boa vontade. Pareceu-me, á primeira vista, ser uma freira; a sua estatura, porém, que se me afigurou ser a de uma creança, foi crescendo até se tornar como um cypreste e nascerem lhe compridas azas; os olhos pareciam carvões ardentes. Depois, juntou em derredor de si uma caterva de figuras negras, todas ellas com tochas accezas sopradass pelo vento e pelos furações da tempestade. Cai para traz; então soaram gargalhadas como as daria qual-

quer pessoa de carne e osso. Deitaram-me torrentes de agua sobre as faces, arrastaram-me para um sepulcro e entoaram o officio dos mortos. Finalmente perdi os sentidos e estou... senti-o declaro-o... O' meu Deos! Comprehendeis? isto é horrivel!

— Brigida, vós estaes louca, — diz o pirata com impaciencia.

— Ah! vós tomaes o negocio neste tom, — diz a velha indignada. — Pois bem, D. Gomes, hade chegar a vossa vez; acreditaes talvez que a *Dama Negra* tem medo dos vossos bigodes russos? Ella brincou comigo como com uma pélla, hade saltar-vos por cima da cabeça. Em uma palavra ella vos tratará como uma creança, a vós o Goliath das ruinas; e em quanto aos vossos predestinados da forca basta-lhes dar ella um sopro para elles desaparecerem como fumo.

— Ha algum mysterio em tudo isto, — diz comsigo o pirata pensativo, dirigindo se para a torre sem se importar já com as divagações de Brigida.

— Um mysterio! — repete a velha; — sim um mysterio, e inexplicavel; não vos serve para o decifrar o vosso latim, cazo que algum dia o soubesseis. Attendei; tive, ha pouco um sonho de mau agouro.

Vi sobre uma montanha de prata uma aguia monstruosa, cujas pennas eram como navalhas abertas e as garras como souces.

Queria devorar um pequenino canario, que lindamente tocava uma flauta feita de um canudo de palha. Eis que de repente esta palha se torna em uma cobra, e que debaixo da velha pelle deste animal...

— Callai-vos com a vossa aguia e com a vossa velha pelle, — diz Gomes irritado. — Estou farto dos vossos loucos propozitos.

— E eu do vosso mau humor, D. Gomes Declaravol-o com toda a franqueza, não fico mais um instante neste abrigo de assassinos com as cavalleiras da noute, com os ladrões do mar e com as *Damas Negras*; é uma sucia muito grande de demonios e eu não me sinto com forças de os exorcismar.

O pirata custumado, desde tenra edade, ás saídas da velha, não lhe dava importancia alguma; encolheu os hombros e depois de um momento de silencio, continuou assim a conversa.

« Que é feito da viuva Mugnos ?

Vistel-a montar a cavallo ?

— Bella pergunta, señor D. Gomes de Torenos. Havia-me, porventura, Vossa Señoria encarregado de pegar no estribo á tal ca-

valleira da noute? Ella não é de qualidade a deixar que lhe peguem na redea,

Mais facilmente tomaria eu o freio nos dentes, eu que sou decrepita e pezada!

— E ella partiu logo depois de sair da minha camara?

— Montada no cavallo? não; porque da cova, onde eu estava encerrada, o ouvi rincchar na sacristia, de que vós fizestes cavaliça, o que vos hade servir de muito no outro mundo, se acazo ha algum a não ser este em que estamos,

— E os cantores, os dançarinos? foram postos na rua, como eu ordenei? Não fiz delles boa opinião.

— Talvez vos pagassem na mesma moeda.

— Aonde estarão elles agora Brigida?

— Ora boa lembrança! Vão continuando o seu officio de aventureiros, assim como outros o de piratas ou ladrões de estrada.

Eu gosto mais dos primeiros.

— Ninguem vos pede os vossos conselhos.

— Quer m'os peçam, ou não, sempre os vou dando.

— Dezejava, todavia, saber se elles ainda aqui estão.

— Os eiganos? Como o posso eu saber tendo sido por vós encarregada de vigiar fora

das muralhas, e demais a mais passando a maior parte da noite encaixada em uma toca? Desejava ver-nos no logar em que eu estive, ouvindo o assobiar das corujas.

Durante este dialogo o pirata e a velha subiam á prizão de Paquita. Gomes abre a pesada porta da cámara; entra; uma luz a allumiava, não vê porem a sua captiva. Chama, nada de resposta.

Summamente inquieto e surpreendido corre a caza a passos precipitados. Monserrate e sua mulher tinham desaparecido; todas as pesquisas são inuteis. Os prisioneiros haviam-se evadido.

« Que vos parece agora? senhor Gomes, — diz a teimoza velha com ar triumphante, — não vos tinha eu dito que a vossa vez havia de chegar dentro em pouco? Zombae agora da *Dama Negra*; ella ainda tem os braços mais compridos do que a vossa lingua; porque ella abriu a ratoeira debaixo mesmo das unhas do rato.

Gomes continuando suas pesquisas ia barafustando por um lado e por outro.

« Grande Deos! — exclama elle, — a porta da escada da capella está aberta. Eis por onde fugiram os meus prisioneiros; mas quem seria o atrevido que os livrou?

— A *Dama Negra*, — responde Brigida, —

não vos havia eu dito que ella estava aqui na occasião, em que se cantava a ballada; se eu a vi andar passeiando vestida de lucto e com o rosto cadaverico; mas vós me julgaes sempre uma louca, e não attendeis as minhas advertencias. Incolerizaes-vos contra mim, e ainda que seja como um sino a badalar-vos, sois surdo como uma rocha.

— Brigida! — a interrompe o pirata, — correi a chamar a minha gente! — E' necessario perseguir Monserrate, quero retomar Paquita. A cavallo, meus contrabandistas! a galope por todas as estradas!

E sae da torre a passos acelerados.

« Não! não poderão escapar-me, — dizia a si mesmo; estou certo que foi Dolorida quem fez evadir a sua rival! Oh! deveria ter desconfiado da sua astucia e da sua audacia; conhece as ruinas de Torenos; e debaixo destas passagens secretas é que preparou as apparições da tal *Dama Negra*. Ajudada pelos ciganos por ella aliliados, desembaraçou-se de Brigida encovando-a na capella. A persida soube enganar-me; e julga ter ganho a partida: heide tomar boa desforra.

Os bandidos saem em todas as direcções; é provavel que os fugitivos não tardem a ser espanhados; porque, conforme as ultimas or-

dens do capitão, não ha um só dos caminhos circumvizinhos que não esteja estreitamente guardado.

Gomes certesfou-se que a cavalgadura, em que viera Dolorida, estava na cavallariça; podia suceder que a irmã de Monserrate estivesse occulta no forte esperando que passasse o furor da tempestade ou qualquer occaçião favorável. Gomes não sae, vae explorar as ruinas. O firmamento retomara a sua cõr azulada, e a lua descobrindo-se no horizonte, parecia ter dissipado a tempestade. Esta bonança porém não promettia ser duradoura; aglomeravam-se ao longe grossas nuvens, e o mar sempre agitado, não abrandava a sua furia.

Gomes continua as suas indagações, visita os logares mais reconditos, os cantos mais misteriosos. Dirige-se para junto das ruinas do forte, para um logar chamado a *Plataforma do Meio Dia*. Este rochedo dominava a praia. Desse local podia a sua vista abranger toda a extenção das ruinas e até os sitios vizinhos. Dali podia avistar os fugitivos se se houvessem dirigido para o lado do mar.

As trevas haviam-se dissipado.

O pirata introduz-se atravez das ruinas do forte por entre pedras e espinhos arrastando-se como o malseitor, que vae commetter um

crime. Ouve a traz de si certo ruido a que porém não presta attenção. Os velhos baluartes de Torenos ficam a pouca distancia, nelles estão postadas sentinelas; e ao primeiro grito do pirata elles correrão em seu socorro.

Começa a subir a *Plataforma do Meio Dia* e quando já ia a entrar na explanada uma voz lhe grita:

«Pára!»

Dolorida vestida de preto, com a cabeça alta e gestos ameaçadores se lhe apresenta em face. Tinha os braços cruzados sobre o peito e dos olhos escintillavam chamas.

«Não me andavas buscando? — lhe diz a viúva Mugnos, — Pois bem, Gomes! eis-me aqui! que pertendes de mim?

— Que me restituas os meus prezioneiros — responde o feroz bandido. — Onde estão elles?

— Fóra do teu poder.

— Fostes tu que lhes quebrastes os ferros.

— Sim; fui eu que lhes prestei socorro. Tu não sabes, cruel pirata, de que é capaz a alma de uma hespanhola? Pensavas talvez que a amante ultrajada se contentaria com ir derramar occultamente vergonhozas lagrimas, e que te deixaria impunemente nos braços da sua rival? Não: a teu avezinha está livre das

garras do milhafre; e eu venho repetir-te de novo as minhas palavras desta noute; *desgraçado! desgraçado de ti, Gomes...*

— Vens disposta a reprezentar-me alguma nova scena da *Dama Negra*? — diz Gomes com aspereza. — Enfadam duas reprezentações em uma mesma noute. Para que servem as tuas vãs ameaças! Desprezo-as, calco-as aos pés, a ti e a ellas; nunca me fizeste sentir o mais leve amor.

— Bem o sei; — responde Dolorida comprimindo as terríveis pulsações do seu coração — podias porém regeitar o meu amor, sem contudo me injuriares. Demais, depois do teu ultimo attentado contra meu irmão, eu não tinha vindo a Torenos para me lançar aos teus pés como *escrava*, vinha, sim, arrancarte uma *captiva*. Foi illudido o teu maldito orgulho, eu soube abatelo.

Quando me recebestes na torre estavas embriagado, e eu com o meu juizo perfeito; insultaste-me, e eu zombei de ti.

— E agora, Dolorida. — diz o pirata com voz mais branda, — vindes gozar o vosso triunho! vens por tua vez injuriar-me.

— Eu! — responde a irmã de Estevão já enternecida pela expressão da phizionomia do pirata: *eu, injuriar-te!* não, Gomes. Ah! por

experiencia o sei, as explicações de amor custam, a quem vem procura-las, o ultimo grau de aviltamento; tenho ainda que passar por um, será porém o ultimo!

Confessai-o com franqueza, Gomes, não era só o vinho o que perturbava o teu espirito, quando diante da tua prizoneira!...

— E com que direito me interrogaes assim?
 — a interrompe o contrabandista assumindo a sua desdenhoza arrogancia: — Basta! minha cavalleira da noute! não permitto as expansões d' alma e os transportes de amor senão áquellas que amo; nada tenho que justificar nas minhas relações contigo. A inconveniencia e o ridiculo não estavam da minha parte: eu ri, tu choraste: portanto estamos quites, não fallemos mais nisto.

— E' esta a tua ultima palavra?...

Ainda não. Eis mais duas: *Vae-te embora!*

— Pois bem! — replica Dolorida mostrando mais altivez do que nunca; — ainda não acabei o que vinha tratar contigo.

— Oh! tomae cuidado em não cançardes a minha paciencia, — replica o pirata encolerizado. — julgas ter salvado os captivos? enganas-te, hão de tornar a cair-me nas mãos. Se até aqui te prestei ouvidos, se te hei desprezado até este momento, é porque tenho

confiança nos meios, que empreguei; é porque conheço o meu poder. Vou dar-te delle um prova no mesmo instante.

O pirata estava sobre a *Plataforma do Meio Dia*; que momento para Dolorida! Gomes, á claridade das estrellas, percebe os bohemios de Pedro Walls, que se dirigiam para a baía de Pirmas, onde está amarrado um barco... Que faz esta gente? Para onde vae ella? O olhar fino do corsario acaba de descobrir Paquita; reconhece-a pelo traje, pela estatura e pelo andar. D. Estevão vae ao lado della. Sim, não ha duvida; são os seus prizioneiros. Vem da cabana do pescador Miro, e julgam-se salvos.

« Ei!-os! — exclama o escelerado. »

E voltando-se para o baluarte vizinho, vae chamar os seus bandidos. Os dous fugitivos estão perdidos.

Não, Dolorida ainda ali está. Levanta o braço e com voz de trovão exclama.

« Malvado! silencio! não faças o menor gesto! »

E seu aspecto era terrivel.

« Para traz! — diz Gomes fora de si, para traz, mulher, odeio-te!

— Prosegue, mizeravel! eu espero. A taça está cheia.. trasborda..

— *A mim, sentinelas!*

— Calla-te!

E pegando na mão do pirata diz-lhe:

“ Por piedade! escutae-me. Neste momento
odeio-te: e o odio me grita *Vingança!* Mas,
hei-te amado tanto; Gomes!... Attendei, es-
tou ainda prompta a perdoar-te, mesmo a lan-
çar-me a teus pés!

Deixa fugir os teus dous prizoneiros!

Lembra-te que Estevão é meu irmão!

Em nome do Céo graça e piedade para to-
dos nós.

— Retira-te! deixai-me! — diz o contra-
bandista enfurecido; — precizo a todo o cus-
to da mulher, que amo, e esta mulher é Pa-
quita, Sentinelas! ás armas! a mim.

— Bandido! vejo que me não conheces;

— diz Dolorida socegada e fria.

— Eu desconhecer-te! — responde Gomes
com ironia, — é precisamente por bem te co-
nhecer que hoje me cauzas horror.

Sentinelas!

— Silencio! ou te mato.

— Tu — exclama o pirata recuando diante
della com certo terror.

— Depois agarrando-a com mão poderoza
e atrevida diz-lhe:

“ Sou eu que me desembaraçarei, ao mesmo

tempo do teu extravagante amor e da tua louca oposição! A morte está no pedestal desta rocha. »

— E o assassino vae pricipital-a da elevada plataforma, em que se julga senhor da vida da fraca mulher.

Um grito porém de horror se lhe escapa dos labios. O sangue sae-lhe do peito em grossos borbotões: Dolorida está vingada.

Um instante depois o corsario estava rodeado por os seus bravos. Elles tinham ouvido chamar; e cinco ou seis bandidos pertendiam reanimar-o.

Porem Gomes não podia articular palavra. Suffocado pelo sangue, estorcia os braços com as convulsões da morte, tocava a sua hora suprema.

Onde estava a terrível hespanhola?..

Procuram-a por toda a parte. Ninguem aparece na *Plataforma do Meio Dia*.

« Quem o feriria? — perguntavam uns aos outros os bandidos consternados. »

O assassino havia desapparecido.

D. Estevão e Paquita chegavam, em quanto se passava esta scena, á pequena bahia do Pirmas. Pedro não apartava a vista da fortaleza.

« Olhae! — diz elle de repente. — Não ve-

des lá para aquelle lado o pirata, no cumo da rocha? »

— Sim sobre a plataforma do meio dia, — responde uns dos bohemios. — Tenhamos cuidado, elle pode ver-nos!

— Junto delle está uma mulher, — interrompe a orfâ de Reus.

Dolorida! — exclama Monserrate.

— Grande Deos! enganar-me-hei, — replica o guitarreiro; — julguei ver uma terrivel lucta.... o corsario cambalea... cae.

— E a mulher?

— Não a vejo.

— Lá em cima acaba de commetter-se um homecidio; — diz o pescador aos ciganos. — O pirata está sem movimento.

— Com effeito parece estar morto.

— Ah! os bandidos correm. Levantam-o, sustem o.

— Recebeu uma punhalada.

— Morreu! — diz Miro; — a sua morte é a nossa salvação.

Neste momento o sargento Matarim, amigo dedicado de Pedro Walls, precipita-se fóra da barca, que esperava os fugitivos; corre ao encontro de Paquita.

— O mar está muito cavado, — diz o bravo militar; — temos porém um bom piloto,

forte, intrepida e com excelentes remos; com isto sempre se chega a bom porto; e Tarragona não fica longe.

— Aviemo-nos, — responde Pedro. — lá em baixo vejo contrabandistas a cavalo; foram de certo enviados em nossa perseguição; correm pela praia; chegam.

— Sim! sem dúvida, buscam-nos; — replica Monserrate; — vejo os caminhar em todas as direcções.

— Procuremos ganhar o largo, — responde Matarin. — Se lhes ficarmos a alcance das espingardas os bandidos hão de atirar sobre nós.

— Ao largo! ao largo! o tempo urge, — ajunta o guitarreiro.

— Ah! mizerável e infame canalha, — murmurava o bravo sargento. — E não poder cair sobre elles! Com mil bombas! é insuportável! Paciencia! darei parte e heide de voltar ás ruinas com forças capazes de reduzirem a nada estes mizeraveis! Então com a minha bayoneta eu farei walsar os taes galopins. Hade chegar-lhes a vez de tomarem o largo.

Paquita, Estevão, e Pedro entram á pressa no barco; e os muzicos ambulantes dispersando-se por toda a parte, dançando, deixam a praia.

Pedro Walls pega na guitarra, e o barco de pesca á força de remos se aparta da terra.

Matarin ajudava com infatigável ardor o piloto.
Os contrabandistas que chegavam de mão baixa
não podiam alcançar a sua preza.

Com as carabinas fazem fogo ; a barca permanem não lhes está o alcance ; zomba delles e Pedro inclinado sobre o seu instrumento favorito, acompanhado pelo ruido das vagas canta o seguinte.

Feliz aquelle que na terra
Escapa aos golpes da sorte !
Feliz o que, salvo da tempestade,
Escapa, á morte !
Canta, ó minha lyra !
Canta sempre,
A minha barca livre da voragem
As minhas esperanças, coragem
E os meus amores !

Ah ! o mar ainda bramia... o vento elle-vava-se furioso... a barca era-lhe difficilimo chegar ao porto.

X

A corda partida.

O sargento Matarin escutava com transporte os sons do trovador catalão.

« Bravo, — diz-lhe regulando o balanciar dos remos pelas cadencias da guitarra. — Bravo ! Pedro ! Os teus cantos são magicos. Lembras-te que não ba muito lhes deveste a salvação no meio do furor da guerra ; hoje elles conjurarão a furia dos elementos. Repete outra vez a tua canção.

O guitarreiro recomeça :
Canta, ó minha lira,
Canta sempre,
A minha barca livre da voragem,
As minhas esperanças, coragem
E os meus amores !

Oh ! com que entuziasmo e com quanta fér-
jicidade Paquita escutava Pedro ! ... Sentada
junto delle e contendo a respiração para não
perder um só dos sons da voz do amante,
ella esquecia o mundo inteiro : os piratas,
a tempestade, o sofrimento, os perigos e ate o
proprio Monserrate.

Com a cabeça quazi perdida pelas violen-
tas agitações da noute, com dilicias ella se en-
tregava ao sentimento, que, só, lhe absorvia
o pensamento, isto é a felicidade de ter tornado
a encontrar o seu libertador.

Menos do que o coração de Paquita palpi-
tavam as cordas da lyra de Pedro ; e o poeta
partilhando as vivas commoções da amante en-
tregava-se ás suas enthuasiasticas inspirações
com o mais compléto abandono. A alma se lhe
reflectia na voz. Os canticos sobre o veo da
noute, os ruidos dos remos e das ondas, a pa-
lida claridade da lua, o assoviar do vento e
as oscillações do barco so estavam alli para fa-
zerem eco com as secretas harmonias de seu
coração, para lhes favorecer a expressão, e como
para entre estas couzas encadear o seu amor.

A captiva de Torenos é arrancada ao exta-
sis intimo, em que estavam perdidos seus sen-
tidos e pensamento por um gemido surdo e
lastimozo. A orfã corre para Esteyão, que, só,

sentado na proa do barco, em attitude de observação, tinha a vista dolorosamente fixa sobre ella e o guitarreiro.

« Pobres creanças ! — se dizia elle. — Tão bem talhados um para o outro ! Oh ! como elles são bellos ! E com quanto ardor se amam... Que de alegrias e felicidades elles partilharam, se por desgraça eu não estivesse aqui... Meu Deos ! por maiores que sejam os seus tormentos, o mais digno de compaixão de todos os tres, não é elle, não é ella ; é o que não é amado. »

Paquita senta-se ao lado do marido ; comprehende que elle tem necessidade de consolação, de allívio, de socorro e de coragem. A phyzionomia da orfã, por natureza candida e ingenua, mostra a expressão de affeção e ternura ; enlaça o marido nos braços, e inclinando-lhe a cabeça ao peito chora.

— Bem vejo, tu soffres, — lhe diz ella.

— E tu tambem ! — responde Estevão.

— Tu não me chegas ao coração — replica ella com amargura, — todavia a minha verdadeira chaga está alli.

— Sim, Paquita, esperando.

— Esperando ! que queres tu dizer ? Não estamos livres de perigo ?

— Olha — lhe responde Monserrate com o rosto demudado, mostrando-lhe uma massa ne-

gra, que ainda se elevava no horizonte; — nós talvez não possâmos livrar nos da tempestade; mas aquella, vês tu, Paquita, não é a mais terrivel. »

Tanto nas tormentas do Céo, como nas borrascas da vida e nos erros da alma, é raro darse que elles passem sos. Uma tempestade attrae alguma outra; o raio chama quasi sempre outro rayo.

Assim como Estevão o prognostiva á sua companheira, uma nova tempestade ia cair sobre elles. Já bastantes e espessas nuvens passando pelo argentino disco da lua, lhe tinham extinto os raios. As estrellas desappareciam; as ondas do mar escumantes e formidaveis, aqui se elevavam como montanhas, acolá se abriam como abyssos. As trevas cobriam o mar. As nuvens não tinham raios nem trovões mas davam horridos mugidos e faziam impretuozos turbilhões. Desgraçados daquelles, que estivessem no mar!

O sargento Matarin, ajudado pelo piloto Valdes, com energia luctava contra o perigo. Mas o que valia a força dos homens contra o poder e violencia dos ventos e das vagas! A barca alagada a todos os momentos por montanhas de agua, que a corriam de poppa á proa, e a faziam mergulhar a borda no mar, dentro della

traziam o espanto e a morte. Valdes teve por longo tempo os sens olhares fixos sobre o pharol de Tarragona, o qual indicava a entrada do porto e podia servir de salvamento. Ah! o ponto luminoso não tarda a desapparecer no meio dos vendavaes do vento, e das ondas de chuva, que invadiam a atmosphera. Com o pharol se lhe extingue a esperança.

Paquita, de joelhos, levanta para o Céo as tremulas mãos; uma furioza onda a deita por terra, e vae submergil-a nos abyssos. Pedro corre para ella, proteje-a da tormenta e das vagas, tem-a junto ao coração como inherente a si mesmo. Não! separal-os em tal momento seria impossivel; é necessario que ambos se salvem, ou que um e outro pereçam.

A orfã de Reus, com os olhos fechados, e murmurando em voz baixa algumas palavras, as quaes, só Deos sabe, se seriam de oração ou de dor, de anciedade ou de amor, ou talvez de todas estas couzas reunidas, não sente senão a Pedro; Pedro, que a collava a si; Pedro, que tinha entre suas mãos, e como em seu poder, seu coração, sua pessoa e até a sua propria vida. No meio do desaranjo da natureza e dos seus espiritos parecia-lhe que a morte a não podia fazer sua preza, estando protegida pela egide do amor; lembrava-se dos carneiros de

Tarragona, da pozada dos bandidos e da capela em ruinas; é pois o espanto a esphera onde sempre deveria desenvolver-se a sua dedicação sem limites. Ah! Paquita, nesta esphera, chegava a não sofrer, nem sentir couza alguma.

« Pedro! diz-lhe ella em voz baixa, — aquece a minha mão entre as tuas!

— Sim, — responde o guitarreiro, — porque o meu annel ainda aqui está; Paquita, elle tambem me dá calor, anima-me.

— Pedro neste momento, como no de outr'ora somos *Despozados da Morte*?

— Não da mesma sorte do que no mauzoleo subterraneo.

— Por que motivo?

— A tua mão tem dous aneis.

— E então?

— Um delles pertence-me. Cada um de nós não tem o seu.

E Pedro pronunciando estas palavras, retomava docemente a Paquita enterneida, o annel trocado nos carneiros mortuários, o annel restituído a Monserrate.

D. Estevão, sem ser percebido, se havia aproximado da espoza; tinha visto e ouvido a scena dos aneis. Que quadro e que golpes para elle!... Os dous amantes, esperando inteiramente passarem juntos deste mundo para o ou-

tro, estavam ali cheios de confiança e abandono, parecendo lhes, de alguma sorte, despozarem-se de novo ás portas da eternidade. Socegados no meio dos terrores, depuravam na morte o seu amor.

Monserrate sente que lagrimas amargas e ardentes lhe escaldavam o rosto frio e lívido; com estas angustias foge-lhe a razão.

« Basta!... basta!... murmurava elle, — O' Paquita, basta de suppicio!... »

O mar bramia... o vento redobrava de violencia... Nenhuma voz, neuhum som poderia fazer-se ouvir no meio do desenfreamento da tempestade, e do fracasso das agoas. Novas torrentes hão inundado o batel.

Levariam ellas alguma victima?

Um grito horrivel, um grito singular, um destes gritos, que parecem a explosão de tudo o que a natureza humana pode conter de desespero e de angustia, parte dos labios de Paquita.

« Estevão!... meu marido!... Onde está elle?... »

Arranca-se dos braços de Pedro e, com o olhar espantado, e as feições demudadas corre como uma louca da popa á proa do barco. Matarin, Valdes e Pedro repetiam a exclamação da orfa

— «Estevão!... Estevão!...

— Haver-se-hia elle lançado ao mar para acabar com as suas torturas?

— Mas esta alma tão nobre e tão bella!... não teria recuado ante o suicidio?

— Uma escaldação de sangue, consequencia do excessivo soffrer, poderia tel-o atacado de repente; e uma das montanhozas ondas, que por muitas vezes tinham quazi submergido o barco, o teria então engolido!...

— Teria elle perdido a razão?... e matar-se-hia em consequencia disto?...

— Quem podia esclarecer similhante catastrofhe?

Paquita, torcendo os braços e arrancando os cabellos, continuava a encher o ar com as suas vozes desesperadas.

— «Pedro! — exclamava ella, procurando elevar sua voz sobre os bramidos da tempestade!

— Pedro! se me amas, salva Estevão! salva o!»

— E' impossivel, — diz Matarin.

— Empossivel! — repete ella no ultimo grau de desesperação. — quem proferiu tal expressão? Callai-vos! Não, nada é impossivel a Pedro? Ouvess-me tu Pedro? salvai-o.

— Isto porém é quererdes a sua morte — diz Valdes.

— Pedro ! não te importe o que elles dizem ! — exclama a infeliz fóra de si ; — ainda que tenhas de morrer é myster salval-o. Demais, se tu pereceres, eu morrerei ; assim vês que nos não separemos. Sabeis porventura quem matou Estevão ? Julgas talvez que foi o mar com as suas furiosas ondas ? Enganas-te ; a cauza da sua morte fui eu, foste tu. Elle via tudo ; e nós não via-mos nada. Ah ! Pedro ! não é só a voz do amor quem te implora é tambem a dos remorsos ! Salta ao mar, meu Pedro ! salta ! que Deos te ajudará.

Poderia o sobrinho de D. Manoel ficar insensivel a taes expressões ?

— Não : acabava de tornar uma resolução heroica. Despe parte do fato ; Matarin ata lhe uma corda em derredor da cintura e Valdes agarra na ponta..

— E o valente guitarreiro se arremeça ao mar. « Lá ao longe ! — lhe exclamava a orfã de joelhos sobre um dos bancos do batel. — Pedro vejo o seu corpo... boya á tona d'agua.

— A' direita... O' meu Deus... Elle desaparéce... Pedro ! meu Pedro ! coragem !

A tempestade abafava-lhe a voz. O corpo de Monserrate, que por um instante apparecerá sobre as vagas, foi por elles de novo engolido.

«Aqui!... — Exclamava ainda Paquita — Elle deve estar ainda aqui... Estou certa.

Meu Deos! mostraes-lhe Estevão... dai-lhe um rayo de luz!

Falta-lhe a respiração; suffocada interrompe-se; depois novos gritos de dor e de angustia.

— Pedro!... Pedro! Pedro! onde está?

Ah! Matarin, a corda!... a corda!...

A violencia das vagas tinha levado para longe o nadador, apezar da sua destreza e intrepidez. Era tal a obscuridade que se não via couza alguma. Só se ouvia, no meio das trevas, o surdo zunido de um corpo humano debatendo-se com as ondas, e quazi a succumbir.

«A corda!... exclamava Matarin. — Puxae-a depressa; ou elle está perdido.

Mas as vagas que empuchavam o desgraçado Pedro mostravam-se mais fortes do que o cabo, que lh'o disputava. Valdes e Matarin, pondo de parte os remos, e abandonando o barco, poem-se com todas as forças a puchar pela corda. Pucham... pucham... a corda parte.

«Partida!... Meu Deos!... Perdido!... Afogado!... — diz o corajozo sargento.

— Afogado! — repete Paquita... Céo vingador! feri a culpada!... Fui eu que matei a ambos!

É no mais espantoso delírio, ella ia precipitar-se no mar. Esmagada por dous golpes, ao mesmo tempo, não tinha marido nem amante. Matarin agarra-a pelo vestido; ella escapa ao abysmo.

Ah ! Era isto salval-a ? !

XI

Consequencias do naufragio.

O tempo estava sereno; a atmosphera embalsemada de perfumes; e os rayos dorados do bello sol de Hespanha se reflectiam sobre o azul de um mar pacifico.

A natureza estava socegada e brilhante.

Não se ouvia entre os bellos bosques de Reus outra couza alem do canto do pastor ou o gorgorio dos passarinhos. Nem as tormentas de Céo, nem as mesmas imprecações dos homens retiniam já em derredor de Tarragona; todas as tempestades tinham fugido.

Mas dellas alli ficavam as signaes.

A quem pertence esta linda herdade cerca-
da de vinhos, de hortas e de jardins?.. Quan-
to a sua vista é gracioza?

Como a sua posição é alegre?.. Sem du-
vida, no interior desta propriedade reina a
paz e alegria, a felicidade e o bem estar!
Assim o julgaria o viandante, se não intetro-
gasse os habitantes do paiz! Oh! não a paz
e a felicidade não habitavam neste logar. Pe-
lo contrario, ali não se ouviam senão gemi-
dos; o sofrimento, alli, era grande.. Destino
geral de quasi todos os homens e de todas as
habitações! A afflição é a mesma por toda a
parte, não lhe importa o logar ou a epoca.

Os mesmos eccos, de seculo em seculo, hão
repetido as mesmas dores.

E por que motivo não hade cada um tomar
corajozamente o seu partido?.. não sabemos
nós qual é a nossa sorte e a dos outros?

Imbalados um instante na athmosphera da
vida, divagâmos sobre ruinas.

Depois somos reduzidos á mesma poeira
que nossos avós, que nós pizavamos com in-
differença, para por nossa vez sermos calcados
por nossos successores, que da mesma sorte o
serão por os seus herdeiros; e com o compe-
tente acompanhamento dos pezares, das fadiga se

das lagrimas até ao grande dia, em que Deos, desfazendo o nosso globo, espalhar os seus destroços.

Ah! vãos sonhos na mocidade, peniveis trabalhos na edade madura, amargas decepções na velhice, e tormentos em todos os tempos: eis a carreira do homem.

A linda herdada era Marsennas.

No meio dos jardins desta habitação, notava-se um caramanchão, em que outr'ora os predecessores de D. Estevão costumavam dar seus banquetes. Muitos soldados, nunca despostos á tristeza, bebiam neste momento excellente vinho de Xeres em redor de uma meza campestre.

A' frente destes soldados distinguia-se o bravo sargento Matarin, encarregado pelo chefe de vellar pela segurança de Marsennas e de seus habitantes. O amigo de Pedro Walls ali se havia installado, com muito gosto, havia pouco tempo.

A conversação estava animada.

« E' positivo meus camaradas! — dizia Matarin aos seus soldados; — sem mim teria morrido a pobre mulher.

— Ella ia atirar-se á agua, não é as sim?

— E' verdade, mas alto lá eu estava alli E felizmente que eu não era maneta como

o estropiado de seu marido, que não podia nadar senão com um braço, visto que o outro faltava á chamada.

— Laboriosa tarefa.

— E máo resultado!

— O bom Deos tinha neste dia soltado todos os indiabrados elementos; uma chuva de rayos capazes de abrirem as pedras!.. E dizer que vi morrer diante de mim dous bravos, a quatro passos da nossa casca de noz, sem poder fazer o menor esforço para os tirar d'agoa! Maldita corda de dous fios; dezejava enforcar com ella o que a fabricou!.. E nada de instrumentos necessarios para tão grande perigo! Ah! engano-me...havia um...porem, por escarneo, era uma *guitarra*.

— Diz-nos, Matarin! não se achou o corpo do marido?

— Certamente; junto de Salo; e não só elle mas tambem um testamento, que tinha comigo, e bem feito, com todas as formalidades, sem o que todos os seus bens lhe iriam, com o corpo, pela *agua abaixo*.

O bom e digno homem legou toda a fortuna á sua viuva. Praticou uma bella acção. Que pena não ter eu tambem uma pequena mulher, de quem enviuvasse e que me legasse todos os seus bens. O governo devia animar

estas couzas. Não é assim, meus camaradas?

— E' justo.

— O desfunto era muito rico.. devia ter pompozas exequias!.. Na verdade foram sumptuosas.. eu ahi estava. Foram de tal maneira que, se de um lado se derramava lagrimas, que cortavam o coração, do outro tocavam de tal modo os sinos, que quebravam a cabeça de quem os ouvia. Este barulho remechia-me as entranhas.

— E o outro afogado?

— Pedro Wallis? Ah! meus amigos! não me falleis em tal!... amava tanto a este alegre rapaz;... e elle tambem me pagava na mesma moeda!.. A sua vida foi bem interessante! Figurae vós que elle se cazou com a mulher de outro, o que não acontece ordinariamente, mas o que lhe era quazi permitido; porque elle, que era mais amado do que o verdadeiro marido, se achava em um cazo excepcional, visto que ambos se julgavam batendo á aldraba da porta do outro mundo; isto fez com que se cazassem. Vós compreendeis isto bem; não é assim? Eu é que os tinha baptizado, e debaixo de uma mortalha preta e em uma igreja; antes do *fla, fla* da guitarra: *Despozados da Morte!* Isto era bello.

— E o seu inimigo, o pirata?

Ah! tratantes contrabandistas... Na mesma tarde de funeral, para desobstruir a minha cabeça do pezo, que a esmagava, fomos ás ruinas de Torenos para começar a *caçada aos bandidos*. Com que prazer eu contava fazer tocar sobre elles a minha flauta cheia de polvora.

Com o que eu lhes tocasse haviam de dançar um famoso *bolero*, de novo genero.

Não encontrámos nada: esta fornada de carne havia tido medo de cozer muito com o nosso fogo; e por trama do inferno nós não achámos para saciar o nosso apetite senão uma velha feiteira, que nos massou logo, dizendo-nos que a *Dama Negra* tinha morto o Grande Gomes.

Matarin proseguindo o seu relatorio bebia grandes tragos de Xeres e os seus companheiros o imitavam.

« Debalde! — diz o sargento com voz comovida, — debalde procuro alegrar o meu espirito, estou triste como uma garrafa vazia, ainda que não tenha o coração de todo secco.

Palavra de sargento! Não posso esquecer a morte do meu guitarreiro. A gentil garganta deste rouxinol não era feita para ser torcida na agua salgada. Pobre Pedro! todos o amavam, até mesmo a tempestade, o mar e talvez também os peixes, porque elles não

nol o quizeram restituir; guardaram-o para os divertir. E' verdade que, a propozito de mu-
zicos, deve dizer-se que o Céo e a terra tinham
horrivelmente começado uma orchestra. Que
entraivada symphonia! Oh! se ao menos como
nós, Pedro Walls tivesse só isto que tragar! »

Matarin dizendo isto enhugava com o ca-
nhão da farda grossas lagrimas, que se des-
lizavam por as suas faces emagrecidas pelas
fadigas da guerra. Estas não deviam ser as ul-
timas; porque, annos depois, Matarin se di-
rigia para a ilha de Elba.

O jantar acaba; os irmãos d'armas de Ma-
tarin se retiram, uns apóz outros, para se irem
occupar das suas obrigações. Matarin fica só,
e encostado á meza pensa ainda em Pedro
Walls.

Este bravo militar tinha milagrozamente es-
capado á morte depois de salvar Paquita.
Uma corrente rapida se tinha apoderado do
seu barco e o tinha impellido para o porto de
Tarragona. Uma hora, depois da desgraçada ca-
tastrophe de Pedro e de Estevão, Paquita es-
tava sobre a praia ao abrigo de todo o perigo.

Tinham-a transportado pouco depois para
a herdade de Marsennas.

A senhora de Beauvelais, a mesma que a
tinha recolhido depois do saque de Tarragona

se tinha caridozamente offerecido para a acompanhar; prodigava-lhe os seus cuidados no pacífico retiro de Marsennas; e o sargento, por ordem superior, estava encarregado de vellar pela segurança das duas senhoras.

Matarin ia sair do caramanchão, quando uma voz inesperada o tira das suas meditações.

« Soldado! tenho que fazer-te algumas perguntas.

O sargento admirado procura com a vista a pessoa, que lhe dirigia a palavra; — uma senhora de lucto pezado se dirigia para elle, o rosto da tal dama era de extrema palidez; e poderia ser tomada por uma louca, por causa da singular immobildade do seu rosto.

« Senhora! — responde o militar, fazendo-lhe respeitozamente uma continencia. — A quem tenho a honra de fallar?

— A desconhecida replica com um sorriso:

« Chamavam-me, outr'ora, a *Cavalleira da Noute*, depois denominaram-me por *Dama Negra*.

— Irra! eis o que tōa aos ouvidos! — replica Matarin recuando um passo. — Nomes enormemente distintos, a *Dama Negra*! ... sereis vós, por acazo, a que matou Gomes! Oh! então obrigado pela vizita! Com efeito era uma trigueirona alta! concebo que isto pos-

sa agradar, mas eu, fallando com franqueza, gosto mais das pequenas louras, seja dicto isto, sem que todavia vos enfadeis.

— Sargento ! Paquita está aqui ?

— Para vos servir, senhora. Deveis saber que a viuva de D. Estevão foi-me entregue para a guardar ; aqui ninguem é capaz de com-metter um assassinio.

Vós tendes-lhe amizade, Matarin ?

— Se fosse necessário deixava fazer-me em postas por sua cauza.

— Isto seria uma carnificina inutil. Conduzi-me ao seu quarto.

— Devagar, senhora *Dama Negra* ? dar-se-ha cazo que ella vos tivesse mandado chamar ; sereis vós encarregada dos seus vestidos de lucto ?

— Ver-me, hade fazer-lhe bem, sargento !

— Neste cazo dirigi-vos á senhora Beauve-lais, que está encarregada da sua caza. Dar-lhe-heis as vossas razões ; e então, de duas uma, ou vos hade conduzir á sua camara, ou vos hade pôr na rua.

— Seja qual for a maneira, heide entrar ; assim é precizo, soldado !

— Por que motivo.

— Só desejo ver a Paquita Monserrate para lhe dar consolações, esperança e talvez mes-mo a felicidade : quem sabe ! Dirigi-me a vós,

Matarin, porque a senhora Beauvelais me prohíbe obstinadamente a entrada em caza. Ella acha loucura nos meus olhos, e desordem nas minhas palavras. Declarou-m'o sem fingimento. E' um erro deploravel, sargento!

— Vós talvez lhe pespegasseis logo na bochecha os vossos nomes : *Cavalleira da noute e Dama Negra*, etc.

— Tenho uma missão a cumprir — responde solemnemente a hespanhola. — As minhas palavras serão talvez asperas, porém a minha vontade será firme. Sou agora a serva desolada do SENHOR que marcha com os pés descalços na estrada da vida, sem fonte, em que possa matar a sede, e sem leito, em que possa repousar.

Porque, sabeis vós o que é o remorso ? é o suicidio de todas as horas. Mas tambem é a expiação. Conduzi-me, chegarei. »

Matarin, abrindo os olhos com espanto, procurava em vão compreender esta mistura incoherente de sabedoria e de loucura. A attitude desta mulher cauzava ao mesmo tempo uma certa impressão melancolica e severa, supplicante e imperativa. O sargento tinha-se a principio disposto a desembaraçar-se della, despedindo-a sem cerimonia ; mas havendo nella um, não sei que, estranho e mysterioso que lhe callassei

va na alma e fascinava a sua intelligencia, tinha de repente mudado as suas ideias. Esta *Dama Negra*, de figura doloroza e poetica, vinha, talvez, ter com elle para cumprir algum decreto da Providencia.

Quem sabe se elle seria chamado a desempenhar um papel importante no acontecimento, que pressente? Matarin lezitava em responder.

— Sou Dolorida Mugnos,—diz a singular senhora.

— Finalmente,— diz o sargento,— este agora é um nome.

— Sou a irmã de Paquita.

— *Sua irmã!* — diz Matarin — acabais, por onde devieis ter começado. Cada um tem direito a entrar em casa dos parentes. Vinde! Vou introduzir-vos.

— Paquita estará só?

— Sim; a senhora Beauvalais está auzente e só volta ás nove horas da noute.

— Haveis de deixar-me só com a viuva.

— Não: tenho ordem preciza de nunca a perder de vista. Estarei na vossa companhia; em distancia, a menos que a senhora Paquita vos não reconheça ella mesmo e me grite: *De largo!* porque, ainda uma vez, ella está entregue

á minha vigilancia ; e para comigo nada affiança o que affirmaes.

Noutro tempo trazieis um punhal ; trazel-oheis agora ?

— Nada mais trago do que este livro.

— E que contém elle ?

— Os psalmos da penitencia.

— Isso não mata.

— Pelo contrario, dá vida.

— Vamos ; — replica o bravo sargento ; — talvez faça uma loucura. E' o mesmo ; ocorreu-me uma ideia. E demais, não falto á minha obrigação. Já que podeis fazer entrar aqui boas esperanças, não será de razão que eu vos diga : *De largo, aqui não se passa !*

E Matarin, fallando assim, introduzia a viúva Mugnos na camara de Paquita.

XIII

Ella é, ou não, louca?

Os ultimos rayos do sol esclareciam a camera de dôr, em que a espoza de D. Estevão chorava, havia dias, a sua viuez. Nenhuma consolação lhe calava no coração. A complacente senhora de Beauvelais empregava, para lhe mitigar a pena, todos os esforços, porem eram inuteis, pois que Paquita a elles era insensivel.

« Por que vos esforçaes em me restituir á vida? — dizia a infeliz:
— Não posso ser util a pessoa alguma, D'ora

avante a minha missão é sofrer, passar como uma sombra e chorar.

Ella tinha querido assistir aos funeraes de seu marido, tinha exigido ver os seus restos mortaes e ajoelhar diante delles; os seus amigos lh' o tinham impedido.

« Ah ! era um coração tão nobre e generoso ! — dizia a desafortunada, — perseguida pela lembrança de D. Estevão. Elle era capaz de dar a sua vida por mim ; e eu, ingrata, matei-o... Era elle merecedor de uma alma como a sua ; e a quem escolheu elle por companheira ?... Oh ! Monserrate ! tu, que me amaste tanto sobre a terra, perdoar-me-has no Céo ? »

E as suas lagrimas corriam com profusão.

« Sim, — continuava ella em voz baixa — elle está no Céo ; não se *suicidou*. Aquella alma nobre e generosa de tal não era capaz. A fevre... um accidente... o delirio, tudo é possivel, nunca porem uma falta : Estevão jamais a commetteria. A só culpada sou eu. *O outro* tambem errou... o *outro*, porem, tudo expiou, morreu victima da ellevação de sua alma.

Seu choro então redobrava ; e torturada pelos remorsos exagerados da sua consciencia, caia ardendo em febre e aniquilada.

A senhora de Beauvelais, sua amiga, a

tinha deixado por muitas horas. O sargento Matarin se apresenta.

« Senhora ! — lhe diz o soldado, — está lá so-
ra uma pessoa vestida de lucto, que perten-
de ter a communicar-vos couzas, que valem a
pena. Ao principio, quando-se dirigiu a mim
dei-lhe pouca importancia. Depois, porem,
fez-me declamações e pronosticos, que me com-
moveram, tanto mais que ella é bella; e quan-
do falla mostra uma enfiada de perolas, que são
como gotas de rócio sobre as folhas de uma roza.

Que nome tem essa tal pessoa ?

— Tem-os ás duzias, e bem extravagantes. Primeiramente diz que é a *Cavalleira da noute*; depois *Dama Negra*; finalmente diz que é *vossa irmã*, e ..

— Que entre ! que entre ! — interrompe Paquita.

— A singular senhora já para a orfã se di-
rigia.

« Sou Dolorida, — lhe diz ella com voz cheia
de simplicidade, tristeza e doçura. Reconhe-
ces-me tu ?

— Sim, minha irmã.

— Julgas-te desgraçada, tu ? Compara po-
rém os nossos destinos ! Eu que acabarei de
passar sobre a terra sem jamais haver senti-
do, junto do meu, bater um coração.

Tu, pelo contrario, de todos os lados, havia vidas, que tiravam a sua existencia da tua.

— Mas a morte tudo acabou, Dolorida?

— E tu te fazes amargas repreenções, bem o sei.

— E não terei eu razão?

— Não, Paquita; não, julgo da tua vida melhor do que tu. Não conheci eu a tua dedicação a meu irmão? não renunciaste por sua cauza aquillo que te era mais caro do que a vida? Não te vi eu sacrificiar a tua mocidade á sua prematura velhice? Tu o aliviavas em seus males; encantaval-o nas suas dores!

Quantas vezes lhe ouvi o seu reconhecimento e agradecimentos. Escuta, minha irmã! só deve haver desespero real onde ha crime.

Não te venho pegar na mão, porque nas minhas ha sangue; mas venho dizer-te:

« Coragem, Depois de haveres sido o anjo consolador, podes ainda vir a ser o anjo consolado.

A orfã de Reus, espantada levanta-se.

O olhar de sua cunhada era tão singular como as suas palavras, a sua expressão tão mysterioza quanto o seu olhar.

« Dolorida! — replica ella, — que pode significar similhante linguagem?

Faz-te ella bem?

Sim, minha irmã; todavia o meu espirito agita-se.

— Queres tu seguir-me, Paquita?

— Aonde me conduzes?

— Què importa o logar! Queres saber onde é a minha morada? . . Viste já tu a folha caida antes do inverno volteando á vontade do vento e da agua sem poder tornar ao ramo, de que foi despegada, nem lançar raizes em terra alguma? Pois bem! sou esta folha arrancada da arvore, esta folha morta rojando pelo chão; não tenho abrigo em que possa fixar-me, nem terreno em que possa viver.

A viuva de Estevão sente comprimir-se-lhe o coração. Evidentemente se conhecia a alienação nas palavras e feições de sua cunhada. A cabeça de Paquita cae sobre o travesseiro com sombrio desalento; e Dolorida continua:

— Haverás tu força, pobre creança para supportar um novo golpe?

— Que tenho eu que receiar ainda, minha irmã!

— Aqui no mundo sempre ha que temer; se não é o mal é o bem, porque as alegrias tambem podem ser funestas.

— As alegrias! — repete Paquita! DEOS Todo PODEROZO! As vossas expressões! As

vossas palavras?.., Vós tendes alguma couza para me dizer?

Batia-lhe por tal forma o coração que parecia estalar-lhe o peito, e com a vista inquieta interrogava a viuva Mugnos com a ansiedade da esperança e da dúvida.

— Sim, tenho a dizer-te alguma couza, — responde Dolorida passando a mão pelos cabellos com ademanes de loucura. Sim, mas fenece-me a memoria. Oh! é porque a *memoria para mim* é como espelho vingador, que me reflecte a horrivel imagem do preterito. Todavia esperae! estou aqui! entrei nesta caza com certo sim: começo a recordar-me. »

Paquita apenas respirava.

« Tu contas comigo, — continua a irmã de D. Estevão. — Tens razão; pareço-te forte. Não te apprimes, porem, muito; para conservar prestigio é necessario guardar certa distancia. Se o proprio Deos estivesse ao alcance do homem, este deixaria, talvez, de o adorar. Tornemos porem ao que eu te queria dizer. Eu era a *Cavalleira da noute*; disto te lembras, sem duvida.

Subi depois um rochedo, e elle!.. tu sabes-lhe o nome: *Gomes*; elle... não tinha pensamentos senão para ti: Eu tinha um punhal: matei-o.

— Que ! creis vós ! — exclama a orfã.

— Alcunhavam-me então por *Dama Negra*, — continua a viuva Mugnos. — Depois seguiram-se outras couzas. Mas o barco, o assassino... e comtudo julgo lembrar-me de um mancebo. Oh ! este tal sabia amar.

— Um mancebo ! e quem era elle ?

— Pedro Walls

— Ah ! por piedade ! continuae ! — diz Paquita toda palpitante de espanto e de receio.

Vindes por ventura fallar-me delle ?

— Sim.

— Vós o amaveis ? não é verdade ?

— Não, e felizmente para elle ; porque tambem me não amava ; e como ao outro talvez tambem, por tua cauza o houvesse assassinado.

— *Assassinado* ! minha irmã ; elle porém morreu.

— Tens as provas do que dizes ?

— Não, e vós ?

— Eu ! — responde Dolorida com voz sinistra.

— Oh ! vi o banhado no seu proprio sangue.

— A Pedro Walls ?

— Não, a Luiz Gomes.

— E dando uma gargalhada continua :

— Heide restituir-te o teu ; e vós tocareis

guitarra; haveis de ser conduzidos á igreja e o povo gritará, vendo-vos passar: são os *Despozados da Morte*.

Mas attendei, e acreditaes-me! quando houverdes saboreado o amor e todas as suas dilícias, morrei. A terra e o tempo não bão de ter mais nada a offerecer-vos. E depois para a própria honra do amor, para seu triumpho e gloria, é necessário que a morte vos arrebate no meio dos seus encantos, que a velhice vos não alcance; que não vejaes, sobre tudo, o cadaver de qualquer de vós!

— Oh! a infeliz! — murmurava em voz baixa a viuva de D. Estevão; — ella perdeu inteiramente a razão.

— De todo, ainda não; — responde a viuva Mugnos, que prestava toda a attenção; — parece-te que escarneço dos teus males, e demais que haveria nisto digno de admiração! é muito simples, não te confessei, ha já muito tempo, que te odiava; visto que tu devias ser cauza da morte de Gomes, pois que me impellias á vingança. Pois bem! apesar disto ainda me interessas; e, seja ou não prova de loucura, sou affeiçoada a Pedro.

— A Pedro! — repete Paquita.

— E levantando as mãos ao Céo:

— O' Meu DEOS! — dizia ella fóra de si, —

tirai-me desta horrivel perplexidade: é, ou
não, louca, esta mulher?

— Queres certificar-te? Segui-me!

Passa-se um minuto de silencio e de hezi-
tação.

«Estou prompta, Dolorida! — diz a viuva
de D. Estevão com tom firme, e levantando a
cabeça com coragem inesperada. — Só vos peço
uma palavra:

Ha para mim alguma esperança?

— Que esperança?

— Tendes um sim?

— Assim o penso.

— Como havemos de partir?

— No meu carrinho que nos espera á porta.

— Vinheis, pois buscar-me?

— Sem duvida.

— E acreditaes!...

— Acredito em tudo, posso tambem não
crer em couza alguma. Qualquer dos dous par-
tidos é razoavel.

— Haveis de fallar-me em Pedro!

Sim, em Pedro e em Gomes. Um está en-
tre ti e a desgraça; o outro está entre mim
e o Céo.

Tu choras: quanto feliz es. Eu! desgraçada!
não tenho lagrimas nos olhos; delles só po-
derá correr sangue.

— Acabemos, — diz Paquita. — Se o supplicio se prolonga tornar-me-hei tambem louca!.. Vamos, Dolorida, eu vos sigo.

Tão desvairada como sua irmã, ensia á pressa o primeiro vestido que acha á mão.

Está animada por uma extraordinaria energia; poderia chamar-se-lhe o derradeiro clarão de uma luz, prestes a extinguir-se; põe-se em pé, decidida e firme.

“ — Matarin! — diz ella ao sargento, que por discreta precauão se tinha conservado afastado, — precizo dos vossos serviços.

— Commandae.

— Ides acompanhar-me e a minha irmã.

— A Velanes, — ajunta a viuva Mugnos.

— E' pois verdade, — replica o sargento. — que sois parentes!.. E por que motivo saís daqui?

— Isto não é da conta de ninguem, — diz imperiozamente Dolorida.

— Neste cazo, — retruca o sargento, um tanto despeitado, — se não é isto da minha conta, para que exigis os meus serviços! E' necessário para pôr os outros em bom caminho, que aquelle que os conduz seja bom guia; governae mal o melhor dos cavallos e fal-o-heis o peior rocinante.

— Meu bom Matariu! não vos zangueis;

— diz a orfã com maneiras supplicantes, já sou assaz desgraçada.

— Faça-se a vossa vontade; — responde o militar enternecido, — por vossa cauza irei ao cabo do mundo.

Um instante depois, Paquita, Dolorida e Matarin, com grande surpresa dos creados de Marsennas, deixavam a herdade. Esta ultima tinha escripto algumas palavras á senhora de Beauvelais para lhe serem entregues quando ella voltasse: o carrinho parte.

Era um lindo carrinho descoberto, á maneira de caleche, puchado por duas mulas governadas por um criado. O sargento sentado junto do cocheiro, olhava de espaço a espaço para as duas senhoras com certa admiração, porque lhe parecia extraordinaria a sua prompta partida. Muitas vezes achava as palavras de Dolorida faltas de coherencia; todavia ellas, por sua poetica expressão, impunham á sua imaginação. Ha almas simples, que são levadas a admirar o que ellas não comprehendem perfeitamente; o vacuo se lhes affigura ser o espaço; e o chaos a immensidade.

A noute ia, pouco a pouco, estendendo o seu negro manto sobre o campo. Dolorida Mungos guardava silencio, havia longo tempo; ella o quebra com gestos de sofrimento e de

terror. Com o dedo mostrava, ao longe, a praya e as ruinas de Torenos.

«Paquita, olha,—diz a desventurada Mugnos; — foi com tudo para te salvar, assim como a meu irmão, que cheguei a tal extremidade, naquelle fatal noute!... E' pois myster que me arrependa de uma acção generoza!... O meu cavallo era cõr de ebano e com as ventas abertas farejava e advinhava a tempestade. D'aqui provém o singular nome que me deram. Lembras-te tu da maneira, por que fui recebida no banquete do pirata!... Ah! para que tinha eu um punhal!

Inclina a cabeça para o peito e deste se escapa um profundo suspiro.

«Minha irmã,—lhe diz Paquita com docura,—sentis vós os perfumes do campo? Ouvis o gorgorio dos passarinhos?

— Oh! para mim acabaram as armonias. Para o coração em que feneceu o amor, não ha primavera, nem flores; não ha cantos nem sonhos; tudo é dor, silencio e tumulo.

— Dolorida!

— Creança! cauzo-te espanto. Queres voltar para traz?

— E' o que me aconselhaes?

— Deos me defende de tal: desta vez não caminho para o crime. O crime! oh! é elle o

cancro que me devora ! porque a não ser elle eu choraria, como tu, e os choros podem seccar-se. Mas o *remorso* ? é fogo ! é fogo , que nunca se extingue. Minha irmã ! que tu sejas feliz ! ... nunca experimentas-te , tu , senão desgraças.

Paquita aperta a mão da viuva Mugnos com um sorriso cheio de amargura.

— *Desta vez* , — repete a orfã abstractamente e em tal desordem de espirito que se assimilhava ao de sua cunhada ; — *desta vez não caminhaes para o crime* ? dizeis vós.

— Não , Paquita ; não : pelo contrario.

— *Pelo contrario* ? Onde vamos nós ?

— Has de saber-o , porem mais tarde. Tende paciencia ! esperae !

— Por que motivo vos não explicaes já ?

— Parece-me que m'õo prohibiram.

— E quem ?

— Aquelle que tem juízo perfeito e são.

— O' MEU DEOS ! — replica Paquita pondo as mãos e elevando-as para o SENHOR ; — fazei descer sobre mim um rayo de luz ! Ainda uma vez , por piedade ! é , ou não , louca esta mulher ?

Matario fazia que as mulas apressassem o passo , e dentro em pouco chegaram ao termo da viagem. Velanes estava diante delles.

Paquita , entrando em caza da cunhada ,

com dificuldade se arrasta até á sala. Esta linda caza era rente com a rua ; e dava para um lindo jardim cheio de bosquezinhos. Tudo ahi respirava o gosto e a riqueza.

Os moveis eram elegantes ; uma infinitade de ramalhetes de flores exhalavam seu perfume em brilhantes porcelanas. As paredes eram ornadas com espelhos e painéis. Dir-se-hia esta caza, assim preparada, estar para servir a uma festa.

Dolorida olha em derredor com vago espan-to. Com um gesto de mão faz retirar os criados.

Paquita senta-se em uma larga cadeira de braços collocada diante da porta do jardim ; e nem sequer uma palavra lhe sae da bocca.

Algumas velas estavam accezas sobre a chaminé da sala. Paquita, com a cabeça encosta-dada a uma das mãos, tinha caido em uma especie de lethargo, que lhe roubava, ao mesmo tempo, o pensamento, o movimento, a intelligencia e a dôr. Este estado nada tinha de penivel.

Quanto pura e bella era esta noute ! .. Af-fluiam, não sei que melodias mysteriozas que pareciam introduzir-se por entre as sombras e a penumbra, e depois estenderem-se e desenvolverem-se como eccos armonicos. De repente ao

longe e do meio dos bosques, armoniosos e
reaes sons.

Eram elles os de uma guitarra. Attraidos pela briza da tarde, os sons se aproximavam, cada vez mais. DEOS! que voz! que palavras!

Canta, ó minha lyra,
Canta sempre
A minha barca livre da voragem
Minhas esperanças, coragem
E os meus amores!

Paquita fica immovel. Não acredita na realidade do que ouve. Imaginava que só um sonho encantador podia arrancal-a assim, por alguns instantes, ás dores da sua posição. Guardou-se de fazer o mais pequeno movimento com receio de quebrar o prestigio. A doce canção continuava; e parecia confundir-se no coração de Paquita, assim como no ar os perfumes do bosque e as recordações do amor.

Dolorida dirige-se para a orfã.

— E então? — diz a viúva Mugnos, — é, ou não, louca, esta mulher?

Paquita levanta-se como douda. Seus olhos immensamente abertos estavam fitos sobre a irmã com expressão de desespero; elles a supplicavam que não dissipasse o encanto, que a cercava. A orfateria querido fallar; ha porem

certa eloquencia silencioza, que se irrita, em certos momentos, contra a palavra; porque esta não se acha na devida elevação do sentimento e não faz mais do que resfriá-lo. A orsā de Reus cae sobre a cadeira cobrindo o rosto com as mãos e em voz baixa pronuncia estas palavras:

«Louca! Oh! eu é que quazi o estou!

Minha irmã! — replica Dolorida com voz quazi tão assavel como a melodioza briza da tarde, — dai-me a tua mão.

— Eil-a.

— Onde está o teu anel nupcial?

— Já o não tenho, Dolorida; elle tirou-m'o; quando estavamos no barco cercados pelos ventos e pela tempestade, antes de se lançar ao mar.

— Foi elle que t'o tiron? Pois bem! Paquita! .. vai pedir-lhe que t'o restitua, elle está alem.

Paquita corre logo para fóra da sala com delirio inexprimivel. Ella não se sente nem andar, nem obrar, nem viver. Abandonada pela razão, dominada pela demencia, não é deste mundo nem do outro; não pertence à realidade nem à ficção; o seu estado de exaltação e de perplexidade, de espanto e de felicidade é a confusão de todos as humanas faculdades, primei-

ramente embrenhadas e perdidas na espessa noute da desgraça, depois recobradas e aviventadas pelo amor.

Entra no bosque do jardim.

Densa ahi era a obscuridade; porem servia-lhe de sachô conductor a melodia, que ainda lhe retenia nos ouvidos. Chega .. apenas vê.

Dante della alguns passos ... Um mancebo palido e desfigurado ... Grande DEOS! é o guitarreiro! ..

Deitado sobre um banco de relva, com trabalho escapo á morte, só tem um sopro de existencia ...

Sim mas neste sopro de essencia divina, acham-se reunidos tres poderes, ou antes a sua existencia completa: o canto, a poezia e o amor.

Paquita deixa escapar um grito de felicidade. Desta vez a commoção é muito forte; não pode vencel-a. Cae de joelhos ... muribunda.

Os choros e os suspiros a suffocam. Uma nuvem lhe cobre a vista ..

Está nos braços de Pedro Walls.

Pouco tempo passado depois da scena do bosque, Pedro tinha recobrado a vida, a saude, a força e a felicidade; junto delle está Paquita.

Na fatal noute, em que Gomes tinha sido morto por Dolorida, esta corroida pelos re-

morsos como Orestes perseguida pelas fúrias errava pela praia. A tempestade tinha amanhecido, e o dia estava a despontar. A viúva Mugnos percebeu na praia, na pequena baía de Pirmas, o corpo ensanguentado do guitarreiro que as vagas de si tinham expulsado. Arremegado de cachopos em cachopos, não dava sinal de vida. Dolorida perseguida pelo começo da loucura, corre à cabana de Miro, e, ajudada por ele, faz transportar Pedro a Velanés. Recomenda ao pescador que guarde profundo segredo. Para que exigiria ella similhante silêncio? Ah! nem ella mesmo o sabia! parecia-lhe, no seu estado de vaga loucura, no momento, em que acabava de commetter um horrível homicídio, que lhe era necessário cercar-se de misterios, sob pena de morte.

Pedro Walls recobrando os sentidos tinha percebido a alienação da sua libertadora; todavia, com bastante trabalho tinha conseguido que ella o entendesse; sabia que D. Estevão tinha morrido e que Paquita tinha sido salva por Matarin; envia a viúva Mugnos a Marsennas: communica-lhe seus planos e obtém ser por ella compreendido. Finalmente tudo se tinha passado conforme aos seus votos e a desgraça tinha fugido para longe dos dous amantes reunidos.

«Ouves tocar estes sinos? — dizia em certa manhã o bravo sargento Matarin aos seus companheiros d'armas. Grande ceremonia na cathedral!

Dous noivos salvos do tumulo! Com a breca! tinham a vida bem dura! Outr'ora estive a ponto de os matar, e hoje danço nas suas bodas.

A cabeça quazi que me anda á roda; isto é que se chama acabar alegremente!

«Minha irmã! não t'o havia eu annunciado? — dizia Dolorida com voz sombria, seguindo Paquita á igreja; — o povo se reune. A guarnição vos mostra com o dedo. Escutae o que cada um diz: são os *Despozados da Morte!* » (*)

FIM DO PRIMEIRO E ULTIMO TOMO.

[*] O author, que conheceu de perto o sargento Matarin, a quem deu infinitade de circunstancias sobre Pedro Walls, assistiu com elle ao casamento de Paquita.

ÍNDICE.

DOS CAPÍTULOS QUE CONTEM ESTA OBRA.

CAP.	PAG.
I. O Contrabandista.	1
II. A cisterna da morte	26
III. A Mortalha	46
IV. A Pouzada dos Bandidos	67
V. As Ruinas de Torenos	108
VI. A Cavalleira Nocturna	127
VII. A Dama Negra	148
VIII. Encontro no Princípio	172
IX. A Plataforma do Meio Dia	191
X. A Corda partida	211
XI. Consequências do naufrágio	222
XII. Ella é, ou não, louca	232